

Elaine C. Prado dos Santos

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do autor,
proprietário do Direito Autoral.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Número, Prêmio, Categoria, Prêmio das
O IV canto das Geórgicas / Elaine C. Prado dos
Prado dos Santos. — São Paulo: Scorum, 2007.

ISBN 978-85-88-0334-9

O IV CANTO DAS *GEÓRGICAS*

CD 073

07-120

Indíce para catálogo sistemático:

Geórgicas / Canto IV / Prado dos Santos, Elaine C.
I. Geórgicas. II. Canto IV. III. Prado dos Santos, Elaine C.
IV. Geórgicas. V. Canto IV. VI. Prado dos Santos, Elaine C.

Grupo Editorial Scorum

Scorum Editora
Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05423-970
Telefone: (11) 3073-1179 e (11) 3073-6201

www.edscorum.com.br
edscorum.com.br
Livraria da Scorum
www.edscorum.com.br

SCOR
Editora
TECCI

O IV CANTO DAS
GEÓRGICAS

ARTE FINAL DA CAPA
Rodolfo Focaccia

Copyright© Elaine Cristina Prado dos Santos

4338/1 – 0500 – 168 – 2007

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do autor,
proprietário do Direito Autoral.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Elaine Cristina Prado dos
O IV canto das Geórgicas / Elaine Cristina
Prado dos Santos. -- São Paulo : Scortecci, 2007.

ISBN 978-85-366-0924-9

1. Poesia latina 2. Virgílio. Geórgicas -
Crítica e interpretação I. Título.

07-7513

CDD-873

Índices para catálogo sistemático:

1. Geórgicas : Poesia latina : Interpretação
869.93

Grupo Editorial Scortecci

Scortecci Editora

Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970

Telefax: (11) 3032-1179 e (11) 3032-6501

www.scortecci.com.br

editora@scortecci.com.br

Livraria e Loja Virtual Asabeça

www.asabeça.com.br

"Não sou daqui, sou de morto. Sou o músico do
morto. No morto sou conhecido - sou a vida do mor-
to. Eu sou o morto. Devo à cidade para buscar
Euridice, a mulher do meu coração. Há muitos dias
busco Euridice. Todo o mundo canta, todo o mundo
bebe, ninguém sabe onde Euridice está. Eu quero
Euridice, a minha mulher morta, a que morreu por
grat de mim. Sem Euridice não posso viver. Sem
Euridice não há Ordem, não há música, não há nada.
O morto parou, tudo se esqueceu. O que resta de
vida é a esperança de Orfeu ver Euridice, de ver
Euridice não que seja pela última vez!"

Música de Morfeu. Orfeu de Copacabana

*A Antonio, meu amor e companheiro, e
aos nossos jovens filhos, Laís e Nelson,
obras preciosas de nossas existências.*

Copyright © Editora Cosmopolitana Ltda.
1997/2011 - 9500 - 118 - 2011

O presente livro não é de propriedade do autor,
propriedade da Editora Cosmopolitana.

Departamento de Geografia, na Faculdade (CDP)
Universidade Estadual de Londrina, 57, Brasil

Editora Cosmopolitana Ltda.
O IV canto da Odisseia / Odisseia
Poesia de Gregos - São Paulo - Brasil, 2011

ISBN 978-85-358-0000-3

1. Poemas gregos 2. Poemas de Gregos
Crítica Literária 3. Teoria

000000

CDP-57

Indicador para catálogo sistemático

A História da Literatura Grega
do mundo antigo ao mundo moderno
e contemporâneo. I. História da Literatura Grega
do mundo antigo ao mundo moderno
e contemporâneo. II. História da Literatura Grega
do mundo antigo ao mundo moderno
e contemporâneo.

Grupo Editorial Scortecci

Scortecci Editora

Casa Postal 11.081 - São Paulo - SP - CEP 05422-970

Telefone: (11) 3002-1179 e (11) 3-02-6901

www.scortecci.com.br

editora@scortecci.com.br

Leitores e José Vianal Assis

scortecci@scortecci.com.br

Somário

O IV canto no contexto das <i>Odisséias</i>	13
Reações Políticas, segundo antiga tradição, para o final do IV canto.....	49
O Navegar “Não sou daqui, sou do morro. Sou o músico do morro. No morro sou conhecido – sou a vida do morro. Eurídice morreu. Desci à cidade para buscar Eurídice, a mulher do meu coração. Há muitos dias busco Eurídice. Todo o mundo canta, todo o mundo bebe: ninguém sabe onde Eurídice está. Eu quero Eurídice, a minha noiva morta, a que morreu por amor de mim. Sem Eurídice não posso viver. Sem Eurídice não há Orfeu, não há música, não há nada. O morro parou, tudo se esqueceu. O que resta de vida é a esperança de Orfeu ver Eurídice, de ver Eurídice nem que seja pela última vez!”	52
O Orfeu	63
Condição	69
O IV canto	75
Tudo	93
Não	109
Referências	139

Vinicius de Moraes, Orfeu da Conceição

O IV canto no contexto das *Geórgicas*

A composição das *Geórgicas*, pelo poeta latino Vergílio¹, levou oito anos, pelo menos, pois provavelmente foram começadas após as *Bucólicas*², em 37 a.C., e terminadas em 29 a.C., quando lidas por Otávio³. Este período terminava com a vitória de Otávio sobre António⁴, quando se verificaram acontecimentos que mudaram a face do mundo mediterrâneo. Quando Vergílio começou seu poema, o Império não tinha segurança nem no exterior nem no interior, pois do leste pressionavam os Partos; do nordeste, os Germânicos, Sexto Pompeu ameaçava e António também instigava o perigo.

¹ *Publius Vergilius Maro* nasceu a 15 de outubro do ano 70 a.C., sob o primeiro consulado de Licínio Crasso e de Pompeu Magno, em Andes, aldeia próxima de Mântua, cuja tradição a identifica com a aldeia de Piétole. Parece que a família de seu pai pertencia à componente etrusca dos mantuanos, pois o *cognomen* Maro, entre os etruscos, designava uma magistratura. Biógrafos apontam para a origem humilde do pai, um camponês que também era oleiro, *opifex figulus*, e operário do arauto Mágio. Vergílio nos deixou três grandes obras poéticas: as *Bucólicas*, as *Geórgicas* e a *Eneida*. Em 19 a.C., Vergílio empreendeu uma viagem à Grécia e quis visitar a cidadezinha de Mégara, porém durante a excursão sentiu-se mal e seu estado agravou-se durante a volta à Itália, morrendo em Brindisi, em 19 a.C., poucos dias depois de desembarcar. Seus restos mortais foram inumados na estrada de Putéolos. Em sua sepultura, foi gravado um dístico cuja paternidade a tradição lhe atribuiu.

Mantua me genuit Calabri rapuere, tenet nunc

Parthenope: cecine pascua, rura duces.

(Mântua me gerou, na Calábria fui raptado à vida;

agora Nápoles me possui; cantei a grei, os campos, os heróis.)

² *Bucólicas* ou *Éclogas*, primeira obra divulgada do poeta Vergílio, uma coleção de dez poemas em hexâmetros, compostos entre 42 e 37 a.C. As *Éclogas* foram inspiradas nos idílios de Teócrito. Tanto as *Éclogas* quanto os *Idílios* de Teócrito foram os modelos principais da poesia pastoral.

³ *Augustus Octavianus*, 63 a.C. – 14 d.C., foi o primeiro imperador de Roma de 27 a.C. a 14 d.C. Caio Otávio, filho de família senatorial, tornou-se Caio Júlio César Otaviano, herdeiro legal de César. Em 27 a.C., firmemente estabelecido como senhor do mundo, Otaviano tornou-se César Augusto.

⁴ *Marcus Antonius* foi cônsul entre 44 e 34 a.C. e triúviro de 43 a 38, 37 a 33 a.C. Nasceu por volta de 83 a.C. em uma família nobre de prestígio crescente e chegou ao poder como aliado de César. Entre 49 e 47 a.C., nos vários períodos de ausência de César, António administrou a Itália em seu lugar. Como seu colega no consulado de 44, foi favorável ao assassinato de César, a fim de assumir a liderança de sua poderosa facção e herdar seu prestígio político.

*Iam pridem nobis caeli te regia, Caesar,
 invidet atque hominum queritur curare triumphos,
 quippe ubi fas uersum atque nefas: tot bella perorbem,
 tam multae scelerum facies; non ullus aratro
 dignus honos; squalent abductis arua colonis
 et curuae rigidum falces conflantur in ense.
 Hinc mouet Euphrates, illinc Germania bellum;
 uicinae ruptis inter se legibus urbes
 arma ferunt; saeuit toto Mars impius orbe:
 ut, cum carceribus sese effudere quadrigae,
 addunt in spatia et frustra retinacula tendens
 fertur equis auriga neque audit currus habenas.* (Geo. I, 503-514)

(Desde muito tempo, César, o palácio do céu inveja-nos tua presença e queixa-se de que cuidas dos triunfos dos homens, porque entre os homens a lei divina do justo e do injusto foi arruinada, tantas guerras pelo mundo, tantas formas de crimes, não há nenhuma honra digna para o arado; os campos estão sem cultivo, pois colonos foram levados, e as foices curvas são fundidas para uma espada rija. De um lado o Eufrates, do outro a Germânia inspiram a guerra. As cidades vizinhas, rompidos os tratados entre elas tomam as armas; Marte ímpio se enfurece no mundo todo: tal como as quadrigas se lançaram para fora dos cárceres, redobram a velocidade e o cocheiro, re-endo, em vão, as bridas, é levado pelos cavalos nem o carro obedece aos freios.)

Pierre Grimal (1992, p. 139) diz que quando Vergílio compôs as *Geórgicas*, as comunicações marítimas estavam muito inseguras. Os momentos de paz, como o acordo de Miseno em 39 a.C., não duraram muito. Agripa precisou de muita energia e habilidade para conquistar uma vitória definitiva sobre os piratas. A Sicília foi reocupada e nada mais impediu que os comboios chegassem até Roma. Nessa época Vergílio ainda não havia terminado as *Geórgicas*.

Uma propaganda literária em favor das culturas cerealistas não seria necessária, se é que alguma vez o fora. No entanto o poeta não se preocupa em ser útil, sobretudo em situações que sabe serem transitórias.

No prólogo do primeiro canto, Otávio é invocado como a décima terceira divindade, que um dia chegará a unir-se à série dos doze deuses do Olimpo.

*Tuque adeo, quem mox quae sint habitura deorum
 concilia incertum est, urbisne inuisere, Caesar.* (Geo. I, 24-25)

(E tu, também, que, não sabemos, em que assembléias de deuses terá lugar. Ou queiras, César, visitar as cidades.)

Portanto, a elaboração das *Geórgicas* foi lenta e teve lugar em um período particularmente repleto de eventos. Pode-se dizer que foi da breve batalha de Filipos⁵ até a de Ácio⁶. Conviveram, assim, na obra, tópicos contrastantes, como, no final do livro I, o horror pelo assassinato de César⁷ e a angústia das guerras civis; e, no prólogo do livro III, a presença forte do espírito augustano.

As *Geórgicas* refletem os passos da vida política, desde 38 a.C., período em que o poeta temia que as conseqüências da morte de

⁵ *Philippi*, cidade na Macedônia, a leste do rio Strímon, cenário da derrota, em 42 a.C., das forças de Bruto e de Cássio pelas de Marco Antônio e de Otávio, onde morreram os dois primeiros.

⁶ Ácio, promontório ao sul do Épiros, na embocadura do golfo Ambrácio. Marco Antônio reconheceu Cleópatra, rainha egípcia, como sua esposa e doou aos filhos dela territórios da república, procedimento que lhe tirou toda a popularidade em Roma. O senado, então, confiou a Otávio poderes para combatê-lo. Desta forma, travou-se uma guerra entre os dois, Marco Antônio e Otávio, terminando com a famosa batalha naval de Ácio em que Otávio saiu vencedor; Marco Antônio suicidou-se e Cleópatra também. A partir de então, Otávio foi aclamado *Augustus*.

⁷ *Caesar* (100 – 44 a.C., cônsul, 59, 48, 46 – 44 a.C.; ditador, 49 – 44 a.C.). Júlio César foi a personificação do gênio militar e administrativo dos romanos. Embora tentasse conciliar a oposição senatorial com sua *clementia*, sua intenção de abolir o regime republicano provocou a conspiração de Cássio e Bruto para matá-lo em 44 a.C.

César e os tumultos dela decorrentes persistissem, até 31 a.C., quando Otávio ascendeu ao poder como herói. Tanto Catão⁸ quanto Varrão⁹ se dirigem, em seus tratados, ao proprietário opulento. Enquanto Varrão, em *Res Rusticae*, refere-se aos campesinos brevemente, *qui segetes non tam latas habent* (R. R., I, 29, 2). Estes são exatamente os lavradores em quem pensa Vergílio ao escrever suas *Geórgicas*:

*Non nulli postea, qui segetes non latas habent, ut in Apulia
et id genus praeidiis, per sartores occare solent, siquae in
porcis relictæ grandiores sunt glæbae.* (R.R. I 29,2)

(Depois, aqueles que não têm as colheitas tão ricas, como na Apúlia e nas terras deste gênero, costumam gradar pelos sachadores as glebas muito grossas que são deixadas nos rêgos.)

Vergílio era filho de um pequeno proprietário e não via, com bons olhos, os grandes domínios. O poeta dirige-se aos pequenos proprietários, tanto aos veteranos instalados recentemente em suas terras, quanto aos campesinos que sobreviveram às guerras civis. Para o poeta, o dono do domínio deveria exercer suas funções pessoalmente, ou seja, a propriedade deveria ser o objeto de sua própria atenção (*Geo.* II, 408 – 410).

O poeta anuncia, em seus cinco primeiros versos, a ordenação de um plano: o de seu poema em quatro livros. O tema de cada um deles é elucidado nestes primeiros versos, com divisão muito clara da agricultura em quatro partes: o

⁸ *Cato* (234 – 149 a.C., cônsul, 195 a.C.). Personalidade política e orador, Marco Pórcio Catão, projetou-se como defensor vigoroso da sociedade e dos valores tradicionais de Roma. Dos tratados sobre agricultura, retórica e medicina, dedicados ao filho, dos trabalhos sobre leis e guerras e mais cento e cinquenta discursos, restaram apenas fragmentos. O tratado *Sobre a agricultura* sobreviveu, trata-se de uma cativante mistura de orações, encantamentos, receitas e preceitos.

⁹ *Varrão* (116 – 27 a.C., soldado e polímata). Marco Terêncio Varrão nasceu em Reate ou em Roma. Foi considerado universalmente o romano mais culto de seus dias por sua colossal produção literária, que revela influências platônicas, estóicas e pitagóricas. Apenas *Res rusticae*, obra de sua velhice, a qual trata de agricultura em três livros, sobreviveu completa.

trabalho dos cereais, subdividindo-se em operações rústicas e dados astronômicos; a arboricultura, representada pela viticultura; o gado, subdividindo-se em bois e em gado miúdo e, por fim, as abelhas.

*Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram
uertere, Maecenas, ulmisque adiungere vitis
conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo
sit pecori, apibus quanta experientia parcis,
hinc canere incipiam.* (*Geo.* I, 1 – 5)

(Agora vou cantar o que faz as colheitas férteis, com que astros convém arar a terra, Mecenas, e unir as videiras aos olmeiros; que cuidados exigem os bois, que conduta (seguir) para se manter um rebanho, que grande experiência para as parcas abelhas.)

Essas quatro seções são divididas em dois grupos de dois, ou seja, os livros I e II, III e IV. Cada grupo é precedido por um preâmbulo e finalizado por um elogio. No primeiro grupo, há o elogio à vida campestre (II, 458 – 542) e, no segundo, haveria o elogio a Galo, compondo o final do IV livro, em sua primeira edição.

As *Geórgicas* são um poema didático e representam o momento que a arte vergílica alcança a perfeição. Logo nos primeiros versos, é feita uma dedicatória a Mecenas: *Maecenas... hinc canere incipiam*, pois, conforme o poeta, o protetor das letras lhe sugere escrever uma obra sobre o campo: *haud mollia iussa* (*Geo.* III, 41). Há referências de que o poema foi feito em honra de Mecenas: *in honorem Maecenatis*. Talvez esta sugestão refletisse o empenho em colocar as letras romanas a serviço da política de Augusto. O poeta, ao cantar a terra e os encantos rústicos, quiçá pudesse incentivar a volta ao campo de milhares de camponeses que estavam desempregados na cidade. Conseqüentemente, poder-se-ia restaurar a agricultura itálica, que se encontrava em plano inferior devido às guerras civis.

Mecenas¹⁰, segundo a tradição, foi quem sugeriu o poema das *Geórgicas*, cujo ideal responderia a um dos pontos do programa político instaurado por Augusto, ou seja, o retorno à agricultura, uma das bases da grandeza de Roma. Para a época, o louvor do trabalho agrícola, a dignificação da profissão do lavrador eram muito significativos. Apesar de a agricultura ocupar importante posição na economia do Oriente e ser uma fonte importante de riqueza para os conquistadores, Mecenas não teria pedido a Vergílio a composição de um poema sobre a vida campestre que incentivasse diretamente os camponeses.

Por meio de diversos comentários, observa-se muitos considerarem que Vergílio obedeceu a uma palavra de ordem exemplificada pelas palavras *haud mollia iussa*, no verso 41 do terceiro canto. Porém outros argumentaram que Vergílio não poderia ter realizado uma obra-prima como são as *Geórgicas* por indução de uma ordem, que Vergílio não seria submisso às ordens do ministro de Otávio a fim de proporcionar um retorno à terra e uma valorização à agricultura. O mais interessante seria, pois, apreciar a inspiração livre. Provavelmente o poeta teria aceitado a sugestão de optar por uma determinada escritura; no entanto, não o fez por obrigação, mas porque tal sugestão correspondia à sua própria inspiração.

Convém relatar o comentário feito por La Penna (1988, p. 71 – 72), segundo o qual, não seria culpa nem erro supor alguma veracidade na afirmação de Vergílio acerca da recomendação feita por Mecenas, de tratamento, nas *Geórgicas*, do tema da agricultura, e que essas solicitações teriam se originado dos problemas da crise agrária e social na Itália. Seria um erro, sim, supor que a solicitação de Mecenas fosse a de elaboração de um poema didático que servisse de guia para os agricultores da Itália. O que Mecenas, Vergílio e Otávio desejavam era um impulso ideal que favorecesse um retorno à terra com confiança no trabalho e no Estado Romano-Itálico.

¹⁰ *Maecenas* foi o patrono das letras. A partir de 43 a.C., revelou-se um auxiliar útil e leal do jovem Otávio. Atuou como intermediário em várias ocasiões e foi encarregado da administração de Roma e da Itália.

Grimal (1992, p. 121-122) diz que não importa o sentido preciso das três palavras; entretanto, a interpretação de *haud mollia* diz respeito à natureza das relações entre Vergílio e Mecenas. Trata-se de uma ordem, de um conselho, de um convite, ao qual Vergílio realmente se mostra obediente ou deferente. Grimal ainda questiona o sentido de obediente, analisando as três palavras *haud mollia iussa*.

*Interea Dryadum silvas saltusque sequamur
intactos, tua, Maecenas, haud mollia iussa.* (Geo. III, 40 – 41)

(Entretanto percorramos as matas das Driades e os bosques intactos, estas são as tuas ordens não fáceis, Mecenas.)

Pode-se verificar, através dos versos transcritos, que os arvoredos e as pastagens das montanhas são virgens, porque nenhum poeta antes de Vergílio empreendera cantá-los. Conclui-se, portanto, que o convite feito por Mecenas se referia aos assuntos tratados no terceiro e, talvez, no quarto canto. Observa-se que o poeta fala em *iussa* uma única vez em todo o poema.

Mecenas aparece logo nos primeiros versos (Geo. I, 1 – 5) e para ele, no II canto, é feito um pedido por Vergílio para que o assista no presente empreendimento:

*Tuque ades inceptumque una decurre laborem,
o decus, o famae merito pars maxima nostrae,
Maecenas, pelagoque uolans da uela patenti.* (Geo. II, 39 – 41)

(E tu estás presente e percorre a obra empreendida, ó honra, tu és a melhor parte de minha fama, com justiça, Mecenas, voando dá velas ao extenso mar.)

Vergílio revela que o poema é dedicado em honra a Mecenas, *decus*, e ele deve ao protetor das Letras a melhor parte de sua fama,

famae maxima nostrae, e tudo isto com justiça, *merito*. Mecenas, desta forma, desempenha o papel da divindade tutelar, da forma assumida pela inspiração, pois, segundo Pierre Grimal (1992, p. 122), assim exigia a convenção: todas as dedicatórias de músicos e poetas sempre disseram que aquele a quem se dirigiam tinham cem vezes mais talento do que o que fingia encolher-se. Pichon (1948, p.102) também faz referência semelhante à de Grimal, quanto ao tipo de sugestão por Mecenas, ou seja, de que as florestas seriam o objeto que Vergílio deveria cantar. Segundo Grimal (1992, p. 123), nada leva a crer serem as *Geórgicas* uma encomenda de Mecenas, pois o protetor das Letras é o vento que empurra a embarcação; não é nem seu piloto nem seu comandante. Só para esclarecer, retomem-se os versos acima: “E tu estás presente e percorre a obra empreendida, ó honra, tu és a melhor parte da minha fama, com justiça, Mecenas, voando dá velas ao extenso mar.” É muito interessante o argumento de Grimal, de que Vergílio, quando começou a escrever um poema sobre a terra, no qual queria tratar das culturas essenciais à vida do homem, teria recebido de Mecenas o conselho de abordar também todas as formas de criações de animais, inclusive a de abelhas, que era tão importante, pois não existia outro açúcar além do mel.

Talvez tenha havido duas *Geórgicas*, como afirma Grimal, uma primeira que compreendia os dois primeiros cantos, e uma segunda, que seriam as *Geórgicas* em quatro cantos, como se conhece. Nos dois primeiros cantos, Mecenas é invocado como destinatário; o poeta lhe diz o que vai narrar, apresenta-lhe o seu plano de trabalho e pede que o assista em sua obra. No canto I, o poeta parte de uma visão panorâmica sobre as condições nas quais as plantas podem nascer. Com o canto II, o poeta relata os preceitos referentes às árvores. Se houvesse duas *Geórgicas*, a primeira falaria das plantas e das árvores, e a segunda, tal qual se conhece, em quatro livros, seria uma sugestão de Mecenas, *haud mollia iussa*, para que Vergílio continuasse seu projeto, acrescentando a criação dos animais, uma etapa muito

próxima à natureza humana, e o quarto canto, com as abelhas, constituiria um exemplo de disciplina e concórdia.

Segundo a concepção tradicional, Mecenas, o ministro da cultura, mobilizava talentos como Vergílio, Horácio, a serviço do novo regime; propunha-lhes temas que deveriam ser tratados e recompensava-os muito bem. Esse pensamento parece um tanto ingênuo; talvez esses homens tivessem se agrupado ao redor de Mecenas por encontrarem nele uma concepção de vida e de arte. Provavelmente o novo regime correspondesse às suas aspirações.

No poema como um todo, um desenvolvimento puramente didascálico dificilmente poderia exprimir todo o seu sentido. Vergílio, nas *Geórgicas*, apresenta muitas digressões, todavia preocupa-se em envolvê-las profundamente na obra, a fim de que elas dêem uma expressão mais ampla e mais explícita dos motivos ideais. A obra se alicerça nas experiências de Hesíodo¹¹, de Lucrécio, de Arato¹². Mesmo sendo carregada de digressões, as *Geórgicas* são arquitetonicamente harmônicas:

LIVRO I: Cereais

1 a 42: Proêmio.

42 a 203: Trabalhos para o cultivo dos cereais.

118 a 159: digressão: A teodicéia do trabalho.

204 a 350: Tempos dos trabalhos e Calendário.

231 a 258: digressão: A origem do Calendário

351 a 514: Prognósticos do tempo.

424 a 514: digressão: Os prodígios seguintes ao assassinato de César.

¹¹ *Hesiodus*, poeta épico grego, 700 a.C., autor de *Os trabalhos e os dias*, e da *Teogonia*. Provavelmente Hesíodo escreveu suas obras após a composição dos poemas homéricos.

¹² *Áratos*, um grego de Sóloí, na Cilícia (aprox. em 315 a.C.), compôs um poema conservado com o título de *Fenômenos* em 1154 versos hexâmetros, descrevendo as regiões estelares, com alusões mitológicas. O poema era baseado em uma obra astronômica anterior, escrita por Êudoxos.

LIVRO II: Plantas

1 a 8: Proêmio.

9 a 258: Cultivo das plantas em geral: variedade das plantas, dos trabalhos, dos terrenos.

136 a 176: digressão: Os elogios à Itália.

259 a 419: Cultivo das videiras.

315 a 345: digressão: Os elogios à primavera.

420 a 540: Cultivo de outras plantas de particular interesse: oliveira, macieira...

458 a 540: digressão: Os elogios à vida agreste.

LIVRO III: Animais

1 a 48: Proêmio.

49 a 283: Criação do gado de grande porte.

205 a 283: digressão: O Amor.

284 a 566: Criação do gado de pequeno porte: cabras e ovelhas.

470 a 566: digressão: A peste no Nórico.

LIVRO IV: Abelhas

1 a 7: Proêmio.

8 a 280: Criação de abelhas e sua natureza.

116 a 148: digressão: O velho de Córico.

281 a 558: Reprodução das abelhas destruídas pela peste.

315 a 558: digressão: O mito de Aristeu e de Orfeu.

559 a 566: Final.

As digressões são ligadas intimamente aos motivos da obra; a sua arquitetura é complexa, e o desenho do conjunto é clássico. A obra não tem um fim técnico e prático, a ponto de abranger todos os tópicos da agricultura - isso não significa que o leitor, ao terminar a leitura, conhecerá todas as técnicas para usar uma enxada e arar a terra. Enfim, a obra não pretende ser um manual prático de conduta ao agricultor romano.

As fontes utilizadas por Vergílio são sobretudo gregas; mas há, também, as latinas. Entre as obras gregas, encontram-se: os

Trabalhos e os dias de Hesíodo, a *Economia* de Xenofonte¹³, as *Geórgicas* de Nicandro de Cólofon¹⁴, os *Fenômenos* de Arato, o *Hermes* de Eratóstenes¹⁵, nas quais se constata influências de Aristóteles¹⁶, de Demócrito¹⁷ e de Tucídides¹⁸. Dentre as latinas se destacam: *De Agricultura* de Catão, o *Res Rusticae* de Varrão e o *De Rerum Natura* de Lucrécio. Talvez Vergílio tenha consultado a enciclopédia agrícola do cartaginês Magão¹⁹, obra famosa da Antigüidade, escrita em língua púnica, posteriormente traduzida em grego e vertida para o latim por ordem do Senado.

No canto I, Vergílio apresenta a visão do trabalho, continuando uma tradição que remontava aos tempos longínquos de Roma. A

¹³ *Xenophon*, soldado mercenário e escritor, morto depois de 355/4 a.C. Provinha de família ateniense próspera e, na juventude, foi companheiro de Sócrates. Escreveu as seguintes obras: *Helênicas*, obra que retrata a história da Grécia no período 411-362 a.C.; *Anábase*, que reconta as aventuras dos mercenários gregos de Ciro, do ano 401 ao começo do ano 399; *Ciropeia*, obra de imaginação sobre Ciro, o Grande. Xenofonte escreveu obras socráticas, que são quatro: *Memorabilia*, uma longa descrição sobre Sócrates, *Economia*, sobre a boa administração de uma casa de família; o *Banquete*, relato das conversas ao redor da mesa de jantar sobre as grandes realizações dos participantes; *Apologia*, breve defesa de Sócrates. Há outras obras consideradas menores, tais como: *Hierão*, *Agésilau*, a *Constituição dos espartanos*, *Rendas do estado*, *Cavaleiro*, *Equitação*, *Cinegética*, *Constituição dos atenienses*.

¹⁴ *Nicaner*, poeta didático provavelmente da metade do século II a.C.

¹⁵ *Eratosthenes*, cientista e erudito, nascido por volta de 280 a.C., foi o primeiro estudioso a se autodenominar filólogo para exprimir seus amplos interesses. Como erudito e literato, escreveu sobre a Comédia Antiga e também sobre a mitologia das constelações, trabalho que teve eco em seu epílio *Hermes*, bem como em *Erigone*. Como cronologista, escreveu a obra *Cronografia*. Seus trabalhos matemáticos foram muito admirados por Arquimedes. Foi ainda um pioneiro do estudo da geografia científica com a obra *Geographica*.

¹⁶ Aristóteles, 384-322 a.C., filósofo. A abrangência da filosofia de Aristóteles é enorme, pois inclui lógica, método científico, ciências naturais, psicologia, teoria do conhecimento, metafísica, teologia, ética, política, crítica literária e retórica. A *Física (Physika)* preocupava-se com os vários gêneros de causas, isto é, os tipos de explicação que se pode dar às coisas, com os problemas filosóficos relativos à transformação. A obra *Sobre a alma (De anima)* e outros trabalhos investigam os problemas da relação entre corpo e mente e entre pensamento e percepção. Na *Metafísica*, Aristóteles afirma que existe uma substância que é eterna e imutável. Na *Política*, apresenta uma concepção do estado como natural, com papéis naturais para as mulheres e os escravos.

¹⁷ *Democritus*, filósofo nascido por volta de 460 a.C., foi discípulo de Leucipo e desenvolveu a teoria do atomismo. De acordo com a teoria, no universo existem apenas a totalidade e o vazio. A totalidade é formada por átomos sólidos, eternos, não gerados; o vazio consiste nos espaços entre os átomos.

¹⁸ *Thucydides*, historiador, segunda metade do século V a.C., escreveu uma história da Guerra do Peloponeso, considerada uma das mais importantes obras históricas de todos os tempos.

¹⁹ *Magon*, general cartaginês, talvez morto em 375 a.C.

imagem da vida rústica apresentada por ele recai no *labor improbus*, que vence as dificuldades impostas por Júpiter na natureza. Sendo assim, somente o trabalho é capaz de vencer todos os obstáculos, por ser um estimulante à luta obstinada com a terra:

.....*labor omnia uicit
improbus, et duris urgens in rebus egestas.* (Geo. I, 145 – 146)

(O trabalho obstinado vence todas as coisas, e a necessidade que pressiona nas dificuldades.)

A alegria, no canto II das *Geórgicas*, é contagiante, o poeta canta as árvores e a vinha. O trabalho tão duro do homem para lavrar a terra parece fazer-se mais ligeiro, mais engenhoso quando se trata de transplantar, melhorar, mergulhar, enxertar. Conforme o poeta, não há terra mais fecunda e rica que a Itália. A terra é apontada como a que trará de volta o verdadeiro sonho da idade de ouro, pois a Itália é *Saturnia tellus* (Geo. II, 173). O poeta elogia também a primavera, como se seu canto fosse um hino de louvor às energias criadoras.

O campo, no canto II, é contraposto à cidade, pois esta representa o luxo refinado e inútil, enquanto aquele cumpre sua promessa de felicidade tranqüila. A terra, para Vergílio, é *Iustissima tellus* (Geo. II, 460), que dá frutos ao homem em troca do esforço que ele despense. O aspecto religioso da vida campestre, suas festas e cerimônias e sua proteção aos deuses estão continuamente presentes na obra. Enfim, nas *Geórgicas*, há uma primitiva visão dos ideais morais e éticos da Idade de Ouro.

O canto III trata das raças dos animais e das artes de criação do gado e apresenta os animais, que conhecem os gozos e as dores dos homens, sofrem e amam. Tornam-se mais numerosas e mais precisas as analogias com a natureza humana, à medida que a vida dos animais se desenrola como a dos homens - a humanização da natureza é um aspecto bem notado. Esses animais sentem as mes-

mas paixões dos humanos. Cavalos e touros são igualmente arrebatados pelo ardor amoroso. O Amor, por conseguinte, é apresentado como a força oculta da natureza e constitui o motivo central do canto do poeta: *Amor omnibus idem* (Geo. III, 244) – (o amor é o mesmo para todos). Em tudo quanto existe, a força do amor está.

O livro que ensina como se nasce e como se conserva a vida, fecha-se com uma descrição da morte, da epizootia que assolara os rebanhos nas pastagens dos Alpes. Pode-se notar um paralelismo com o poema de Lucrecio²⁰, porque as duas digressões, sobre o Amor e sobre a Morte, apontam para o início e para o fim do *De rerum natura*, ou seja, para o hino a Vênus e para a descrição da peste de Atenas. Enquanto, para Lucrecio, a descrição da Morte se contrapõe ao hino da *Voluptas*, para Vergílio, a *Voluptas*, o Eros, é violência e destruição.

Vergílio inicia o quarto canto das *Geórgicas* com uma invocação a Mecenas, o grande cultor das Letras, e apresenta um propósito delineado: *tratar dos dons celestiais do aéreo mel* (Geo. IV, 1 – 2). O poeta afirma que tratará de tais dons e exorta a atenção de Mecenas para este ponto. Já nos primeiros versos das *Geórgicas* é sentida a presença dos deuses. Vergílio assevera que executará os dons celestiais *protinus*, de imediato, e descreve a Mecenas os espetáculos de coisas modestas, mas admiráveis, *admiranda*. O assunto proposto pelo poeta é trabalhoso, mas declara que, se os deuses forem favoráveis, e Apolo, o deus do sol, atender suas súplicas, alcançará a glória.

No IV Canto das *Geórgicas*, Vergílio apresenta a apicultura em um quadro agrícola. Tal assunto figura no livro III das *Res Rusticae* de Varrão. Segundo Paratore (1983, p. 391), no canto IV, Vergílio volta ao ponto de partida, ao ideal da ataraxia epicurista. Assim o duro trabalho dos campos é suavizado pela

²⁰ *Lucretius* (aprox. 95 – 55 a.C.). Poeta do século I a.C., escreveu *De rerum natura*, um poema em seis livros de versos hexâmetros. O tema de Lucrecio é o epicurismo e seu modelo de sábio foi Epicuro. Sua crença profunda estava na natureza materialista do homem e do Universo de tal forma que o homem era o senhor de seu destino e desta forma não havia o porquê de temer a morte.

apicultura, revelando que, ao poema do *labor improbus*, está subjacente o antigo sonho do Éden satúrnio.

Vergílio, mesmo fascinado pela ataraxia epicuréia, não aceita a interpretação epicurista do mundo, pois acredita numa providência que governa a natureza e a história; o homem antes vivia sem fadiga e os frutos da terra eram espontâneos. No entanto, as qualidades do homem, reprimidas pelas condições benéficas da idade áurea, foram aguçadas por Júpiter, ao semear as dificuldades na natureza. Assim, o homem passou a ser obrigado, pelo trabalho, a prover seus bens necessários. Conseqüentemente as artes nasceram e floresceram (*Geo.* I, 133). A imagem da vida rústica apresentada por Vergílio recai sobre seus trabalhos e suas dores. Por meio do trabalho, o homem é capaz de superar todas as causas de dificuldades impostas por Júpiter na natureza.

Se Vergílio considerou a sugestão de Mecenas para tratar também da criação de gado (*haud mollia iussa*) e, depois, da criação das abelhas, provavelmente aceitou o convite do ministro porque, como destaca Grimal (1992, p. 133), o poeta descobriu que essa amplificação de seu poema lhe conferiria unidade maior. Com os quatro cantos: plantas, árvores, animais e abelhas, o poema permite visualizar a gradação dos níveis da vida, diferentes e hierarquizados, mostrando que as criaturas se diferenciam. Essa idéia é compatível com a filosofia epicurista, ou seja, à medida que se sobe na escala dos seres, as criaturas vão se diferenciando, pois os organismos ficam mais complexos e compreendem um número maior de átomos diferenciados em combinações mais variadas.

A natureza domina, nas *Geórgicas*, através do processo de trabalho, no contínuo contato com o homem. A humanização da natureza é um caráter marcante na obra, até assumir, no livro das abelhas, um senso moral e político.

O livro IV das *Geórgicas* é inteiramente dedicado às abelhas. Essa criação foi também apreciada no terceiro livro de *Res Rusticae*, de Varrão, mas era simples e pouco dispendiosa, como

relata Gentili (1977, p. 296). Para o poeta Vergílio, a vida das abelhas adquire um valor excepcional, apesar de esta criação não assumir um primeiro plano na economia agrícola. A ênfase dada pelo poeta à apicultura faz com que se pense ser ela um único exemplo de criação de animais de fazenda.

Vergílio omite outras culturas e criações tão ou mais importantes para a economia das *villae rusticae* contemporâneas. Varrão, no livro III das *Res Rusticae*, fala dos pássaros, em grandes viveiros, das vastas *piscinas* onde viviam os peixes e trata longamente das abelhas nos versos (3, 16, 2 – 9 e 10 – 38).

Os antigos tinham noções errôneas acerca da abelha; consideravam-na um animal curioso e julgavam impossível desvendar os mistérios de que ela se cercava. Pensavam que as abelhas nasciam espontaneamente ou, como narram Vergílio e Varrão, das entranhas dos touros imolados em honra dos deuses (*Geo.* IV 281 – 285). Na Antigüidade, havia na colméia um indivíduo único, maior que outros, a que chamavam rei, que imperava sobre todos os seus súditos alados (*Geo.* IV, 212 – 214). Àquela época não conheciam a abelha rainha. Muitos dos autores gregos e latinos (Aristóteles, Varrão, Columela, Sêneca e Plínio) celebraram o instinto social das abelhas, o seu modo de vida organizado. Vergílio acha, na sociedade das abelhas, a imagem das sociedades humanas.

A apicultura merecia, na Antigüidade, cuidados especiais, pois o mel substituía o açúcar. Formava um ramo tão importante da alimentação, que todas as narrativas religiosas dos antigos povos fizeram menção a ele. Entre os antigos, esse alimento era o sustento celeste, a pura alimentação dos deuses. Vergílio o trata de aéreo mel: *aerii mellis caelestia dona* (*Geo.* IV, 1), pois, segundo antiga tradição, o mel caía do céu com o orvalho sobre as flores e as plantas, e as abelhas o recolhiam dali (Arist., *Hist. Anim.* V, 22, 4; Plínio, *N.H.*, XI, 12, 30; Virg. *Buc.* 4, 30; *Geo.* I, 131), (*apud* RICCOMAGNO, Leone. *Georgiche*, Libro Quarto, Firenze, Vallecchi Editore, 1953, p. 21).

O mel era ainda oferecido às divindades superiores, destinado, especialmente, aos deuses infernais. Além disso, ainda colocavam mel na cova para livrar os mortos de seus males e esfregavam com ele a boca dos defuntos, para adoçar Cérbero²¹ ou a guarda dos infernos.

Na mitologia egípcia, o mel era empregado nos maiores sacrifícios. Por exemplo, a Bíblia relata que Jacob enviou mel de presente ao governador egípcio. Também para exaltar a Terra da promessa, representavam-na como um país onde corriam o leite e o mel. O mel, para o hebreu, era tão indispensável como o leite e a farinha. Consideravam-no um alimento dos mais delicados, comparado ao maná, que os seus antepassados tinham comido no deserto, como sustento vindo do Céu. Dava àquele povo força na fadiga e na fraqueza; constituía o sustento das crianças e oferecia-se aos hóspedes que se desejava receber com honras.

Pelo termo com que Vergílio designa os filhotes – *paruos Quirites* (*Geo.* IV, 200-202), pode-se verificar a intenção, segundo Gentilli (1977, p. 296), de fazer do mundo das abelhas uma alegoria de perfeita sociedade romana. Nas *Geórgicas*, o poeta não pensa tanto na Arcádia do ócio e da contemplação da natureza quanto no Estado de Augusto. Nele, os cidadãos deveriam se integrar plenamente na comunidade e viver uma disciplina espontânea, inspirada na devoção à pátria até a dilaceração da vida. Daí se poder associar a organização das abelhas a um modelo utópico, ou seja, a uma tendência para fazer coincidir a utopia com a realidade do regime de Augusto.

A abelha, na Grécia, era considerada um animal sacerdo-

²¹ Cérbero, o cão dos infernos, do reino de Hades, um dos monstros que guardava o reino dos mortos, pois impedia que os vivos lá entrassem e, sobretudo, que alguém de lá saísse. A imagem mais conhecida de Cérbero é a de um cão de três cabeças, cauda formada por uma serpente e, no dorso, uma multidão de cabeças de serpente levantadas.

tal. As sacerdotisas de Elêusis²² e de Éfeso²³ se chamavam abelhas. Por parecer que morrem no inverno e ressurgem na primavera, as abelhas surgem diversas vezes como símbolo da morte e da ressurreição (Deméter, Perséfone²⁴). Na verdade, desapareciam no inverno, pois não saíam de suas colméias. Na Antigüidade, acreditava-se que não tinham filhos, não produzindo elas mesmas a sua prole, mas a procuravam, em algumas flores especiais, só conhecidas por elas.

Desde Aristóteles até os tratados bizantinos, como os *Geoponica* e o *De Animalium proprietate* de Fileu, os gregos representaram a abelha por Melissa. Segundo Brandão (1991, p. 102), Melissa é um derivado de μελι (méli), *mel*, *abelha*. O vocábulo designa, igualmente, certas sacerdotisas e, em sentido figurado, *poeta*. Júpiter, pai dos deuses e grande deus do panteão romano, criado por Melissa²⁵ e Amaltéia, teria sido alimentado com leite e mel. Em sinal de reconhecimento, concedeu ao produto das abelhas a virtude de tornar os olhos claros e puros.

²² Conforme Grimal (1997, p.134), Elêusis é o herói epônimo da cidade de Elêusis. Segundo uma das versões da lenda, era filho de Hermes e de Daíra, e marido de Cotoneia, de quem teve um filho, Triptólemo. Quando Deméter, a deusa dos cereais, tentava tornar Triptólemo um imortal, mergulhando-o no fogo, Elêusis, que discretamente presenciava a cena, gritou inesperadamente. Com isso, Deméter ficou irada e matou-o.

²³ Éfeso, uma das principais cidades jônias da costa da Ásia Menor, perto da foz do rio Cáistros. Havia nas imediações um famoso templo de Ártemis.

²⁴ Ceres, Deméter entre os gregos, é a Terra personificada, irmã e esposa de Zeus, de quem tem uma filha Perséfone, a deusa grega do mundo infernal, a Propérpina, entre os romanos. Deméter é a terra considerada na sua fecundidade, seus atributos são: papoulas e uma coroa de espigas. Ela somente se mostra envolta em amplas e longas vestes, únicas que convêm à mãe universal. Certa vez, Hades, o deus dos infernos, surpreendeu a jovem Perséfone enquanto brincava com as filhas do Oceano e colhia flores no prado: a terra abriu-se e a moça afundou; foi raptada por Hades, filho de Crono, em seu carro de ouro puxado por éguas negras, que a transportou para o seu reino.

²⁵ Melissa, irmã de Amaltéia, que alimentou o pequeno Zeus (Júpiter), no Ida de Creta.

²⁶ Mistérios eram cerimônias secretas que se praticavam em honra de certas divindades e que não eram conhecidas senão dos iniciados. Na maior parte dos mistérios, as revelações feitas aos iniciados dizem respeito à origem do homem, ao problema do bem e do mal. O mistério de Elêusis está relacionado à deusa Ceres e a sua filha Prosérpina, simbolizando as vicissitudes da natureza: alternância do dia e da noite, do verão e do inverno.

Há uma segunda Melissa, que era sacerdotisa de Deméter, iniciada pela deusa em seus mistérios²⁶. Suas vizinhas obrigaram-na a revelar-lhes o que ela vira durante sua iniciação. Como Melissa nada disse, as mulheres mataram-na. Deméter as castigou e fez com que nascessem abelhas do cadáver de Melissa.

Melissa definia-se por um tipo de vida puro e casto. No pensamento dos gregos, era ela a mulher que representava todas as virtudes domésticas: fiel a seu marido, mãe de crianças legítimas, dirigia o espaço íntimo da casa, cuidando da felicidade conjugal.

Na religião grega, por vezes, a abelha também foi identificada com Deméter, podendo simbolizar a alma descida aos infernos. Platão²⁷ afirma que as almas dos homens austeros voltavam novamente à vida sob a forma de abelha. Conforme Chevalier (1994, p. 3), encontravam-se as abelhas representadas nos túmulos como sinais de sobrevivência além-morte, pois se tornaram símbolo de ressurreição.

A abelha pode simbolizar ainda a eloquência, a poesia e a inteligência. Segundo a lenda sobre Píndaro²⁸ e Platão, as abelhas teriam pousado sobre os lábios de ambos, quando eles ainda eram crianças. E a tradição grega pretende que Pitágoras²⁹ não se te-

²⁷ Plátón (429 – 347 a.C.), famoso filósofo grego, fundador do idealismo filosófico e um dos maiores prosadores gregos. Há uma divisão usual da filosofia de Platão em três períodos: os primeiros diálogos geralmente não chegam a uma conclusão, pois pretendiam despertar a perplexidade do leitor; o segundo período corresponde ao desenvolvimento da teoria das formas. Na *República*, Platão propõe o estado ideal, com um sistema de castas que o garantiria, e esboça um esquema educacional para formar os governantes-filósofos. No *Fédon*, os argumentos em favor da imortalidade da alma são baseados na teoria das formas. No *Banquete*, supõe que os tipos mais elevados de amor devem levar ao conhecimento da forma da beleza. Já no terceiro período, são levantadas sérias objeções contra a teoria das formas, são desse período: *Teeteto*, o *Sofista*, as *Leis*, o *Timeu*, *Filebo*.

²⁸ Píndarus, 518 (aprox.) – 446 a.C., foi o poeta tebano que elevou a tradição do canto coral dórico a seu ponto mais alto de desenvolvimento e elaboração.

²⁹ Pythagoras foi filósofo dos fins do século VI a.C. Sua filosofia pregava a transmigração das almas, a proibição de comer carne ou feijão, e uma explicação do universo em termos matemáticos. Provavelmente o teorema que levou o seu nome, já tinha sido usado bem antes pelos babilônios e foi introduzido na Grécia por Pitágoras.

nhá alimentado durante toda a sua vida a não ser de mel³⁰. Por isso, esse alimento, considerado inspirador, teria concedido a Píndaro o dom da *poesia* e a Pitágoras o da *ciência*.

O simbolismo da abelha como ressurreição, força vital e imortalidade, e a representação de Melissa, como abelha, cujo sentido figurado, para os gregos, era poeta, leva a abelha, por extensão, a simbolizar a própria poesia. Com as abelhas aliadas a Orfeu, no IV livro, Vergílio celebra alusivamente, a imortalidade da poesia. O poeta quer traduzir que a poesia supera a própria morte; permanece viva para a eternidade.

Vergílio, ao final do IV livro das *Geórgicas*, realmente celebra a imortalidade da poesia, quando descreve a morte de Orfeu provocada pelas Bacantes³¹. Quando lhe jogam o corpo despedaçado no rio Eagro, sua cabeça rola inerte, porém sua voz, vinda de uma língua já fria, chama Eurídice: a própria natureza ressoa o nome da amada Eurídice (*Geo. IV*, 523 – 527).

Em síntese, *Só não morre no mundo a voz do poeta*³², pois a poesia continuará sempre viva entre os homens. Como as abelhas renascem da carcaça de um boi morto, a poesia sobrevive à própria morte.

³⁰ Segundo Chevalier (1994, p. 603) o mel, como alimento substancioso, foi um símbolo de força vital e imortalidade. As tradições celtas, por exemplo, celebravam o hidromel como *bebida de imortalidade*. Entre os chineses esse alimento era associado ao elemento terra e à noção de *centro*. Já para a religião grega, foi símbolo de morte e de vida, de entorpecimento e de boa visão, desempenhando ainda um papel de iniciação. Principal agente dulcificante para alimentos e bebidas, também era muito apreciado pelos antigos povos israelitas e por todos os do Próximo Oriente: *Palavras agradáveis são como favo de mel, doces para a alma, e medicina para o corpo.* (*Prov. 16*, 24)

³¹ As Bacantes eram as seguidoras ou acompanhantes do deus do vinho, Baco; mais tarde o nome Bacantes passou a designar o colégio das sacerdotisas de Baco.

³² Da mesma forma, observa Vinicius de Moraes em *Orfeu da Conceição*:

*Juntaram-se a mulher, a Morte e a Lua
Para matar Orfeu, com tanta sorte
Que mataram Orfeu, a alma da rua
Orfeu, o generoso, Orfeu, o forte.
Porém as três não sabem de uma coisa:
Para matar Orfeu não basta a morte.
Tudo morre que nasce e que viveu
Só não morre no mundo a voz de Orfeu.* (Terceiro Ato)

Por meio do IV canto das *Geórgicas*, o leitor se desliga da terra através do vôo das abelhas e do mundo real com o apicultor Aristeu. No livro da apicultura, Vergílio apresenta a vida dos campos como luta furiosa e como ócio tranqüilo. As abelhas trabalham muito e disciplinadamente, sabem suas obrigações e executam-nas com alegria. O poeta começa dizendo que cantará os chefes nobres, os costumes, as paixões, as raças e as batalhas de todo um povo (*Geo.* IV, 4 – 5). Após ter salientado a presença dos deuses e a glória a que aspira, o poeta indica qual é o fato primordial: em primeiro lugar, há necessidade, *petenda*, de um lugar para as abelhas, onde não haja uma entrada para os ventos, pois os mesmos as impedem de levar o alimento para casa (*Geo.* IV, 8 – 9). Tudo é expresso como necessário e desejoso, como se pode observar através dos verbos no subjuntivo *sit aditus, insultent, decutiat, atterat*. Nota-se, assim, a extrema dedicação que um verdadeiro apicultor deve dispensar às abelhas.

A abelha, no poema, é a personagem do trabalho que transforma a Natureza. Pode-se vislumbrar sua sociedade como um modelo utópico daquela que Augusto almejava construir. A criação de abelhas parece a Vergílio uma classe de sociedade perfeita, que procura coincidir com a realidade do regime augustano. Essa sociedade, apresentada pelo poeta, é fundada sobre princípios fundamentais: a concórdia, o trabalho e o sacrifício. Princípios que deveriam ser prezados por um verdadeiro cidadão romano.

O poeta, tão cuidadoso, não se esquece dos detalhes: convém que haja fontes límpidas, lagos verdejantes de musgo e um pequeno riacho que foge através das selvas, como também uma palmeira ou um imenso zambujeiro que façam sombra à entrada. A natureza interage, contribuindo com a finalidade de exercer suas funções com leda organização.

Após a invocação feita a Mecenas, nos versos 1 a 7, Vergílio fala da situação das colméias, nos versos de 8 a 32; das condições necessárias às colméias, nos de 33 a 50; do que deve fazer o apicultor quando as abelhas saem para pilhar, para enxamear ou com-

bater, de 51 a 87; da escolha do rei, pois são duas espécies de abelhas, 88 a 102; de reter as abelhas em um jardim florido, 103 a 115. No entanto, o tempo é escasso, e, assim, o poeta não pode falar dos jardins como o do velho de Tarento, 116 a 148.

Por meio de uma vasta e rica exposição, o poeta traça, em pormenores, o modo como se deve, esmeradamente, cuidar das abelhas. Delineando didaticamente os seus versos, afirma que é preciso todo um ritual: dedicação, carinho e muita sutileza deve ter um apicultor. Vergílio induz seu leitor a pensar que a apicultura é um dom, e o apicultor, alguém especial. O duro trabalho dos campos é suavizado nas agradáveis e leves tarefas da apicultura.

Afirma-se que o IV livro é uma visão geral da própria vida humana, espelhada e exaltada no maravilhoso mundo das abelhas. Por motivos de arte e de vida, as abelhas despertam admiração: *Admiranda tibi leuium spectacula rerum* (*Geo.* IV, 3), pois as suas grandezas, os costumes, as inclinações e as lutas possuem o mais vivo interesse para a vida interior e para a história do homem. Para os ideais do poeta, neste estágio mais elevado e hierarquizado de vida, as abelhas representam a perfeição de uma sociedade disciplinada, estando, assim, muito próximas da raça humana. Todavia, a cidade das abelhas, tal como apresentada por Vergílio, oferece um exemplo de monarquia. Como um tipo de sociedade humana, elas têm *domus, lar, sedes, statio, tectum, fores, limina, portae, aula, oppidum, patria, penates, augusta urbs*.

A descrição do local conveniente às abelhas é uma espécie de paraíso terrestre: os ventos não sopram, as cabras e ovelhas não saltam, a vaca não esmaga as flores, estão longe os lagartos, as andorinhas e animais nocivos em geral (*Geo.* IV, 13 – 17). Suas casas são construídas com meticoloso cuidado contra os excessos do clima e de outros perigos (*Geo.* IV, 43 – 66).

No livro sobre apicultura, Vergílio pretende preencher o *Hiatus* entre a vida dos campos, como luta furiosa, e a vida dos campos como ócio tranqüilo, segundo La Penna (1988, p. 82). O livro das abelhas indica um trabalho nada fácil, contudo é

inspirado por um profundo amor, pois elas se sentem felizes, abraçam seus filhos e produzem as ceras com arte (*Geo.* IV, 55 – 57). Vergílio insiste em dizer que as abelhas são animaizinhos muito inteligentes e ele as associa com os homens. As abelhas se conduzem com disciplina e concórdia, o que pode servir de modelo aos contemporâneos de Vergílio. Elas praticam todas as virtudes tais como: ardor no trabalho, heroísmo para defender o rei e reconhecimento do valor da glória.

O trabalho das abelhas não é fácil, não vivem simplesmente da generosidade da natureza, mas doam continuamente e com disciplina. Há um instintivo e misterioso prazer que alegra toda a atividade delas, uma vez que são dominadas por um sentimento muito forte pela família, pela união, pela proteção e pela conservação (*Geo.* IV, 155 *et seq.*). Elas vivem para cumprir suas obrigações e dão sua vida por isso: o amor das flores e a glória de gerar mel, *generandi gloria mellis*.

Segundo Grimal (1992, p. 106), o motivo profundo que anima as abelhas é a honra de criar o mel, analogamente ao sentimento da *dignitas* que, conforme Mecenas, é o motor da vida política. Assim, a cidade das abelhas oferece um exemplo de monarquia que, de acordo com o poeta, pode ter sido inspirado por Júpiter. A abelha pode morrer, mas a raça permanece imortal, *at genus immortale manet*, e a fortuna da casa continua por muitos anos, pois os que nascem trabalham com o mesmo afinho e pelo mesmo ideal. Seu rei é incólume, *rege incolumi*, é o guardião dos trabalhos. As abelhas chegam a transportá-lo nos ombros, e se morrerem por ele varadas de ferrões, para elas, a morte será bela.

Esses pequenos animais, como os homens, também sentem grandes paixões: *ingentis animos angusto in pectore uersant* (*Geo.* IV, 83). Suas guerras são humanas, verdadeiras e próprias (*Geo.* IV, 67 – 70), mas existem a discórdia, a violência bélica, barulho e confusão. No entanto, todas estas paixões e grandes lutas se apagam com um punhado de areia: *pulueris exigui iactu compressa*

quiescunt (*Geo.* IV, 87). E todo esse estrondo e barulho arquitetam-se no nada que, segundo Fiore (1946, p. 163), representa o silêncio do homem diante de sua fadiga, ambição e dor. Esta tristeza se aplaca na descrição das duas variedades de reis das abelhas. Os dois chefes são chamados ao combate: apenas um reinará, ou seja, o melhor. Este quadro da luta entre os dois enxames de abelhas, envolvendo os dois reis rivais, simboliza a luta entre Otávio e Antônio (*Geo.* IV, 88 – 94). Pode-se pensar que este passo do canto IV, provavelmente, foi composto depois da batalha de Ácio, em setembro de 31 a.C.

Tal serenidade abre o caminho para a celebração da jardinagem e do velho de Tarento, (*Geo.* IV, 106 – 148). Como já foi dito, o IV canto das *Geórgicas* se mostra extremamente rico em digressões. O poeta gostaria de cantar a arte dos pomares e das flores (*Geo.* I V, 118 – 119) e, assim, nos versos 120 a 124, se perde a contemplar com simplicidade enumerativa, as rosas, chicórias, salsinha, melancia, narcisos, heras e muratas. Concentrado nesta aspiração, vêm-lhe recordações do distante e do passado: sob as altas torres, o poeta se lembra de ter visto um velho de Córico, cidade da Cilícia, famosa pelo cultivo de hortas e jardins: *Namque sub Oebaliae memini me turribus arcis* (*Geo.* IV, 125).

O *senex Corycius* estabelece-se sobre um pedaço de terra rude, pouco fértil na região de Tarento. Ele luta com a natureza, contentando-se com uma vida simples e sentindo-se feliz em sua serenidade, como um sábio cultor da ataraxia. O poeta, neste instante, após muitas alegrias e lutas, volta-se ao ponto de partida, ao ideal da ataraxia provavelmente epicurista. Em seus pensamentos, sua riqueza se iguala à dos reis: *regum aequabat opes animis* (*Geo.* IV, 132).

Por meio desta digressão, percebe-se um exemplo de um lavrador cuidando de sua própria propriedade rústica: o ancião de Tarento. O poeta coloca o leitor diante de uma concepção de economia agrícola completamente primitiva, anterior a Varrão e a Catão. Desta forma, observa-se que o *senex Corycius*, ao voltar

para casa, sente-se feliz em sua simplicidade, pois enche sua mesa de iguarias não compradas: *dapibus mensas onerabat inemptis* (*Geo.* IV, 133), rementendo-nos ao tratado *De Agricultura* de Catão que apresenta uma forma agrícola mercantil, na qual ele diz que o proprietário deveria vender o mais possível e comprar o menos possível.

O *senex Corycius* trabalha muito em sua propriedade rústica, porém é recompensado pela própria alegria do campo. Assim o *labor improbus* vence todas as coisas, e nele se insere o sonho da idade áurea, a idade de Saturno, quando a terra dava tudo de melhor ao homem. No entanto, o poeta está em espaço desigual, passa perto dessas coisas e deixa para que outros recordem. O poeta se retira desta eterna aspiração ao ideal de perfeição realizado na digressão do velho de Córico (*Geo.* IV, 147 – 148).

No centro do hino à vida das abelhas, o poeta, nos versos 149 a 196, descreve a cidade delas, sua organização e divisão do trabalho; da mesma forma entre os versos 197 a 218, expõe o sacrifício do indivíduo pela comunidade, a propagação das espécies, os riscos pelo interesse geral, a obediência ao rei; e entre 219 a 227, diz que as abelhas participam de uma alma divina, que anima todos os seres.

As abelhas vivem em comunidade, não se distanciam das leis da natureza, possuem sentimento de pátria e de família, têm senso de previdência. A vida social delas é perfeitamente regulada, são econômicas, disciplinadas, incansáveis (*Geo.* IV, 156-157). Pode-se notar que há um perfeito senso de disciplina e seriedade no trabalho, cada qual tem sua própria função. No entanto, tudo é realizado com extrema alegria (*Geo.* IV, 158 – 159).

Há toda uma descrição particularizada das suas ocupações: a lágrima de Narciso, os partos, a esperança da *gente*, as guardas das portas, a exploração do céu, o auxílio às companheiras que chegam, a defesa contra o bando dos preguiçosos zangões. Nesse viver ordenado das abelhas, existe um natural desejo de possuir, um inato amor as encoraja (*Geo.* IV, 177).

Cada qual tem o seu próprio ofício: *munere quamque suo* (*Geo.* IV, 178). A seriedade do trabalho é uma disciplina *nusquam mora* (*Geo.* IV, 185). Essa regularidade da vida suscita muita atenção (*Geo.* IV, 188). Elas não têm necessidade de sexo para reproduzirem, recolhem seus filhos das plantas e das folhas (*Geo.* IV, 197 – 199).

Para a serenidade luminosa das abelhas, afirma La Penna (1988, p.95), para harmonia do mundo delas, contribui a falta de Eros. A ciência antiga não sabia nada sobre a função das abelhas rainhas. No IV canto, as abelhas não conhecem as trágicas paixões e as sensuais melancolias dos homens, pois a força devastadora do amor não existe em seu mundo. Elas servem ao rei e aos pequenos cidadãos de tal forma que a sociedade romana das abelhas é revelada pelo termo *Quirites* empregado por Vergílio (*Geo.* IV, 200 – 201).

Esplêndidas imagens de vida são apresentadas ao poeta, que se sente comovido pelos exemplos de heroísmo e de sacrifício das abelhas ao redor de seu rei. Os melhores valores e virtudes cercam as abelhas, porque o seu símbolo é o respeito, a admiração, a adoração pelo rei, que é o guardião dos trabalhos: *ille operum custos* (*Geo.* IV, 215). Sacrificam-se por seu rei, em torno do qual elas se aglomeram; colocam-no às costas; guerream por ele e suplicam, entre as feridas, uma bela morte (*Geo.* IV, 216 – 218).

A vida, a organização do trabalho, a vitória sobre o amor e sobre o destino, sua elevação moral, a realização dos ideais arcaicos, nada disso, enfim, não pode ser humano, senão divino, segundo Vergílio. As abelhas têm uma parcela da divina inteligência, das emanações celestes; pois conforme palavras do poeta, elas são consideradas partes de uma mente divina (*Geo.* IV, 219 – 221).

Segundo La Penna (1988, p.88), o Vergílio geórgico foi, de fato, um epicureu, mesmo criando polêmica contra o conceito epicurista. Porém a marca de Lucrecio é muito grande, não somente do ponto de vista literário, mas também, e sobretudo, no

contraste não resolvido entre a natureza, como força não contida, cheia de alegria e doadora de felicidade, e a natureza como força destruidora.

Esse conceito de mundo será o mesmo, porém mais amplamente transformado por Anquises no livro VI da *Eneida*. Por certo proveio dos pitagóricos e foi difundido pelo platonismo e pelo estoicismo. De acordo com Grimal (1992, p. 132), quando o poeta escreveu o canto VI da *Eneida*, aquilo que, pelo menos dez anos antes, não passava de uma hipótese metafísica, tornou-se-lhe uma verdade revelada. A essência de seu pensamento não se modificou, mas foi o ponto de partida para uma evolução que será sentida nas *Geórgicas*. Vergílio admitiu a intervenção de uma vontade divina, intervenção de forças transcendentais na condução do universo. Ao escrever o III canto das *Geórgicas*, sentiu-se indignado diante da morte cruel, injusta, dos animais inocentes, e, no livro IV, quando relatou o comportamento maravilhoso das abelhas, tudo o levou a ter uma idéia sobre teodicéia, o que era incompatível com o epicurismo.

O poeta não deixa de frisar o ardor das abelhas pelo trabalho, pois, por mais fatigadas que estejam, elas se esforçarão para trabalhar muito, e mais para reparar quaisquer perdas de sua raça. Do trabalho, passa-se às doenças e à morte. Para as abelhas, a vida traz também as desgraças humanas (*Geo.* IV, 251 - 252). Segundo Fiore (1946, p.168), muito longe se está do tom desesperado da epizootia, porque aqui é uma grave, solene melancolia pelos horrores do mal, pela perda da luz, pela tristeza dos funerais. Tudo se dilui em música: no canto do vento, do mar, do fogo.

O poeta aconselha a queimar odores de gálbano e trazer méis em juncosos canos, a fim de chamar as doentes para as conhecidas comidas (*Geo.* IV, 264 - 266). Tudo isso para que as abelhas doentes possam ser reconduzidas ao centro da inspiração arcádica. A diferença, aqui, da epizootia é que os remédios estão prontos e seguros.

O poeta relata, nesse momento, como a raça, mesmo tendo sua prole toda acabada, ainda se reproduz. Mostra as memoráveis descobertas do mestre arcádico e a maneira pela qual o sangue putrefato de touros imolados pode produzir abelhas. Assim, Vergílio dá a conhecer ao leitor o maior milagre, ou seja, a geração espontânea, ligada ao passado, desde o anúncio do mito de Orfeu, emoldurado pelo de Aristeu (*Geo.* IV, 283 - 285).

Não existe, no mundo das abelhas, a força destruidora do Amor; todavia, o mesmo não se pode dizer da Morte, pois as abelhas têm a vida breve, mas a sua raça é imortal, como a dos deuses. A peste pode destruir as colméias; contudo, as abelhas podem se reproduzir por um processo que Aristeu aprendera: a Bugonia (*Geo.* IV, 208 - 209). Consoante o poeta, caso todas as abelhas morram e não haja prole que as substitua, devem-se ouvir as descobertas do mestre arcádico: *imolados os touros, o sangue putrefato já muitas vezes gerou abelhas* (*Geo.* IV, 284 - 285). Vergílio afirma que a experiência não é nova, pois os íncolas, ditosos do peleio Canopo, Pérsia e Egito, já a executavam. O poeta descreve todo o ritual entre os versos 291 a 314. Na Antigüidade, acreditava-se que as abelhas poderiam nascer de um boi morto, como também nascer sem pés, *trunca pedum*. Varão, em *Res Rusticae*, fala da Bugonia:

denique ex hoc putrefacto nasci dulcissimas apes, mellis matres, a quo eas Graeci bugenes appellant; et hunc planius locutum esse latine quam Hirrum praetorem renuntiatum Romam in senatum scriptum habemus. Sed bono animo es, non minus satisfaciam tibi quam qui Bugoniam scripsit. (R. R. II, 5, 5)

(Enfim, deste sangue putrefato abelhas muito doces nascem, mães do mel, que, por esta razão, os gregos as chamam *bugenes*; temos escrito que foi falado em Latim mais distintamente que o pretor Hirrus, proclamado em Roma, no senado. Mas aquieta-te, não te darei menos do que aquilo que escreveu a Bugonia.)

Após expor como se deve cuidar primorosamente das abelhas, como achar para elas clima, local e plantas próprias, Vergílio continua o seu relato, sempre com inserções e admoestações, acerca da extração do mel, das doenças das colméias e dos possíveis remédios. Ilustra as informações apresentando a fábula de Aristeu, que emoldura o mito de Orfeu, a fim de retratar, provavelmente, a verdade eterna do mito, possível de se reencontrar na natureza. A raça das abelhas permanece imortal, *genus immortale manet*, pois mesmo que a peste possa destruir as colméias, as abelhas são capazes de se reproduzir a partir do sangue putrefato dos bois. E o milagre está realizado: *uisenda modis animalia miris* (*Geo.* IV, 309), novos animais nascem das carnes putrefatas.

Vergílio revela sua admiração pela terra do Egito, pelo Nilo fecundador, retomando a origem primeira da Bugonia (*Geo.* IV, 285 – 286). Assim explica como ocorre essa reprodução: um cordeiro, bastante relutante, deve ser sufocado, abandonado num lugar fechado e, sob suas costas, devem ser colocados fragmentos de ramos, tomilho e caneleiras. E o milagre está realizado (*Geo.* IV, 308 – 314), pois surgem animais sem patas, que, em breve, ressoam as asas e se misturam. Eles nascem da carcaça do animal imolado. A reprodução prodigiosa das abelhas introduz o longo epílogo, que ocupa a segunda metade do IV livro. E o renascer acontece, pois novos animais fervilham nas carnes putrefatas: é um enxame voador.

Na Antigüidade, as abelhas e o mel eram constantemente associados à poesia e aos poetas. No terceiro livro das *Res Rusticae*, Varrão diz: *Cum causa musarum esse dicuntur uolucres* (*R. R.* III, 16. 7). Segundo Griffin (1979, p. 64), Vergílio não faz nenhuma conexão entre as abelhas e a poesia, pois para ele, a sociedade representada pelas abelhas é uma das quais as artes são conscientemente excluídas. As abelhas, segundo as observações de Griffin, não cantam, elas fazem barulho (*Geo.* IV, 188). Em tempo de guerra, imitam a trombeta (*Geo.* IV, 71 – 72).

Por outro lado, Gentili (1977, p. 296) diz que as abelhas

são aliadas ao orfismo, seita filosófico-religiosa, supostamente fundada pelo cantor mítico Orfeu. As abelhas e Orfeu estão, portanto, profundamente ligados entre si pela simbologia de sobrevivência após a morte.

Já foi observado que a cidade das abelhas oferece um exemplo de monarquia inspirado pelo próprio Júpiter, uma vez que o motivo que anima as abelhas é a glória de gerar o mel: *generandi gloria mellis!* (*Geo.* IV, 205). As abelhas conhecem esse senso de glória, pois são virtuosas e disciplinadas, servindo de modelo aos contemporâneos de Vergílio.

As virtudes exibidas pelas abelhas se referem, provavelmente, aos velhos costumes romanos, aos *mores antiqui*. Roma, ainda grande nos *mores antiqui*, segundo Griffin (1979, p. 65), não era uma casa de artes, na visão dos augustanos. Desta forma, as abelhas *vergilianas*, com suas coletivas virtudes, *omnibus una quies operum, labor omnibus unus* (*Geo.* IV, 184), com seu patriotismo, abnegação e devoção a seu rei, provavelmente se referem ao caráter do velho romano, pois lembram o antigo modo italiano de vida. Pode-se, inclusive, fazer uma aproximação com os versos 532 a 535 do II livro das *Geórgicas*, quando Vergílio faz eco às palavras de Catão, para quem os homens do campo são mais resistentes, mais aptos a defender a pátria, acostumados a suportar os rigores dos campos.

Nas *Geórgicas*, verifica-se que há uma deficiência na ordem do mundo, e somente um jovem pode salvar esse mundo tão confuso e desordenado. Assim Vergílio suplica desesperadamente (*Geo.* I, 498 – 501) que o jovem príncipe venha restabelecer a paz no mundo e a prosperidade nos campos abandonados.

A reprodução prodigiosa das abelhas a partir da carcaça de um boi introduz o longo epílogo da segunda metade do IV livro; ela demonstra que há o renascimento da vida, pois as virtuosas abelhas voltam sempre a fim de que possam manter virtuosa sua coletividade. O artista e seu amor morrem, entretanto a canção sobrevive ao próprio cantor (*Geo.* IV, 523 – 527). Ainda na mor-

te, a voz de Orfeu proclama seu amor e sua canção enche o ar.

Quando o poeta Vergílio narra como o pastor Aristeu perde suas abelhas e se lamenta com a sua mãe Cirene, um novo mundo artístico é apresentado: a fantasia que, como relata Fiore (1946, p.169), se abandona ao livre jogo de um mundo fabuloso, porque tudo se volta para acentuar o fascínio do maravilhoso mundo mítico.

Após a descrição da descida no rio, da habitação de Cirene, do acolhimento da mãe, nos versos 388 a 414, ganha relevância a figura de Proteu, que revelará a causa da morte das abelhas. Há uma série de quadros coloridos com todos os esplendores da tradição poética, o quadro de Proteu e dos seus hábitos e transformações (*Geo.* IV, 405 – 410).

Inserida na história de Aristeu, que é apontado como causador da morte de Eurídice (*Geo.* IV 458 – 459), está a tragédia de Orfeu, do herói sem sorte no amor, nos versos 453 a 527. Pelo mito, observa-se a desventura do amor, a impotência do homem diante do destino. Em seguida, há uma explosão de lamento num vasto eco da natureza (*Geo.* IV, 460 – 463) - é a própria natureza que ressoa o seu lamento, emocionada com o canto triste e insistente de Orfeu (*Geo.* IV, 465 – 466).

O comentário sobre o canto de Orfeu é confiado a Proteu, expressão máxima de colorido musical. Por um lado, há o suspiro solitário de amor, que é uma marca da impotência humana, a invocação de piedade e confiança no poder da arte; por outro, o inferno, com suas trevas e seus terrores. Mas Orfeu vence o mundo infernal pelo poder de seu canto (*Geo.* IV, 471 – 472) e consegue recuperar sua Eurídice; porém, ao olhar para trás, perde-a para todo o sempre, pois não cumprira a determinação dos deuses e os Manes não sabem perdoar (*Geo.* IV, 489 – 491). O destino é tão cruel para os amantes (*Geo.* IV, 495 – 496), que Orfeu será o eco destes gestos e lamentações. Orfeu se isola, levando o seu canto de dor para a floresta e maravilhando até os animais mais selvagens. E morre, despedaçado nas mãos das mulheres Bacantes, mas a sua voz ainda chama, mesmo sem vida, o nome de Eurídice.

O canto das maravilhas, da geração espontânea, acaba, e Proteu desaparece. Aristeu deve cumprir os ritos expiatórios para acalmar as ninfas amigas de Eurídice, Orfeu e a própria Eurídice de tal forma que o milagre acontece, pois Aristeu tem suas abelhas novamente (*Geo.* IV, 554 – 558).

A vida renasce e se exprime nesses últimos cenários. Os versos de 554 - 558 retomam a primeira imagem do renascimento das abelhas, isto é, esses pequenos animais, como fila de nuvens imprecisas, logo se harmonizam num cacho e a árvore deixa-se levar pelo peso agradável (*Geo.* IV, 308 – 314).

Nos versos 559 – 566, o poeta recorda César guerreiro e pacificador. Outrora Vergílio era animado por Parténope e florescia nos modestos estudos, que eram opostos à glória política militar, já nos dois últimos versos, ele alude às *Bucólicas* (*Geo.* IV, 565 – 566).

Parece que Vergílio, ao escolher as abelhas, conclui a escalada, em suas formas cada vez mais altas, da hierarquia da vida. Assim permitia ao poeta ter acesso a uma forma de poesia mitológica, no espírito do alexandrinismo, pois as abelhas proporcionam ao poeta o gosto idílico.

O quarto canto das *Geórgicas* é o mais alexandrino de toda a obra, o mais rico em digressões e em relatos épicos; é um exemplo perfeito de epílio, ou seja, de uma epopéia resumida, que Calímaco³³ e sua escola muito estimavam. O epílio era o relato de uma lenda pouco conhecida, contado em estilo brilhante.

Pode-se comparar o epílio do IV canto das *Geórgicas* com a peça 64, *De nuptiis Pelei et Thetidos*, de Catulo. A união de Dioniso com Ariadne se apresenta, nessa peça, como um episódio introduzido no interior de outra narração: a de Peleu e Tétis. As histórias de Aristeu e de Orfeu correspondem, respectivamente, ao casamento de Peleu e Tétis, e à narrativa interposta, de Teseu e Ariadne, abandonada por seu amante mortal, porém

³³ *Callimachus*, 310 a.C., foi crítico literário e poeta erudito, esteve ligado à biblioteca de Alexandria. Ele escreveu Hinos a Zeus, a Apolo, a Ártemis etc., em versos hexâmetros e elegíacos. Sua fama deve-se especialmente aos epigramas.

divinizada como esposa de Baco. A esplêndida paixão de Ariadne faz dela uma mulher real, enquanto Orfeu e Eurídice estão mais no plano ilusório.

Metade do IV livro das *Geórgicas* é consagrada às abelhas, a outra relata a história de Aristeu e o mito de Orfeu. Este relato ocupa, no canto IV, 241 versos dos 565 do canto inteiro, ou seja, cerca de 43%. Os acontecimentos ligados a Aristeu ocupam a parte mais extensa dos versos 315 – 558, porém o trecho sobre Orfeu é, justamente, o mais famoso. A viagem de Aristeu ao mundo fantástico da beleza está nas *Geórgicas* como a descida de Enéias aos infernos. Entristecido com a perda das abelhas, Aristeu vai às profundezas do rio Peneu, pedir ajuda à mãe Cirene. O reino de sua mãe é apresentado com muita beleza. O catálogo das Ninfas é uma homenagem, segundo La Penna (1988, p.98), de gosto alexandrino a um *Topos* iniciado por Homero.

Tudo é apresentado com o fascínio do maravilhoso mundo mítico: a fábula da própria vida das Ninfas (345 – 352), a descrição da descida ao rio, da habitação de Cirene, o acolhimento materno (357 – 386). Cirene leva o filho até Proteu, a divindade oracular que indicará a causa e o remédio para o mal. A captura de Proteu, prenunciada no discurso de Cirene, é narrada segundo uma técnica de repetição épica (*Geo.* IV, 404 – 414) e (*Geo.* IV, 439 – 443). Proteu, após ter sido arrebatado pelo apicultor Aristeu, conta-lhe o porquê de suas abelhas terem desaparecido e, assim, o adivinho abre a boca para os destinos: *et grauiiter frendens sic fatis ora resoluit* (*Geo.* IV, 452). Desta forma, no interior da história de Aristeu passa-se para a narração da história de Orfeu e Eurídice. O longo discurso de Proteu (*Geo.* IV, 453 – 527) serve para encaixar o epílio Orfeu e Eurídice no relato precedente, isto é, o do pastor Aristeu.

Orfeu, no epílio, não é o portador e revelador de mistérios, pois em sua história trágica (*Geo.* IV, 453 – 527), é o homem sem sorte e doente de amor, reinando em sua tragédia uma situ-

ação lírica, a qual projeta o inferno. Ao relatar sua história de amor e morte, ele luta em vão contra o destino, porque para Orfeu, o amor é a razão essencial de sua vida como a fidelidade à sua amada, elementos que o tornam um herói humano. Como Propércio³⁴ é fiel a Cíntia, e Catulo³⁵, a Lésbia. Ao mesmo tempo, Orfeu torna-se extraordinário devido à milagrosa potência de seu canto por conseguir, por uma vez, vencer a barreira da morte.

Na *Écloga* X, Vergílio diz que o Amor vence tudo: *Omnia uincit Amor* (X, 69) e estes versos seriam engrandecidos para Galo³⁶: *uos haec facietis maxima Gallo* (X, 72). Já na *Geórgica* I, Vergílio afirma que o trabalho penoso vence todas as coisas: *labor omnia uicit improbus* (I, 145 – 146). Percebe-se, neste IV canto, a desventura do amor, a impotência humana contra o cruel destino de tal forma que Vergílio exprime sua piedade, a piedade que os deuses não têm: *ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes* (IV, 489).

O canto, por sua milagrosa potência, conseguiu vencer, ao menos uma vez, a Morte. No entanto, numa segunda vez, o poeta não consegue, com o seu canto, recuperar a amada Eurídice, pois o destino e a morte são implacáveis. A figura de Orfeu ilustra, nesse passo, a impotência do homem diante da inexorabilidade do *Fatum*. O canto, na verdade, é sempre eficaz; tem poder mágico e miraculoso; consegue vencer a própria morte; no entanto, a perda da amada, pela segunda vez, aconteceu não pela impotência do canto, e sim pela *dementia* causada pelo amor: *cum subita incautum dementia cepit amantem* (*Geo.* IV, 488). E a *dementia* seria

³⁴ Propertius, aprox. 50 – 16 a.C., dedicou-se ao amor e à poesia, deixou quatro livros de elegias, dos quais o primeiro, publicado por volta de 26 a.C., trouxe-lhe fama e a admissão ao círculo literário de Mecenas. O assunto principal de seus poemas é sua paixão por Cíntia.

³⁵ Gaius Valerius Catullus (aprox. 84 – 54 a.C.) chegou a Roma por volta de 62 a.C., período em que teve acesso à refinada sociedade romana, onde conheceu Clódia, sua Lésbia, que lhe inspirou alguns de seus poemas mais belos.

³⁶ Gaius Cornelius Gallus era soldado e poeta. Galo conquistou a afeição de Vergílio, que celebra seu prestígio como poeta na *Écloga* VI e volta a mencioná-lo na *Écloga* X.

digna de perdão, se os Manes soubessem perdoar.

De fato, há uma conexão entre os dois epílios unidos com a técnica do encaixe: o de Aristeu e o de Orfeu. Pode-se interpretar o mito de Aristeu como ressurreição e salvação, contraposto ao mito de Orfeu, que significa a morte vencida pela ressurreição. No epílio de Aristeu com o mito de Proteu, a viagem ao mundo das águas demonstra um tom alexandrino.

Vergílio exprime sua piedade por Orfeu, sente compaixão por ele, quando perde Eurídice mais uma vez: *ignoscenda quidem* (*Geo.* IV, 489). Fecha-se, assim, num soluço: *heu!* Um grito de mulher que não quer se separar do amado domina os versos 491 a 498. E, assim, abre-se um cenário de breves interrogações, soluços sufocados (*Geo.* IV, 494 – 495), pois o destino foi cruel para os amantes: *En iterum crudelia retro / fata uocant* (*Geo.* IV, 495 – 496). Eurídice é levada, rodeada por uma imensa noite e não é mais de Orfeu: *non tua* (*Geo.* IV, 498). Assim Orfeu a perde para todo o sempre. Ele, em vão, a procura nas sombras, querendo dizer-lhe muitas coisas, porém o barqueiro não permite que ele atravesse o rio infernal. Orfeu indaga: *Quo fletu Manis, quae numina uoce moueret?* (*Geo.* IV, 505).

Diante de sua condição imutável, enquanto homem, imponente para lutar contra a morte, abandona-se a um lamento musical e amoroso. Como o rouxinol Filomela se lamenta à sombra de um choupo, queixando-se dos filhotes perdidos, retirados do ninho por um duro lavrador, Orfeu lamenta a mulher perdida (*Geo.* IV, 511 – 512), pois ele é o cantor, o poeta que perde seu amor. O seu canto se difunde com grande eco pelo mundo. Assim, o sofrimento de Orfeu é marcado por motivos da tragédia: o destino e o amor. Desta forma, ele andarà à procura dos lugares mais solitários e mais frios; viverà como um selvagem; negará qualquer outro amor e gritará sempre seu canto de dor (*Geo.* IV, 507 – 510).

Sempre sozinho, cantará até provocar as mulheres bacantes, que o dilacerarão e dispersarão o seu corpo. Sua cabeça será jo-

gada no rio Ebro, e aí pronunciará uma vez mais o nome de Eurídice e as margens do rio repercutirão em forma de eco: Eurídice, Eurídice (*Geo.* IV, 525 – 527).

Mesmo envolto em gosto alexandrino, Vergílio dá aos dois cantos uma profundidade diferente. Segundo La Penna (1988, p. 102), o epílio de Aristeu está dominado pela graça fabulesca, e o de Orfeu, pelo *pathos* da tragédia de amor. Através da viagem de Aristeu, vêem-se as maravilhas escondidas nos segredos da natureza e, através do epílio de Orfeu, percebe-se a inexorabilidade do destino.

O epílio de Orfeu pode também estar amarrado ao terceiro canto das *Geórgicas*, uma vez que o amor e a morte são os motivos predominantes. Estas duas forças destruidoras da vida não existiam no mundo das abelhas, pois elas não conhecem as trágicas paixões e as sensuais melancolias dos homens. A força devastadora do amor não existe em seu mundo (*Geo.* IV, 197 – 199).

A peste pode destruir as colméias, mas as abelhas podem ser reproduzidas pelo processo da Bugonia, que Aristeu aprendera. Assim sua raça é imortal: *genus immortale manet* (IV, 208). Todavia, estas duas forças tornam-se invencíveis, através do mito de Orfeu.

Pela *dementia* causada pelo amor, não há perdão para os amantes, e o herói Orfeu morre por fidelidade à Eurídice (*Geo.* IV, 520 – 522). Aristeu cumpre ritos expiatórios para acalmar tanto as ninfas amigas de Eurídice, quanto Orfeu e a própria Eurídice, e a vida renasce para as abelhas (*Geo.* IV, 557 – 558).

Razões Políticas, segundo antiga tradição, para o final do IV canto

Segundo Sêrvio, as *Geórgicas*, em sua primeira edição, encerravam-se com um elogio do Egito e especialmente de Galo, primeiro prefeito do Egito. Nas VI e X *Bucólicas*, Vergílio havia celebrado o poeta dos Amores; mas, depois da desgraça do suicídio de Galo, em 26 a.C., a pedido de Augusto, Vergílio teria substituído aquele final pelo epílogo de Aristeu e Orfeu.

sane sciendum, ut supra diximus, ultimam partem huius libri esse mutatam: nam laudes Galli habuit locus ille, qui nunc Orphei continet fabulam, quae inserta est, postquam irato Augusto Gallus occisus est. (Servii, Geo IV, 1, p. 320)

(sem dúvida deve ser sabido, como dissemos acima, que a última parte deste livro foi mudada; pois tinha louvores a Galo esse lugar, que agora contém a narração de Orfeu, inserida depois que Galo foi morto por causa do irado Augusto.)

Gallus, ante omnes primus Aegypti praefectus, fuit poeta eximius; nam et Euphorionem, ut supra (VI 72) diximus, transtulit in latinum sermonem, et amorum suorum de Cytheride scripsit libros quattuor. hic primo in aniciis Augusti Caesaris fuit: postea cum venisset in suspicionem, quod contra eum coniuraret, occisus est. fuit autem amicus Vergilii adeo, ut quartus georgicorum a medio usque ad finem eius laudes teneret: quas postea iubente Augusto in Aristaei fabulam commutavit. hic autem Gallus amavit Cytheridem meretricem libertam Volumnii, quae eo spreto Antonium euntem ad Gallias est secuta: propter quod dolorem

Galli nunc videtur conlari Vergilius. nec nos debet movere quod, cum mutaverit partem quarti georgicorum, hanc eclogam sic reliquit: nam licet consoletur in ea Gallum, tamen altius intuenti vituperatio est; nam et in Gallo impatientia turpis amoris ostenditur, et aperte hic Antonius carpitur inimicus Augusti, quem contra Romanum morem Cytheris est in castra comitata. (Servii, Buc.X, 1, p. 118).

(Galo, antes de todos, foi primeiro prefeito do Egito, foi um poeta notável, pois, como dissemos acima (VI, 72), traduziu para o latim Euforíão, e escreveu quatro livros de seus amores em relação a Citéride. Este esteve, de início, entre os amigos de César Augusto; depois, tendo-se tornado suspeito, porque teria conspirado contra ele, foi morto. Foi amigo de Vergílio, a ponto de o IV livro das *Geórgicas*, do meio até o fim, se ocupar de seus louvores, os quais depois, por ordem de Augusto, o autor substituiu pela história de Aristeu. Este Galo amou a meretriz Citéride, uma liberta de Volúmnio, que, tendo desprezado a Galo, seguiu António até as Gálias; por causa disso agora parece que Vergílio consola a dor de Galo; nem deve nos perturbar o fato de que, apesar de ter mudado parte da IV *Geórgica*, assim deixou esta écloga; pois é lícito que nela se console Galo).

Os comentadores procuram saber qual era o conteúdo primitivo do IV canto. Provavelmente estava ligado, de modo natural, aos temas egípcios, com os quais terminam os preceitos destinados à cura dos males que podem atingir as abelhas e à reconstituição eventual dos enxames. No IV canto, pelo processo da Bugonia, as abelhas nascem da carne putrefata de um touro. Vergílio acrescenta que esse procedimento é praticado pelos apicultores egípcios (*Geo.* IV, 285 – 286).

Pode-se supor que Vergílio tenha entrelaçado o elogio de Galo, com a evocação do mundo egípcio, que fora conquistado por Otávio com a ajuda de Galo, o qual sempre foi fiel ao partido

otaviano. Cornélio Galo foi um dos principais auxiliares equêstres de Augusto e membro do ambiente social e cultural, que também incluía Mecenas e Polião. Durante a guerra de Ácio, comandou o contingente que, da província de África, avançava em direção ao Egito; venceu o último sustentáculo antoniano; conduziu o exército que, através da Cirenaica, permitiu o cerco de Alexandria.

Conta-se que chegou a provocar o descontentamento de Otávio quando se comportou mais como comandante do que como delegado do comandante. Muitos textos de Suetônio³⁷, de Díon Cássio³⁸, de Amiano Marcelino³⁹ e de Estrabão⁴⁰ mostram que, após ter se saído bem no Egito e alcançado vitória militar, Galo provocou a cólera de Augusto por suas imperícias administrativas e por suas intrigas. Conforme fontes históricas, sua arrogância o levou a escrever seu nome nas pirâmides. Em 27 a.C., Augusto renunciou oficialmente à amizade de Galo, que, diante da hostilidade dos senadores, pôs fim à vida.

De acordo com a tradição, Augusto pediu a Vergílio que, no final das *Geórgicas*, retirasse o elogio a Galo. Elogio este que poderia estar ligado à obra militar e política realizada por ele. Talvez Vergílio tivesse exaltado, no primitivo IV canto, a conquista recente do Egito, sua posse por Galo em nome de Augusto. Parece que Vergílio foi obrigado a eliminar esse louvor, talvez porque, colocados na boca do deus Proteu, encerrariam uma referência demasiado explícita às funções do poeta no Egito.

³⁷ L. Gaius Suetonius Tranquillus, aprox. 70 d.C. – 160 d.C., foi um dos secretários imperiais sob Trajano; nessa função, consultou os arquivos imperiais que estavam à sua disposição, dedicando-se assim a estudos históricos e à Antigüidade. Muitos de seus escritos se perderam. A mais importante das obras conservadas de Suetônio se intitula *As Vidas dos Césares*, contendo as biografias de Júlio César e de onze imperadores desde Augusto até Domiciano.

³⁸ Díon Cássio Cocceianos, aprox. 150-235 d.C., tornou-se cônsul em Roma e governador da África e da Dalmácia; autor de uma História Romana escrita em grego, em oitenta livros, dos quais conservaram-se vinte e seis.

³⁹ Ammianus Marcellinus nasceu aproximadamente em 330 d.C., por volta de 390 escreveu em latim uma continuação da História de Tácito em trinta e um livros.

⁴⁰ Strabo nasceu em 64 a.C., escreveu *Memorandos sobre história* em 47 livros.

Provavelmente o elogio a Galo pudesse dar equilíbrio ao poema, cujos versos iniciais se dirigiram a Mecenas. Tanto este quanto Galo contribuíram muito para este século tão conturbado, como diz o poeta ao suplicar no final do canto I: *euersa... succurrere saeclo* (Geo.I, 500). Acima destes dois amigos, estava a figura do jovem herói vitorioso. Pode-se questionar o porquê de encerrar um poema sobre a agricultura com o elogio a Galo. Não se pode esquecer da importância do Egito antigo como país agrícola e celeiro de trigo do mundo romano, assim como a origem egípcia da crença sobre o nascimento das abelhas (Geo.IV, 281 – 294). Pode-se, então, concluir que o elogio do Egito submisso e organizado, em 30 ou 29 a.C., segundo Saint-Denis (1968, p. XXXVII), seria um tema atual e patriótico para a época de Augusto.

Os dois testemunhos de Sêrvio, segundo a opinião de Saint-Denis, são contraditórios: um conclui que somente o epílio de Orfeu e Eurídice, encaixado no episódio de Aristeu, substituiu o elogio a Galo, e outro supõe que os retoques tenham sido limitados à aventura de Proteu, nos versos 386 a 451, e que, na primeira versão do episódio, Cirene indicava a seu filho as causas de sua desgraça e os remédios que poderiam curá-la. Há contradição entre os dois textos de Sêrvio – (*in Aristaei fabulam commutavit, e locus ille qui nunc Orphei continet, fabulam?*). Na introdução de Saint-Denis, comenta-se que E. Galletier supôs uma equivalência, ou seja, que *fabula Orphei* vem por *fabula Aristaei*, pois esta inclui a outra e a personagem prende muita atenção por seu lugar central e seu papel dramático. Assim, segundo o relato citado, todo o episódio de Aristeu foi introduzido na segunda edição, do verso 315 ao verso 558.

Se realmente houve uma substituição do elogio a Galo, Vergílio escreveu a lenda de Aristeu, segundo Grimal (1992, p. 165), quando estava totalmente ocupado com a *Eneida*. Assim a redação de um episódio de 241 versos deve ter-se prolongado durante uma parte do ano 25 a.C. Neste momento, Vergílio está preocupado com o episódio central do poema, a catábase, ou seja, a descida aos Infernos. Nota-se que os versos 475 a 477

da IV *Geórgica* são idênticos aos versos 306 a 308 da VI *Eneida*, os quais são derivados da *Iliada* XI, 38:

*matres atque uiri defunctaque corpora uita
magnanimum heroum, pueri innuptaeque puellae
impositique rogis iuuenes ante ora parentum.*

(as mães, os maridos, os corpos dos magnânimos heróis isentos de vida, os meninos e as meninas solteiras, os jovens colocados nas piras sob os olhos dos pais.)

Pode-se pensar que a retomada destas imagens tenha sido proposital em Vergílio, como elo entre os dois poemas, pois, conforme relata Grimal (1992, p. 167), a catábase de Orfeu anuncia a da *Eneida*. No entanto, há divergência entre elas, pois a de Orfeu ressalta sua derrota, como afirma Platão no *Banquete*. Orfeu vai ao reino das sombras, movido pela paixão que sente por Eurídice. E Platão o censura, afirmando que os deuses permitiram a Alceste voltar para os vivos e que nada deram a Orfeu além de um fantasma que ele não conseguiu levar de volta à luz do dia. Pela leitura do *Banquete*, vê-se que Alceste tinha a alma forte, pois se sacrificara trocando a própria vida pela do marido. Os deuses consentiram que voltasse à vida, porque ficaram admirados de seu devotamento e apreciaram a generosidade e a coragem vindas do amor. Porém Orfeu, o tocador de cítara, segundo Platão, tinha a alma fraca, pois pareceu aos deuses desfibrado para ter coragem suficiente de morrer por aquela a quem amava. Assim, por sua falta de coragem, foi condenado a perecer nas mãos das Bacantes.

Comparando-se as duas catábases em Vergílio, nota-se que, nelas, há duas espécies de amor: o amor apaixonado, carnal, de Orfeu por Eurídice, e o amor filial, a *pietas* dos romanos, de Enéias por Anquises.

No caso de Orfeu, Vergílio, como Platão, mostra que o herói foi derrotado pela força da paixão, pela *dementia*. E o poeta expressa

essa derrota em tom de piedade por ele. Ainda que Vergílio não use os termos *desfibrado* ou *covarde*, para ele, Orfeu fora imprudente: *incautum amantem* (*Geo.* IV, 488), e, por isso, apoderou-se dele a *dementia*. Foi por estar enlouquecido por esta força avassaladora, que perdeu Eurídice para sempre.

Já na *Eneida*, a descida de Enéias aos Infernos é marcada pela virtude romana, *pietas*, o amor racional, não movido pela *dementia*. Assim, segundo Grimal (1992, p. 167), neste ponto com os versos idênticos das duas obras, as *Geórgicas* se situam em um contexto mais moralizante, refletindo o ideal de uma virtude um tanto austera, que Augusto tentava ressuscitar no espírito dos romanos.

O desaparecimento de Creusa, no fim do livro II da *Eneida* seria, talvez, uma retratação do desaparecimento de Eurídice, no IV livro das *Geórgicas*, segundo Heurgon (1931, p. 263). Quando Enéias sai de Tróia incendiada, tem sobre seus ombros Anquises; à sua mão, Ascânio; e é seguido por Creusa (*En.* II, 721 – 725). Eurídice segue Orfeu para sair dos infernos (*Geo.* IV, 486 – 487), assim Creusa também vai atrás de Enéias ao sair de Tróia.

Na verdade, são duas situações distintas: por um lado, nas *Geórgicas*, o esposo impaciente quer rever sua esposa, Eurídice. Consegue tê-la de volta, pois tocara as divindades infernais por meio de seu canto. No entanto, conseguiria definitivamente ter Eurídice no mundo dos vivos, se não olhasse para trás, enquanto saíam do inferno. Entretanto uma súbita demência apoderou-se do imprudente amante e, antes de chegar à luz, olhou para trás, para sua Eurídice, perdendo-a. Na *Eneida*, Enéias, preocupado com o filho e com seu pai, é seguido por sua esposa, Creusa. Todos fogem através de Tróia incendiada, que poderia ser comparada ao Hades, onde estava Orfeu, os muros em chamas e os rios de fogo (*En.* II, 705 – 706). Embora sejam duas situações distintas, elas se aproximam, pois, como Orfeu, Enéias também perde sua esposa, Creusa; esquece-se de olhar para trás e perde-a definitivamente (*En.* II, 736 – 740).

Orfeu e Enéias manifestam sua dor, todavia a narração da *Eneida* é mais desenvolvida e as etapas menos rápidas.

Orfeu, quando viu que perdera Eurídice uma vez mais, tornou a descer aos Infernos. Chegando ao Estige, suplicou Orfeu a Caronte que o deixasse transpor uma segunda vez o rio, porém o sinistro *portitor* recusou: *nec portitor Orci / amplius obiectam passus transire salutem* (*Geo.* IV, 502 – 503). Orfeu, inconformado, lamenta sua dor às margens do rio: *Quo fletu Manis, quae numina uoce moueret?* (*Geo.* IV, 505). Para ele, tudo está perdido, não há mais volta, pois Eurídice já vagava na barca do Estige (*Geo.* IV, 506). Enéias teve um movimento semelhante, como relata Heurgon (1931, p. 265), ao conhecer sua desgraça entra novamente em Tróia para encontrar sua esposa desaparecida (*En.* II, 750 – 751). Quando ambos compreendem que suas forças são vãs, clamam suas penas com a mesma inflexão (*Geo.* IV, 514 -526) e (*En.* II, 768 - 770).

Segundo Heurgon (1931, p. 266), a justaposição da *Geórgica* IV (490 – 491) e da *Eneida* II (738 – 741) demonstra claramente o primeiro texto como a fonte do segundo. Enéias perde Creusa, e Orfeu, Eurídice; mas Orfeu deixa de ter sua esposa porque olha para trás, pois não resiste, voltando-se para vê-la. Já Enéias não se volta para trás, ele simplesmente se esquece de olhá-la e, assim, a perde.

Segundo a tradição primitiva, a mulher de Enéias não se chama Creusa, porém Eurídice. Quem atesta isso é Pausanias (X, 26, 1), nos *Cantos Ciprianos* e na *Pequena Ilíada*. Ele fala de uma certa *Kréousa*, e Ênio a chama de *Eurudica*. Os textos que chegaram até nós, onde figura o nome de Creusa, são contemporâneos de Vergílio. Pode-se dizer que Vergílio foi o primeiro a dar à mulher de Enéias o nome de Creusa. Desta forma, afirma-se que o IV livro das *Geórgicas* anuncia o futuro emprego do nome de Eurídice.

O Mito de Orfeu

O nome de Orfeu surgiu pela primeira vez no século VI a.C., mencionado pelo poeta Íbico, de Régio, Frg. 10 A, Bergk: (*Onomaklytós Orphén*). Nada se sabe, com precisão, sobre Orfeu; se foi um *deus*, um *herói* ou um simples *homem*; mas, como relata Fernando Pessoa, *O Mito é o nada que é tudo*, e Orfeu desfruta da natureza imortal do mito.

Trata-se de uma personagem lendária, possivelmente de origem trácia, filho de Calíope, a mais importante das nove musas e do rei Eagro. Orfeu sempre esteve vinculado ao mundo da música e da poesia. Foi o inventor da cítara e aumentou o número de cordas, de sete para nove, numa homenagem às Nove musas. Por meio de sua voz tão suave e melodiosa, os animais selvagens o seguiam, as árvores se curvavam para ouvi-lo e os homens ficavam todos enternecidos diante de tanta beleza. Ele é o maravilhoso cantor e tocador de lira, que vence a própria morte. Artistas antigos o mostram como um Argonauta⁴¹, e, antes da IV *Geórgica*, Orfeu designa a figura mítica do Poeta e do mestre do encantamento. No entanto, o fato mais marcante é seu casamento com a ninfa Eurídice, a quem amava intensamente, considerando-a metade de sua alma. O que o tornou famoso foi o fato de ter podido empreender sozinho a perigosa jornada para o mundo infernal, em busca da amada. No canto IV das *Geórgicas*, tem-se a versão mais rica e mais bela do mito.

Este herói, que participou da expedição dos Argonautas, casou-se com Eurídice, a quem amava intensamente. No entanto, o apicultor Aristeu⁴², ao vê-la, pôs-se a persegui-la. Ela tentou fugir,

⁴¹ Encontra-se essa referência na obra *As Argonáuticas* de Apolônio de Rodes (séc. III a.C.), que foi imitada na literatura latina por Valério Flaco.

⁴² Aristeu era um pastor no formoso vale de Tempe debaixo do Olimpo. Seu maior orgulho eram suas abelhas. Segundo Kerényi (1994, p. 233), o nome do apicultor significava que ele era o *melhor* que o mundo tinha para mostrar.

porém, em sua fuga, foi picada por uma serpente e morreu. Assim, Ovídio relata o episódio nas *Metamorfoses*:

.....*Nam nupta per herbas
Dum noua Naiadum turba comitata uagatur,
Occidit in talum serpentis dente recepto.* (*Met.* X, 8 – 10).

(.....Eis que, quando a esposa andava pela relva, em companhia do grupo de Náiades, morreu, picada no calcanhar pelo dente de uma serpente.)

Suas companheiras, as Dríades, choraram-lhe a morte nas montanhas, no interior da Trácia (*Geo.* IV, 460 – 463). Orfeu, desesperado pela perda da esposa, desceu aos Infernos para trazê-la de volta. Segundo Kerényi (1994, p. 231), o herói submeteu as coisas agrestes e até os poderes selvagens do mundo subterrâneo com o seu canto, e isso lhe abriu caminho até Perséfone. Esse poder o coloca ao lado de Perseu e Hércules, Teseu e Jasão, heróis gregos.

As saudades de Eurídice levaram o filho da Musa Calíope ao outro mundo. Nisso foi diferente de Teseu e Jasão, para não falar de Perseu e Hércules, que não fizeram suas viagens por amor a alguma mulher. Orfeu, segundo Kerényi (1994, p. 232), partilhou, no entanto, do destino de Teseu, pois Eurídice não podia como Ariadne tornar-se propriedade permanente de seu amado. Fiando-se da sua lira, enveredou pela estrada sombria que conduz ao reino dos mortos. A lira comoveu Caronte, que abandonou o barco e seguiu Orfeu, que cantava, para escutar o seu canto maravilhoso diante do senhor e da senhora das regiões inferiores. Orfeu, com o poder do seu canto, maravilhou o mundo infernal, comovendo-o: a roda de Ixião parou de girar, o rochedo de Sísifo deixou de rolar, Tântalo esqueceu a fome e a sede, e as Danaides deixaram o seu eterno trabalho de encher os tonéis sem fundo (*Geo.* IV, 481 – 484).

Plutão e Perséfone, as divindades infernais, concordaram em deixar trazer Eurídice de volta, pois ficaram comovidos com a voz de Orfeu. Entretanto, uma condição foi imposta pelas divindades: ele iria à frente e ela lhe acompanharia os passos, porém Orfeu não poderia olhar para trás, enquanto não sáíssem das sombras. Conforme Kerényi (1994, p. 233), essa era a lei das potências infernais; ninguém devia olhar para elas. O sacrifício às divindades dos mortos fazia-se com o rosto virado; nenhum olhar, apenas a voz se permitia no reino dos que partiram. Eurídice poderia seguir o marido apaixonado. Isso Orfeu conseguiu com o seu canto. Os dois amantes subiam em direção à luz, na dura estrada que conduz da morte à vida, mas ele não resistiu, olhou para trás e viu Eurídice sumir para sempre numa sombra, perdendo-a pela segunda vez. Mas por que olhou? Seria loucura? (*Geo.* IV, 488). Ou estaria apenas ansioso por certificar-se de que ela o seguia?

*Carpitur accliuus per multa silentia trames,
Arduus, obscurus, caligine densus opaca.
Nec procul afuerant telluris margine summae;
Hic, ne deficeret metuens auidusque uidendi,
Flexit amans oculos et protinus illa relapsa est.* (*Op. Met.* X, 53 – 59).

(Pôs-se a caminho, no meio de um silêncio absoluto, pelas ladeiras de um caminho árduo e tenebroso, coberto por opaco nevoeiro. Não estavam longe de atravessar o limite e alcançar a superfície da terra; Orfeu temendo que Eurídice desaparecesse, e, ansioso para contemplá-la, amando-a, voltou para ela os olhos, e Eurídice logo se lhe escapou.)

Tentou regressar, mas foi impedido. Caronte não queria transportá-lo de novo para o outro lado (*Geo.* IV, 502 – 503). Do ponto de vista psicanalítico, segundo Tringali (1990, p. 16), Orfeu

voltou-se para trás, quebrando a condição imposta, porque, em seu inconsciente, quis perdê-la. Do ponto de vista mitológico, ele foi castigado pelos deuses, em face de sua fraqueza, porque não soube morrer de amor e ir ao encontro da amada.

A viagem ao inferno lhe trouxe a sabedoria sobre a outra vida. Baco ou Dioniso, deus do Orfismo, também esteve no inferno, onde foi buscar sua mãe. A catábase se repete na literatura universal. No canto XI da *Odisséia*, Ulisses se encontra com a sombra de Tirésias. No canto VI da *Eneida*, Enéias se encontra com o pai. Pode-se fazer referência também à *Divina Comédia* de Dante e aos *Autos das Barcas* de Gil Vicente.

Orfeu, derrotado, tentou regressar, mas não lhe foi dada uma segunda chance. Muito triste, não quis mais ninguém, preferiu a solidão. As Mênades sentiram-se desprezadas por tal fidelidade à esposa morta, mataram-no e esquartejaram-no e lançaram-lhe os restos e a cabeça no rio Hebro. Ao rolar a cabeça no rio, sua boca ainda proferiu o nome de Eurídice (*Geo.* IV, 526 – 527).

As mulheres trácias foram punidas por tal crime; os deuses devastaram-lhes o país com uma grande peste. Para aplacar a ira divina, a cabeça de Orfeu foi encontrada na embocadura do rio Meles, na Jônia, e lá foi erguido um templo em honra de Orfeu. Sua lira foi parar na ilha de Lesbos. Sua psiqué foi elevada aos Campos Elísios e, com vestes brancas, Orfeu canta para os imortais.

Conforme Brandão (1991, p. 143), Orfeu poderia ter trazido Eurídice de volta, se não tivesse olhado para trás. Este foi o seu grande desencontro, pois, ao olhar para trás, transgride as direções, volta ao passado, retrocede por estar apegado à matéria, simbolizada por Eurídice. Quando olhou para trás, Orfeu transgrediu as direções. Olhar para frente significa desvendar o futuro; para a direita é descobrir o bem, para a esquerda é o encontro do mal; para trás é o regresso ao passado.

Em *Gênesis* 19, 17 pode-se verificar que os dois anjos de Javé recomendaram à família de Ló para não olhar para trás.

Havendo-os levado para fora, disse um deles: Livra-te, salva a tua vida; não olhes para trás, nem pares em toda a campina: foge para o monte, para que não pereças.

Como Orfeu, a esposa de Ló foi castigada, porque olhara para trás:

*Então fez o Senhor chover enxofre e fogo, da parte do Senhor, sobre Sodoma e Gomorra. E subverteu aquelas cidades e toda a campina, e todos os moradores das cidades, e o que nascia na terra. E a mulher de Ló olhou para trás e converteu-se numa estátua de sal. (*Gên.* 19, 24-26).*

Na *Odisséia* (X, 528), Ulisses, aconselhado pela feiticeira Circe, vai aos infernos para consultar Tirésias. Porém ele deveria fazer o sacrifício aos habitantes infernais, ficando de costas para o Hades, sem olhar para trás. Da mesma forma, na *Écloga* (VIII, 101 – 103), a pastora Amarílis lança cinzas em água corrente, para trazer seu amado pastor Dáfnis, porém não pode olhar para trás. Percebe-se que para Orfeu, para a mulher de Ló, para Ulisses, para Amarílis, a recomendação é sempre a mesma: *não olhar para trás*. Orfeu, segundo Brandão (1991, p. 147), perdeu Eurídice e perdeu-se também, como indivíduo, como músico e como cantor, partiu-se a harmonia, que só poderá ser reconquistada se houver um retorno perfeito.

O canto tem poder mágico e miraculoso, que consegue vencer as paredes da morte; contudo, Orfeu perdeu Eurídice, porque fora imprudente, movido pela *demetia*, olhou para trás e perdeu para sempre a amada Eurídice.

O Orfismo

As abelhas e Orfeu estão profundamente ligados entre si pela simbologia de sobrevivência após a morte. Como Gentili (1977, p. 296) diz que as abelhas são aliadas ao Orfismo, ligado ao cantor Orfeu, torna-se então necessário fazer um breve comentário sobre a doutrina órfica.

O Orfismo é uma religião que surgiu na Grécia antiga, envolvendo todo o homem e compreendendo uma dogmática, uma moral, uma ascese, uma mística, uma liturgia. Os órficos possuíam sua *Bíblia* que exercia grande poder sobre eles. Seus textos foram compilados e, às vezes, interpolados pelo poeta grego Onomácrita, do século VI a.C.

Há semelhanças entre o Pitagoricismo e o Orfismo quanto ao dualismo corpo-alma, à crença na imortalidade e na metempsicose; à punição no Hades e glorificação final da psique nos Campos Elisios; ao vegetarianismo; ao ascetismo e à importância das purificações.

No entanto, os pitagóricos organizavam-se em seitas fechadas, do tipo esotérico, dedicando-se a um sistema de educação completo, o Orfismo era um movimento religioso aberto, de cunho democrático, que jamais se imiscuiu em política. Segundo Brandão (1991, p. 153), talvez fosse mais uma *escola*, uma comunidade com seus mestres, que explicavam as doutrinas e orientavam, com sua vasta literatura religiosa, seus alunos e iniciados.

O Orfismo participa do dionisismo, mas não se confunde com ele. O dionisismo consiste na omofagia, ou seja, na perseguição de um animal pelos fiéis, tomados de furor báquico, no seu esfacelamento e na ingestão da carne crua. Entre os órficos, ao contrário, é proibido o derramamento de sangue, pois a morte

repete o sacrilégio dos Titãs ao matarem e devorarem Dioniso.

Orfeu é uma figura lendária, mas o Orfismo é histórico. Desde o século VI a.C., havia na Hélade, uma escola de poetas místicos: os órficos que professavam sua doutrina. Ouviam os ensinamentos e celebravam seu grande deus, o primeiro Dioniso, denominado Zagreu. Eles não comiam carne e ovos, praticavam a ascese e uma catarse rigorosa, defendiam a metempsicose e negavam os postulados básicos da religião estatal.

Segundo a cosmogonia órfica, o cosmo surgiu de um ovo. Crono, o Tempo, gera no Éter, com o Caos, o Ovo primordial, onde tem origem o primeiro dos deuses, Eros, também chamado Fanes. A seqüência daí por diante é a mencionada por Hesíodo. Fanes (Eros) é o princípio da criação, que gerou os outros deuses. Mas Zeus engoliu a Fanes e toda a geração anterior, criando um novo mundo.

A antropogonia órfica tem, como consequência, o crime dos Titãs contra Zagreu, o primeiro Dioniso. Após raptarem Zagreu, por ordem de Hera, fizeram-no em pedaços, cozinham-lhe as carnes e as devoraram. Zeus, furioso, fulminou-os até se tornarem cinzas. Apolo enterrou em seu santuário, em Delfos, o que sobrou do banquete; Minerva salvou o coração de Dioniso e ofereceu a Zeus, que o comeu ou deu para a amante Sémele também comer. Hera, enciumada por este romance, disfarçadamente convenceu Sémele a pedir ao deus do Olimpo que se exibisse em sua glória. Zeus, como havia prometido cumprir um desejo de Sémele, apareceu em toda sua glória, ou seja, em pura luz, e, por isso, a amante morreu fulminada.

O homem foi feito da terra proveniente das cinzas dos Titãs que haviam devorado Baco, punidos por Zeus que os destruíra. Assim, o homem tem uma dupla natureza: uma titânica e má; a outra, uma natureza divina, dionísica, boa. Para os órficos, segundo Tringali (1990, p. 21), havia um pecado original coletivo, resultante do elemento titânico de que é inevitavelmente dotado o homem, mas do qual tem de se livrar e se purificar. Assim, todo esforço ascético, como afirma Brandão (1990, p. 31), visa elimi-

nar do homem a parte titânica e liberar a parte divina. Seria atingido, desta forma, o ideal de mudar-se de homem em deus. A morte põe fim às tribulações, mas, pela doutrina órfica da metempsicose, o elemento divino volta a reunir-se a seu antagonista titânico, para começar nova existência.

O Orfismo era uma doutrina essencialmente soteriológica e, assim, oferecia a seus seguidores meios eficazes para que essa liberação se fizesse de um modo mais rápido, sem tanto sofrimento. Ele ainda constituía uma antropologia teológica em que a teologia era formulada visando a explicar a natureza do homem e seu destino final. Colocava-se como uma escatologia ao preocupar-se com o último destino reservado ao homem: perdição ou salvação.

A escatologia era o ponto capital do Orfismo e Orfeu foi um dos raros mortais a descer em vida à região das trevas. Em Homero, o Hades é um imenso abismo, onde as almas são lançadas para todo o sempre; em Hesíodo, já existe uma mudança escatológica no destino ou em algumas almas privilegiadas; no entanto, o Orfismo fixa normas topográficas definidas e reestrutura o destino das almas.

Orficamente, o Hades foi dividido em três regiões distintas: a parte mais profunda, o Tártaro; a medial, o Érebo e a mais alta e nobre, os Campos Elísios. Os dois primeiros eram destinados aos tormentos impostos às almas. Os Campos Elísios seriam para aqueles que tinham passado pelos horrores dos dois outros compartimentos e iriam retornar à vida.

O corpo é mortal; porém a alma, imortal, segundo a doutrina órfica. Depois da morte, a alma vai até os juízes infernais que, segundo o que fizera, seria destinada a um lugar feliz ou a um lugar de penas, não eternas. O homem repararia suas faltas através da metempsicose ou das diversas existências.

Após ter seguido, em vida, as práticas purificadoras, o fiel, tornado próprio Baco, deve saber como se orientar no Hades. Nesse contexto, segundo Brandão (1990, p. 330), a catábase de Orfeu não tem uma visão do Hades como a de Ulisses, pois Orfeu

não desce aos infernos para consultar os mortos sobre o futuro, nem para buscar Eurídice. Sua descida ao Hades tem a função de fazê-lo portador autorizado, de uma mensagem escatológica e soterológica.

Segundo a escatologia órfica, a alma é imortal. Após a morte física, ela comparece diante dos juizes infernais e, segundo o seu merecimento, seria conduzida a um lugar de penas, que não era um estágio eterno. O homem repararia sua culpa através da metempsicose ou das diversas existências. A metempsicose aceita a existência de um além, o pecado original, o dualismo de corpo e alma, sendo o corpo a prisão da alma, e julga este um mundo de sofrimento. Crê, ainda, na divisão do homem em uma parte boa e outra má.

Não se pode duvidar de que Vergílio se inspira freqüentemente em Lucrécio. Para Epicuro, o Destino é cego, mas cabe ao ser humano realizar sua própria felicidade com toda a liberdade, e o regime monárquico era preferido pelos epicuristas. Vergílio o acolhia, porém com um dado novo, ou melhor, o regime era desejado pelos deuses. Embora Vergílio tenha sido influenciado sensivelmente pelas idéias de Lucrécio, ele se desligara da filosofia epicurista, pelo menos nos trechos que escrevera mais tarde.

O poeta das *Geórgicas* se apieda dos sofrimentos dos animais. Ao descrever a *peste* de Nórico, começa a delinear em Vergílio a idéia de que a vida existe em si e não seria criada por um acidente do mecanismo. No livro IV, o das abelhas, Vergílio apresenta a doutrina, segundo a qual as almas desses animais são uma emanção da alma do mundo, constatando que o milagre de Ácio revelou ser possível, nos grandes assuntos, haver uma vontade dos deuses; no entanto, não se pode dizer que desde o início das *Geórgicas*, o poeta aceita a intervenção dos deuses no mundo. O Epicurismo não nega a existência dos deuses, porém não admite sua interferência na vida dos homens, mas a felicidade e as perfeições do sábio são as imagens e uma espécie de imitação dos deuses.

Conforme Eliade (1991, p. 12), os mitos narram todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje. O mito ensina ao homem as histórias primordiais e tudo o que se relaciona com sua existência. Assim, ao conhecer os mitos, aprende-se o segredo da origem das coisas.

Vergílio, como Lucrécio, reconhece que os mitos têm uma significação simbólica, constituem uma espécie de aproximação da Verdade. Assim, o mito de Orfeu tem toda uma significação simbólica: a celebração da imortalidade da poesia. O relato de Orfeu constitui uma espécie de aproximação da Verdade, ele é repleto de beleza, uma forma de eternidade. E Orfeu é o próprio símbolo da imortalidade. Vergílio, ao escrever sobre a apicultura, uniu as abelhas ao mito de Orfeu, já que a abelha é símbolo da ressurreição; o mel, da força vital e da imortalidade.

Os gregos representaram a abelha por Melissa, que figuradamente significa poeta. Assim Orfeu, por meio do poder de seu canto, de sua eficácia, vence a própria morte. Se, numa segunda vez, perde Eurídice para todo o sempre, é pela *Dementia*, pela paixão avassaladora que está dentro do ser humano. E como homem, está preso nas garras do Destino, ou seja, a impotência do homem diante da inexorabilidade do *Fatum*.

Mas como as abelhas renascem, sua raça é imortal, *genus immortale manet* (*Geo.* IV, 208), elas renascem da própria morte. O poeta, por sua vez, morre, mas o seu canto e a sua voz são indestrutíveis, permanecem imortais. Em verdade, Orfeu não morre, sua alma preexiste, libertando-se do cárcere (corpo), para alçar vôo rumo à eternidade.

Conclusão

O mito é uma história sagrada, um relato ocorrido num tempo primordial e, portanto, segundo Eliade (1991, p. 12), uma história verdadeira, porque se refere a realidades. Graças aos Entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento. Desta forma, ao conhecer os mitos, aprende-se o segredo da origem das coisas. Sempre tratados e remodelados, os mitos antigos estiveram em uma alternância de permanência e metamorfose ao longo dos séculos.

Nas *Geórgicas*, Vergílio canta todos os aspectos da vida agrícola: as sementes, as plantas, as árvores e até a criação de animais de grande e pequeno portes e, por fim, a criação de abelhas tão organizadas, disciplinadas e trabalhadoras. Uma sociedade perfeita é a das abelhas que, alegoricamente, espelha aquela desejada por Augusto.

O poeta mostra que a conquista da felicidade, da ataraxia, existe graças ao trabalho atento, *labor improbus omnia uicit*, que não permite ao espírito humano adormecer em pesado torpor, já que um dia, Júpiter tirara o homem desse adormecimento e o acordara para a vida do trabalho, da criatividade, da sua potencialidade para realizar com suas próprias mãos sua história no mundo.

As *Geórgicas* não se dirigiram diretamente à classe dos pequenos lavradores, mas a toda elite culta, que podia dar, talvez, sua contribuição à renovação ideal e moral, pois Vergílio começou seu poema num período (entre 38 e 36 a.C.), quando o Império não tinha segurança nem no exterior nem no interior: do leste pressionavam ameaçadores os partos; do nordeste os germânicos, a pirataria de Sexto Pompeu ameaçava, do lado de Antônio, e de seus seguidores poderiam surgir novos perigos.

Afirma-se que as *Geórgicas* querem reafirmar o prestígio da Itália como centro e guia do Império, pois, segundo o poeta, a Itália é *Saturnia tellus*, a terra onde a paz reinou sob o império de Saturno, mas a volta deste império é obra do herdeiro de César, o salvador da Itália e do mundo. Na introdução do livro, Augusto é invocado como a décima terceira divindade.

Na vida dos campos, o poeta das *Geórgicas* vai para além da Arcádia, através de Hesíodo. A vida campestre é apresentada como *labor improbus*, uma luta áspera e obstinada contra as dificuldades da natureza. Na idade áurea, graças aos frutos espontâneos da terra, sem fadiga, as qualidades do homem eram entorpecidas. As dificuldades para o caminho da agricultura foram semeadas e, assim, o homem pôde realmente se cansar com o trabalho e, por fim, criar e realizar.

Para Vergílio, a felicidade do sábio pode ser aproximada àquela do pequeno agricultor, que venerava suas *divindades agrestes*. Assim, a Natureza domina, nas *Geórgicas*, através do processo de trabalho, no contínuo contato com o homem. A humanização da natureza é um caráter marcante na obra, até assumir, no livro das abelhas, um senso moral e político, pois a humanização dos animais, em Vergílio, facilitava a descrição dos homens. A reprodução prodigiosa das abelhas a partir da carcaça de um boi introduz o longo epílogo que ocupa a segunda metade do IV livro, o mito de Orfeu e Eurídice.

Um desenvolvimento puramente didascálico do poema dificilmente poderia exprimir todo o seu sentido ideológico. Vergílio se inspira em Hesíodo, em Lucrecio, em Arato, em Varrão e em Catão. Embora haja, nas *Geórgicas*, muitas digressões, a obra é extremamente harmônica. Dentro dessa arquitetura, Vergílio não abraça toda a matéria da agricultura, porque a obra não tem um fim técnico, pois não se trata de um tratado puramente científico de agricultura. Na verdade, é uma obra poética, e a poesia escolhe o essencial, pois não quer refletir a realidade crua, a veracidade, mas segundo, sua verdade, interpretá-la.

Questiona-se, desde a Antigüidade, sobre o papel exercido por Mecenas na composição das *Geórgicas*. Segundo os biógrafos antigos, Vergílio escreve o poema em honra de Mecenas. Sérvio observa que as *Geórgicas* são um poema didático que deve ser dirigido a alguém que se quer instruir. Assim, Vergílio é o professor e Mecenas, o aluno. Nas *Geórgicas*, Vergílio invoca várias vezes o nome de Mecenas. No entanto, talvez o poeta latino tenha obedecido a uma palavra de ordem, *haud mollia iussa*, no início do terceiro canto. Houve muitos comentários e debates sobre essas três palavras. Poder-se-ia concluir que o pedido ou a sugestão de Mecenas recaísse sobre o assunto tratado no terceiro canto e talvez, no quarto canto. Pode ser que Mecenas desempenhe o papel da divindade protetora, que proporciona a força poética para inspiração a Vergílio.

Não se pode concluir que Vergílio, ao escrever as *Geórgicas*, executara instruções precisas, imperativas, dadas pelo protetor das Letras. Assim, não se deve apreciar a obra, em seu conjunto, como uma obra de encomenda. Seria imprudente pensar que tanto Otávio, quanto Mecenas e Vergílio desejassem um poema didático que servisse de guia para os agricultores da Itália, pois eles não eram tão ingênuos. Provavelmente, o que queriam era um impulso ideal que, após as crises das guerras civis, da ruína da agricultura, da depreciação dos valores religiosos, políticos e morais, favorecesse um retorno à terra e devolvesse confiança no trabalho, na sociedade italiana do I a.C.

Segundo Sérvio, as *Geórgicas* se encerravam na primeira edição com um elogio a Galo em 26 a.C., Vergílio o teria substituído pelo atual final de Aristeu e Orfeu. Segundo uma das duas versões dadas por Sérvio, somente a parte sobre Orfeu seria nova. No entanto, não se tem certeza desta substituição, pois não há qualquer prova da existência de uma primeira edição. Talvez seja aceitável que Vergílio, letrado, não particularmente servil, tenha mudado o final por razões políticas, sem imposições claras.

O Vergílio das *Geórgicas* traça um quadro rústico vigoroso e

real, em que a terra, as searas, as árvores e os animais são os que o lavrador conhece e com os quais lida. O agricultor é rude, sua e curva a espinha sobre o arado. O poeta saúda na terra o inesgotável trabalho do homem. No entanto, a terra o nutre, o acolhe e lhe dá o melhor, pois ela é a força, a serenidade, dela emana um encanto misterioso. Nas *Geórgicas*, Vergílio aponta o valor máximo para o camponês: *labor omnia uicit improbus*. Recomenda que, antes de tudo, devem-se venerar os deuses: *in primis uenerare deos*. Júpiter trouxe ao mundo o trabalho e o sofrimento, aguçou os homens para que eles saíssem deste torpor. No entanto, o poeta das *Geórgicas* convida a retornar à simplicidade da vida rural, como se vê na apóstrofe dirigida aos agricultores: *O fortunatos nimium, e*, no mesmo sentido, o elogio da simplicidade rústica praticada pelos velhos Sabinos (*Geo. II, 532*) e também no elogio do velho que cultivava um jardim humilde perto de Tarento (*Geo. IV, 125 – 132*). Assim, a felicidade da vida campestre parece uma imagem muito forte de um sonho perdido. Desenha-se a esperança de um retorno à idade de ouro, que só poderia ser realizado na vida rústica.

Vergílio faz a seu leitor as confidências pessoais, fala de seus projetos, de seus desejos, de seus sonhos, convidando-o a banhar-se na sacralização da vida do campo.

As queixas sobre a morte de César, sobre as guerras civis, a súplica aos deuses, para obter paz, o elogio à Itália – grande mãe das messes e dos heróis, o quadro dos velhos costumes rústicos do *Latium* que têm feito de Roma a maravilha do mundo, a cidade das abelhas e o fascinante mito de Orfeu são a alma do poema, no qual também há uma visão histórica penetrante: Roma tornou-se poderosa pela agricultura, decaiu um momento pelo excesso de sua grandeza e de seu luxo, porém poderá ser salva se houver um retorno aos campos.

Nas *Geórgicas*, a matéria é ordenada segundo o esquema usual dos tratados de Agricultura. Porém a obra não é um puro tratado científico, trata-se de uma belíssima obra de arte, que, por meio de uma visão mítica, apresenta toda uma significação simbólica e imortal de sua própria verdade.

O homem está constantemente à procura da felicidade, do Éden perdido, porém preso à inexorabilidade do Destino. Encontra a felicidade no campo e se fortalece na própria natureza. E, curvado sobre a terra, contempla a natureza e descobre a felicidade. Como uma abelha, deve trabalhar organizada e disciplinadamente; e com a doçura do mel, conquistar seu espaço, pois não vive em torpor; ao contrário, cria, sofre, luta, sorri, chora e embriaga-se de vida na rusticidade do campo.

No IV canto das *Geórgicas*, Orfeu é exaltado por suas três potencialidades: a magia da voz, o amor e a morte. Ele é o poeta e músico que, por meio de sua lira, acalma a tempestade, encanta as plantas, os animais, os homens e os deuses. Com o seu canto, obtém, dos deuses infernais, Eurídice de volta, sob a condição de que não a encarasse antes de chegarem à luz. Tomado pela paixão, pela incerteza, pela *Dementia*, ele se volta para Eurídice, que desaparece para sempre. No entanto, o homem não morre; como Orfeu, a sua voz permanece; e, como as abelhas, sua raça é imortal: *genus immortale*.

Como Orfeu, o homem procura sempre um meio para desvendar os segredos da Morte e como atravessar a parede que separa os dois mundos: o dos mortos e o dos vivos. Orfeu deixa um caminho: o seu canto poético. O homem existe no Mundo, organiza-se em sociedade e é obrigado a trabalhar para viver; trabalha sob determinadas regras, no entanto esta existência não é infinita, ele é um ser mortal. Todavia, o que realiza, o que executa permanece, fica *imortalizado*, como o canto de Orfeu, para a posteridade, pois a humanidade continua sempre viva na figura do homem.

Vergílio revive sempre, em cada leitor, ávido e maravilhado pelas páginas de indefinível Beleza. As *Bucólicas*, as *Geórgicas*, a *Eneida* renascem constantemente naquele que mergulha em suas linhas e entrelinhas. E a voz, viva, do poeta continua clamando pela eternidade, como Orfeu ainda clama o nome de Eurídice...

O IV Canto das *Geórgicas*

*Protinus aerii mellis caelestia dona
exsequar: hanc etiam, Maecenas, adspice partem.
Admiranda tibi leuium spectacula rerum,
magnanimosque duces totiusque ordine gentis
mores et studia et populos et proelia dicam. 5
In tenui labor; at tenuis non gloria, si quem
numina laeua sinunt auditque uocatus Apollo.
Principio sedes apibus statioque petenda,
quo neque sit uentis aditus (nam pabula uenti
ferre domum prohibent) neque oues haedique petulci 10
floribus insultent aut errans bubula campo
decutiat rorem et surgentis atterat herbas.
Absint et picti squalentia terga lacerti
pinguibus a stabulis meropesque aliaeque uolucres
et manibus Procne pectus signata cruentis; 15
omnia nam late uastant ipsasque uolantis
ore ferunt dulcem nidis immitibus escam.
At liquidi fontes et stagna uirentia musco
adsint et tenuis fugiens per gramina riuos,
palmaque uestibulum aut ingens oleaster inumbret;
ut, cum prima noui ducent examina reges 21
uere suo ludetque fauis emissa iuuentus,
uicina inuitet decedere ripa calori,
obuiaque hospitii teneat frondentibus arbos.
In medium, seu stabit iners seu profluet umor, 25
transuersas salices et grandia conice saxa,
pontibus ut crebris possint consistere et alas
pandere ad aestiuom solem, si forte morantis
sparserit aut praeceps Neptuno immerserit Eurus.*

Haec circum casiae uirides et olentia late 30
serpylla et grauius spirantis copia thymbrae
floreant, inriguomque bibant uiolaria fontem.
Ipsa autem, seu corticibus tibi suta cauatis
seu lento fuerint aluaria uimine texta,
angustus habeant aditus: nam frigore mella 35
cogit hiems, eademque calor liquefacta remittit.
Vtraque uis apibus pariter metuenda; neque illae
nequiquam in tectis certatim tenuia cera
spiramenta linunt fucoque et floribus oras
expleant conlectumque haec ipsa ad munera gluten 40
et uisco et Phrygiae seruant pice lentius Idae.
Saepe etiam effossis, si uera est fama, latebris
sub terra fouere larem penitusque repertae
punicibusque cauis exesaeque arboris antro.
Tu tamen et leui rimosa cubilia limo 45
unge fouens circum et raras superinice frondis;
neu propius tectis taxum sine neue rubentis
ure foco caneros altae neu crede paludi
aut ubi odor caeni grauis aut ubi concaua pulsu
saxa sonant uocisque offensa resultat imago. 50
Quod superest, ubi pulsam hiemem sol aureus egit
sub terras caelumque aestiua luce reclusit,
illae continuo saltus siluasque peragrant
purpureosque metunt flores et flumina libant
summa leues. Hinc nescio qua dulcedine laetae 55
progeniem nidosque fouent; hinc arte recentis
excudunt ceras et mella tenacia fingunt.
Hinc ubi iam emissum caueis ad sidera caeli
nare per aestatem liquidam suspexeris agmen
obscuramque trahi uento mirabere nubem, 60
contemplator: aquas dulcis et frondea semper
tectae petunt. Huc tu iussos adsperge saporis,

trita melisphylla et cerinthae ignobile gramen,
tinnitusque cie et Matris quate cymbala circum:
ipsae consident medicatis sedibus, ipsae 65
intima more suo sese in cunabula condent.
Sin autem ad pugnam excierint — nam saepe duobus
regibus incessit magno discordia motu;
continuoque animos uolgi et trepidantia bello
corda licet longe praesciscere; namque morantis 70
Martius ille aeris rauci canor increpat, et uox
auditur fractos sonitus imitata tubarum;
tum trepidae inter se coeunt, pinnisque coruscant
spiculaque exacuunt rostris aptantque lacertos
et circa regem atque ipsa ad praetoria densae 75
miscentur magnisque uocant clamoribus hostem;
ergo, ubi uer nactae sudum camposque patentis,
erumpunt portis; concurritur, aethere in alto
fit sonitus, magnum mixtae glomerantur in orbem
praecipitesque cadunt; non densior aere grando 80
nec de concussa tantum pluit illice glandis;
ipsi per medias acies insignibus alis
ingentis animos angusto in pectore uersant
usque adeo obnixi non cedere, dum grauis aut hos
aut hos uersa fuga uictor dare terga subegit — 85
hi motus animorum atque haec certamina tanta
pulueris exigui iactu compressa quiescunt.
Verum, ubi ductores acie reuocaueris ambo,
deterior qui uisus, eum, ne prodigus obsit,
dede neci; melior uacua sine regnet in aula. 90
Alter erit maculis auro squalentibus ardens
(nam duo sunt genera): hic melior insignis et ore
et rutilus clarus squamis; ille horridus alter
desidia latamque trahens inglorius aluom.
Vt binae regum facies, ita corpora plebis: 95

*namque aliae turpes horrent, ceu puluere ab alto
quom uenit et sicco terram sput ore uiator
aridus; elucent aliae et fulgore coruscant
ardentes auro et paribus lita corpora guttis.*

*Haec potior suboles: hinc caeli tempore certo 100
dulcia mella premes, nec tantum dulcia quantum
et liquida et durum Bacchi domitura saporem.*

*At cum incerta uolant caeloque examina ludunt
contemnuntque fauos et frigida tecta relinquunt,
instabilis animos ludo prohibebis inani. 105*

*Nec magnus prohibere labor: tu regibus alas
eripe; non illis quisquam cunctantibus altum
ire iter aut castris audebit uellere signa.*

*Inuitent croceis balantes floribus horti
et custos furum atque auium cum falce saligna 110
Hellespontiaci seruet tutela Priapi.*

*Ipse thymum pinosque ferens de montibus altis,
tecta serat late circum, quoi talia curae,
ipse labore manum duro terat, ipse feracis
figat humo plantas et amicos inriget imbris. 115*

*Atque equidem, extremo ni iam sub fine laborum
uela traham et terris festinem aduertere proram,
forsitan et, pinguis hortos quae cura colendi
ornaret, canerem biferique rosaria Paesti,
quoque modo potis gauderent intiba riuis 120*

*et uirides apio ripae, tortusque per herbam
cresceret in uentrem cucumis; nec sera comantem
narcissum aut flexi tacuissem uimen acanthi
pallentisque hederas et amantis litora myrtos.*

*Namque sub Oebaliae memini me turribus arcis, 125
qua niger umectat flauentia culta Galaesus,
Corycium uidisse senem, cui pauca relict
iugera ruris erant, nec fertilis illa iuuenicis*

*nec pecori opportuna seges nec commoda Baccho.
Hic rarum tamen in dumis olus albaque circum 130
lilia uerbenasque premens uescumque papauer
regum aequabat opes animis, seraque reuertens
nocte domum dapibus mensas onerabat inemptis.*

*Primus uere rosam atque autumno carpere poma;
et, cum tristis hiems etiamnum frigore saxa 135
rumperet et glacie cursus frenaret aquarum,
ille comam mollis iam tondebat hyacinthi
aestatem increpitans seram Zephyrosque morantis.*

*Ergo apibus fetis idem atque examine multo
primus abundare et spumantia cogere pressis 140
mella fauis; illi tiliae atque uberrima pinus;
quotque in flore nouo pomis se fertilis arbos
induerat, totidem autumno matura tenebat.*

*Ille etiam seras in uersum distulit ulmos
eduramque pirum et spinos iam pruna ferentis 145
iamque ministrantem platanum potantibus umbras.
Verum haec ipse equidem spatiis exclusus iniquis
praetereo atque aliis post me memoranda relinquo.*

*Nunc age, naturas apibus quas Iuppiter ipse
addidit expeditam, pro qua mercede canoros 150
Curetum sonitus crepitantiaque aera secutae
Dictaeo caeli regem pauere sub antro.*

*Solae communis natos, consortia tecta
urbis habent magnisque agitant sub legibus aeuom
et patriam solae et certos nouere Penatis 155
uenturaeque hiemis memores aestate laborem
experiuntur et in medium quaesita reponunt.*

*Namque aliae uictu inuigilant et foedere pacto
exercentur agris; pars intra saepta domorum
narcissi lacrimam et lentum de cortice gluten 160
prima fauis ponunt fundamina, deinde tenacis*

suspendunt ceras; aliae spem gentis adultos
educunt fetus; aliae purissima mella
stipant et liquido distendunt nectare cellas.
Sunt quibus ad portas cecidit custodia sorti **165**
inque uicem speculantur aquas et nubila caeli
aut onera accipiunt uenientum aut agmine facto
ignauom fucos pecus a praesepibus arcent.
Feruunt opus, redolentque thymo fragrantia mella.
Ac ueluti lentis Cyclopes fulmina massis **170**
cum properant, alii taurinis follibus auras
accipiunt redduntque, alii stridentia tingunt
aera lacu; gemit impositis incudibus antrum;
illi inter sese magna ui brachia tollunt
in numerum uersantque tenaci forcipe ferrum: **175**
non aliter (si parua licet componere magnis)
Cecropias innatus apes amor urget habendi,
munere quamque suo. Grandaeuis oppida curae,
et munire fauos et daedala fingere tecta.
At fessae multa referunt se nocte minores, **180**
crura thymo plенаe: pascuntur et arbuta passim
et glaucas salices casiamque crocumque rubentem
et pinguem tiliam et ferrugineos hyacinthos.
Omnibus una quies operum, labor omnibus unus:
mane ruunt portis; nusquam mora; rursus easdem **185**
uesper ubi e pastu tandem decedere campis
admonuit, tum tecta petunt, tum corpora curant;
fit sonitus, mussantque oras et limina circum.
Post, ubi iam thalamis se composuere, siletur
in noctem, fessosque sopor suos occupat artus. **190**
Nec uero a stabulis pluuia impendente recedunt
longius aut credunt caelo aduentantibus Euris;
sed circum tutae sub moenibus urbis aquantur
excursusque breuis temptant et saepe lapillos,

ut cymbae instabiles fluctu iactante saburram, **195**
tollunt, his sese per inania nubila librant.
Illum adeo placuisse apibus mirabere morem,
quod nec concubitu indulgent nec corpora segnes
in Venerem soluont aut fetus nixibus edunt;
uerum ipsae e foliis natos et suauibus herbis **200**
ore legunt, ipsae regem paruosque Quirites
sufficiunt anlasque et cerea regna refingunt.
Saepe etiam duris errando in cotibus alas
attriuere, utroque animam sub fasce dedere:
tantus amor florum et generandi gloria mellis! **205**
Ergo ipsas quamuis angusti terminus aeu
excipiat (neque enim plus septima ducitur aestas),
at genus immortale manet, multosque per annos
stat fortuna domus, et aui numerantur auorum.
Praeterea regem non sic Aegyptus et ingens **210**
Lydia nec populi Parthorum aut Medus Hydaspes
obseruant. Rege incolumi mens omnibus una est;
amisso rupere fidem constructaque mella
diripere ipsae et cratis soluere fauorum.
Ille operum custos, illum admirantur et omnes **215**
circumstant fremitu denso stipantque frequentes
et saepe attollunt umeris et corpora bello
obiectant pulchramque petunt per uolnera mortem.
His quidam signis atque haec exempla secuti
esse apibus partem diuinae mentis et haustus **220**
aetherios dixere: deum namque ire per omnis
terrasque tractusque maris caelumque profundum;
hinc pecudes, armenta, uiros, genus omne ferarum,
quemque sibi tenuis nascentem arcessere uitas;
scilicet huc reddi deinde ac resoluta referri **225**
omnia, nec morti esse locum, sed uiua uolare
sideris in numerum atque alto succedere caelo.

suspendunt ceras; aliae spem gentis adultos
educunt fetus; aliae purissima mella
stipant et liquido distendunt nectare cellas.
Sunt quibus ad portas cecidit custodia sorti **165**
inque uicem speculantur aquas et nubila caeli
aut onera accipiunt uenientum aut agmine facto
ignauom fucos pecus a praesepibus arcent.
Feruít opus, redolentque thymo fragrantia mella.
Ac ueluti lentis Cyclopes fulmina massis **170**
cum properant, alii taurinis follibus auras
accipiunt redduntque, alii stridentia tingunt
aera lacu; gemit impositis incudibus antrum;
illi inter sese magna ui brachia tollunt
in numerum uersantque tenaci forcipe ferrum: **175**
non aliter (si parua licet componere magnis)
Cecropias innatus apes amor urget habendi,
munere quamque suo. Grandaeuis oppida curae,
et munire fauos et daedala fingere tecta.
At fessae multa referunt se nocte minores, **180**
crura thymo plenae: pascuntur et arbuta passim
et glaucas salices casiamque crocumque rubentem
et pinguem tiliam et ferrugineos hyacinthos.
Omnibus una quies operum, labor omnibus unus:
mane ruont portis; nusquam mora; rursus easdem **185**
uesper ubi e pastu tandem decedere campis
admonuit, tum tecta petunt, tum corpora curant;
fit sonitus, mussantque oras et limina circum.
Post, ubi iam thalamis se composuere, siletur
in noctem, fessosque sopor suos occupat artus. **190**
Nec uero a stabulis pluuia impendente recedunt
longius aut credunt caelo aduentantibus Euris;
sed circum tutae sub moenibus urbis aquantur
excursusque breuis temptant et saepe lapillos,

ut cymbae instabiles fluctu iactante saburram, **195**
tollunt, his sese per inania nubila librant.
Illum adeo placuisse apibus mirabere morem,
quod nec concubitu indulgent nec corpora segnes
in Venerem soluont aut fetus nixibus edunt;
uerum ipsae e foliis natos et suauibus herbis **200**
ore legunt, ipsae regem paruosque Quirites
sufficiunt aulasque et cerea regna refingunt.
Saepe etiam duris errando in cotibus alas
attriuere, ultroque animam sub fasce dedere:
tantus amor florum et generandi gloria mellis! **205**
Ergo ipsas quamuis angusti terminus aeuí
excipiat (neque enim plus septima ducitur aestas),
at genus immortale manet, multosque per annos
stat fortuna domus, et aui numerantur auorum.
Praeterea regem non sic Aegyptus et ingens **210**
Lydia nec populi Parthorum aut Medus Hydaspes
obseruant. Rege incolumi mens omnibus una est;
amisso rupere fidem constructaque mella
diripuere ipsae et cratis soluere fauorum.
Ille operum custos, illum admirantur et omnes **215**
circumstant fremitu denso stipantque frequentes
et saepe attollunt umeris et corpora bello
obiectant pulchramque petunt per uolnera mortem.
His quidam signis atque haec exempla secuti
esse apibus partem diuinae mentis et haustus **220**
aetherios dixere: deum namque ire per omnis
terrasque tractusque maris caelumque profundum;
hinc pecudes, armenta, uiros, genus omne ferarum,
quemque sibi tenuis nascentem arcessere uitas;
scilicet huc reddi deinde ac resoluta referri **225**
omnia, nec morti esse locum, sed uiua uolare
sideris in numerum atque alto succedere caelo.

*Si quando sedem augustam seruataque mella
thensauris relines, prius haustu sparsus aquarum
ora foue fumosque manu praetende sequacis. 230*
*Bis grauidos cogunt fetus, duo tempora messis:
Taugete simul os terris ostendit honestum
Plias et Oceani spreto pede reppulit amnis,
aut eadem sidus fugiens ubi Piscis aquosi
tristior hibernas caelo descendit in undas. 235*
*Illis ira modum supra est laesaeque uenenum
morsibus inspirant et spicula caeca relinquunt
adfixae uenis animasque in uolnere ponunt.
Sin duram metues hiemem parcesque futuro
contusosque animos et res miserabere fractas, 240*
*at suffire thymo cerasque recidere inanis
quis dubitet? nam saepe fauos ignotus adedit
stellio et lucifugis congesta cubilia blattis;
immunisque sedens aliena ad pabula fucus
aut asper crabro imparibus se immiscuit armis, 245*
*aut dirum tineae genus, aut inuisa Mineruae
laxos in foribus suspendit aranea cassis.
Quo magis exhaustae fuerint, hoc acrius omnes
incumbent generis lapsi sarcire ruinas
complebuntque foros et floribus horrea texent. 250*
*Si uero (quoniam casus apibus quoque nostros
uita tulit) tristi languerunt corpora morbo –
quod iam non dubiis poteris cognoscere signis:
continuo est aegris alius color; horrida uoltum
deformat macies; tum corpora luce carentum 255*
*exportant tectis et tristia funera ducunt;
aut illae pedibus conexae ad limina pendent,
aut intus clausis cunctantur in aedibus omnes
ignauaeque fame et contracto frigore pigrae;
tum sonus auditur grauior, tractimque susurrant, 260*

*frigidus ut quondam siluis immurmurat Auster,
ut mare sollicitum stridit refluentibus undis,
aestuat ut clausis rapidus fornacibus ignis –,
hic iam galbaneos suadebo incendere odores
mellaque harundineis inferre canalibus, ultro 265*
*hortantem et fessas ad pabula nota uocantem.
Proderit et tunsum gallae admiscere saporem
arentisque rosas aut igni pinguia multo
defruta uel psithia passos de uite racemos
Cecropiumque thymum et graeolentia centaurea. 270*
*Est etiam flos in pratis, cui nomen amello
fecere agricolae, facilis quaerentibus herba:
namque uno ingentem tollit de caespite siluam
aureus ipse, sed in foliis quae plurima circum
funduntur uiolae subluet purpura nigrae; 275*
*saepe deum nexis ornatae torquibus arae;
asper in ore sapor; tonsis in uallibus illum
pastores et curua legunt prope flumina Mellae:
huius odorato radices incoque Baccho
pabulaque in foribus plenis appone canistris. 280*
*Sed si quem proles subito defecerit omnis
nec genus unde nouae stirpis reuocetur habebit,
tempus et Arcadii memoranda inuenta magistri
pandere quoque modo caesis iam saepe iuencis
insincerus apes tulerit cruor. Altius omnem 285*
*expediam prima repetens ab origine famam.
Nam qua Pellaei gens fortunata Canopi
accolit effuso stagnantem flumine Nilum
et circum pictis uebitur sua rura phaselis
quaque pharetratae uicinia Persidis urget, 290*
*et uiridem Aegyptum nigra secundat harena
et diuersa ruens septem discurrit in ora
usque coloratis amnis deuexus ab Indis,*

omnis in hac certam regio iacit arte salutem.
Exiguos primum atque ipsos contractus in usus **295**
eligitur locus; hunc angustique imbrice tecti
parietibusque premunt artis et quattuor addunt
quattuor a uentis obliqua luce fenestras.
Tum uitulus bima curuans iam cornua fronte
quaeritur; huic geminae nares et spiritus oris **300**
multa reluctanti obstruitur, plagisque perempto
tunsa per integram soluuntur uiscera pellem.
Sic positum in clauso linquont et ramea costis
subiciunt fragmenta, thymum casiasque recentis.
Hoc geritur Zephyris primum impellentibus undas, **305**
ante nouis rubeant quam prata coloribus, ante
garrula quam tignis nidum suspendat hirundo.
Interea teneris tepesfactus in ossibus umor
aestuat, et uisenda modis animalia miris,
trunca pedum primo, mox et stridentia pinnis, **310**
miscentur tenuemque magis magis aera carpunt,
donec ut aestiuus effusus nubibus imber
erupere aut ut neruo pulsante sagittae,
prima leues ineunt si quando proelia Parthi.
Quis deus hanc, Musae, quis nobis extudit artem? **315**
unde noua ingressus hominum experientia cepit?
Pastor Aristaeus fugiens Peneia Tempe
amissis, ut fama, apibus morboque fameque
tristis ad extremi sacrum caput adstitit amnis
multa querens atque hac affatus uoce parentem: **320**
"Mater, Cyrene mater, quae gurgitis huius
ima tenes, quid me praeclara stirpe deorum
(si modo, quem perhibes, pater est Thymbraeus Apollo)
inuisum fatis genuisti? aut quo tibi nostri
pulsus amor? quid me caelum sperare iubebas? **325**
En etiam hunc ipsum uitae mortalis honorem,

quem mihi uix frugum et pecudum custodia sollers
omnia temptanti extuderat, te matre, relinquo.
Quin age et ipsa manu felicitis erue siluas;
fer stabulis inimicum ignem atque interfice messis; **330**
ure sata et ualidam in uitis molire bipennem,
tanta meae si te ceperunt taedia laudis."

At mater sonitum thalamo sub fluminis alti
sensit. Eam circum Milesia uellera Nymphae
carpebant hyali saturo fucata colore, **335**
Drymoque Xanthoque Ligeaque Phyllodoceque,
caesariem effusae nitidam per candida colla,
[Nesaeae Spioque Thaliaque Cymodoceque]
Cydippeque et flaua Lycorias, altera uirgo,
altera tum primos Lucinae experta labores, **340**
Clioque et Beroe soror, Oceanitides ambae,
ambae auro, pictis incinctae pellibus ambae,
atque Ephyre atque Opis et Asia Deiopeia,
et tandem positus uelox Arethusa sagittis.
Inter quas curam Chymene narrabat inanem **345**
Volcani Martisque dolos et dulcia furta
aque Chao densos diuom numerabat amores.
Carminibus quo captae dum fuis mollia pensa
deuoluunt, iterum maternas impulit auris
luctus Aristaei, uitreisque sedilibus omnes **350**
obstupere; sed ante alias Arethusa sorores
prospiciens summa flauom caput extulit unda,
et procul: "O gemitu non frustra exterrita tanto,
Cyrene soror, ipse tibi, tua maxima cura,
tristis Aristaeus Penei genitoris ad undam **355**
stat lacrimans, et te crudelem nomine dicit."
Huic percussa noua mentem formidine mater:
"Duc age, duc ad nos; fas illi limina diuom

*tangere”, ait. Simul alta iubet discedere late
flumina, qua iuuenis gressus inferret: at illum 360
curuata in montis faciem circumstetit unda
accepitque sinu uasto misitque sub amnem.
Iamque domum mirans genitricis et umida regna
speluncisque lacus clausos lucosque sonantis
ibat et ingenti motu stupefactus aquarum 365
omnia sub magna labentia flumina terra
spectabat diuersa locis, Phansimque Lycumque
et caput, unde altus primum se erumpit Enipeus
saxosusque sonans Hypanis Mysusque Caicus,
unde pater Tiberinus et unde Aniena fluente, 370
et gemina auratus taurino cornua uoltu
Eridanus, quo non alius per pingua culta
in mare purpureum uiolentior effluit amnis.
Postquam est in thalami pendentia pumice tecta
peruentum et nati fletus cognouit inanis 375
Cyrene, manibus liquidos dant ordine fontis
germanae tonsisque ferunt mantelia uillis;
pars epulis onerant mensas et plena reponunt
pocula; Panchaeis adulescunt ignibus arae.
Et mater: “Cape Maeonii carchesia Bacchi; 380
Oceano libemus”, ait. Simul ipsa precatur
Oceanumque patrem rerum Nymphasque sorores,
centum quae siluas, centum quae flumina seruant.
Ter liquido ardentem perfudit nectare Vestam,
ter flamma ad summum tecti subiecta reluxit. 385
Omne quo firmans animum, sic incipit ipsa:*

“Est in Carpathio Neptuni gurgite uates,
caeruleus Proteus, magnum qui piscibus aequor
et iuncto bipedum curru metitur equorum.
Hic nunc Emathiae portus patriamque reuisit 390

Pallenen; hunc et Nymphae ueneramur et ipse
grandaeuos Nereus; nouit namque omnia uates,
quae sint, quae fuerint, quae mox uentura trahantur.
Quippe ita Neptuno uisum est, immania cuius
armenta et turpis pascit sub gurgite phocas. 395
Hic tibi, nate, prius uinclis capiendus, ut omnem
expediat morbi causam euentusque secundet.
Nam sine ui non ulla dabit praecepta neque illum
orando flectes; uim duram et uincula capto
tende; doli circum haec demum frangentur inanes. 400
Ipsa ego te, medios cum sol accenderit aestus,
cum sitiunt herbae et pecori iam gratior umbra est,
in secreta senis ducam, quo fessus ab undis
se recipit, facile ut somno adgrediare iacentem.
Verum, ubi conreptum manibus uinclisque tenebis, 405
tum uariae eludent species atque ora ferarum:
fiet enim subito sus horridus atraque tigris
squamosusque draco et fulua ceruice leaena;
aut acrem flammae sonitum dabit atque ita uinclis
excidet, aut in aquas tenuis dilapsus abibit. 410
Sed quanto ille magis formas se uertet in omnis,
tam tu, nate, magis contende tenacia uinclis,
donec talis erit mutato corpore qualem
uideris, incepto tegeter cum lumina somno.”
Haec ait et liquidum ambrosiae diffundit odorem, 415
quo totum nati corpus perduxit; at illi
dulcis compositis spirauit crinibus aura,
atque habilis membris uenit uigor. Est specus ingens
exesi latere in montis, quo plurima uento
cogitur inque sinus scindit sese unda reductos, 420
depressis olim statio tutissima nautis.
Intus se uasti Proteus tegit obice saxi.
Hic iuuenem in latebris auersum a lumine Nympha

collocat; ipsa procul nebulis obscura resistit.
Iam rapidus torrens sitientis Sirius Indos, 425
ardebat caelo et medium sol igneus orbem
hauserat; arebant herbae et caua flumina siccis
faucibus ad limum radii tepesfacta coquebant:
cum Proteus consueta petens e fluctibus antra
ibat; eum uasti circum gens umida ponti 430
exsultans rorem late dispergit amarum.
Sternunt se somno diuersae in litore phocae;
ipse, uelut stabuli custos in montibus olim,
Vesper ubi e pastu uitulos ad tecta reducit
auditisque lupos acuunt balatibus agni, 435
consedit scopulo medius numerumque recenset.
Cuius Aristaeo quoniam est oblata facultas,
uix defessa senem passus componere membra,
cum clamore ruit magno manicisque iacentem
occupat. Ille suae contra non immemor artis 440
omnia transformat sese in miracula rerum,
ignemque horribilemque feram fluuiumque liquentem.
Verum ubi nulla fugam reperit fallacia, uictus
in sese redit atque hominis tandem ore locutus:
“Nam quis te, iuuenum confidentissime, nostras 445
iussit adire domos? quidue hinc petis? “inquit. At ille:
“Scis, Proteu, scis ipse; neque est te fallere quicquam;
sed tu desine uelle; deum praecepta secuti
uenimus hinc lapsis quaesitum oracula rebus.“
Tantum effatus. Ad haec uates ui denique multa 450
ardentis oculos intorsit lumine glauco
et graui terrendens sic fati ora resoluit:
“Non te nullius exercent numinis irae;
magna luis commissa: tibi has miserabilis Orpheus
haudquaquam ob meritum poenas, ni fata resistant, 455
suscitat et rapta graui ter pro conjuge saeuit.

Illa quidem, dum te fugeret per flumina praeceps,
immanem ante pedes hydram moritura puella
seruantem ripas alta non uidit in herba.
At chorus aequalis Dryadum clamore supremos 460
implerunt montis; flerunt Rhodopeiae arces
altaque Pangaea et Rhesi Mauortia tellus
atque Getae atque Hebrus et Actias Orithyia.
Ipse caua solans aegrum testudine amorem
te, dulcis coniunx, te solo in litore secum, 465
te ueniente die, te decedente canebat.
Taenarias etiam fauces, alta ostia Ditis,
et caligantem nigra formidine lucum
ingressus Manisque adiit regemque tremendum
nesciaque humanis precibus mansuescere corda. 470
At cantu commotae Erebi de sedibus imis
umbrae ibant tenues simulacraque luce carentum,
quam multa in foliis auium se milia condunt,
Vesper ubi aut hibernus agit de montibus imber,
matres atque uiri defunctaque corpora uita 475
magnanimum heroum, pueri innuptaeque puellae
impositique rogis iuuenes ante ora parentum;
quos circum limus niger et deformis harundo
Cocyti tardaue palus inamabilis unda
alligat et nouiens Styx interfusa coerces. 480
Quin ipsae stupuere domus atque intima Leti
Tartara caeruleosque implexae crinibus angues
Eumenides tenuitque inhians tria Cerberus ora
atque Ixionii uento rota constitit orbis.
Iamque pedem referens casus euaserat omnis 485
redditaque Eurydice superas ueniebat ad auras
pone sequens (namque hanc dederat Proserpina legem),
cum subita incautum dementia cepit amantem,
ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes:

restitit Eurydicenque suam iam luce sub ipsa 490
immemor heu! uictusque animi respexit. Ibi omnis
effusus labor atque immitis rupta tyranni
foedera, terque fragor stagnis auditus Auerni.
Illa: "Quis et me " inquit "miseram et te perdidit, Orpheu,
quis tantus furor? En iterum crudelia retro 495
fata uocant conditque natantia lumina somnus.
Iamque uale: feror ingenti circumdata nocte
inualidasque tibi tendens, heu! non tua, palmas."
Dixit et ex oculis subito, ceu fumus in auras
commixtus tenuis, fugit diuersa, neque illum 500
prensantem nequiquam umbras et multa uolentem
dicere praeterea uidit; nec portitor Orci
amplius obiectam passus transire paludem.
Quid faceret? quo se rapta bis coniuge ferret?
Quo fletu Manis, quae numina uoce moueret? 505
Illa quidem Stygia nabat iam frigida cymba.
Septem illum totos perhibent ex ordine mensis
rupe sub aerea deserti ad Strymonis undam
flesisse et gelidis haec euoluisse sub antris
mulcentem tigris et agentem carmine quercus. 510
Qualis populea maerens Philomela sub umbra
amissos queritur fetus, quos durus arator
obseruans nido implumis detraxit; at illa
flet noctem, ramoque sedens miserabile carmen
integrat et maestis late loca questibus implet. 515
Nulla uenus, non ulli animum flexere hymenaei.
Solus Hyperboreas glacies Tanaimque niualem
aruaque Riphaeis numquam uiduata pruinis
lustrabat, raptam Eurydicen atque inrita Ditis
dona querens; spretae Ciconum quo munere matres 520
inter sacra deum nocturnique orgia Bacchi
discerptum latos iuuenem sparsere per agros.

Tum quoque marmorea caput a ceruice reuolsum
gurgite cum medio portans Oeagrius Hebrus
uolueret, Eurydicen uox ipsa et frigida lingua 525
ab! miseram Eurydicen anima fugiente uocabat;
Eurydicen toto referebant flumine ripae."
Haec Proteus et se iactu dedit aequor in altum,
quaque dedit, spumantem undam sub uertice torsit.
At non Cyrene; namque ultro affata timentem: 530
"Nate, licet tristis animo deponere curas.
Haec omnis morbi causa; hinc miserabile Nymphae,
cum quibus illa choros lucis agitabat in altis,
excitium misere apibus. Tu munera supplex
tende petens pacem, et facilis uenerare Napaeas; 535
namque dabunt ueniam uotis irasque remittent.
Sed, modus orandi qui sit, prius ordine dicam.
Quattuor eximios praestanti corpore tauros,
qui tibi nunc uiridis depascunt summa Lycaei,
delige et intacta totidem ceruice iuuenas. 540
Quattuor his aras alta ad delubra dearum
constitue et sacrum iugulis demitte cruorem
corporaque ipsa bouum frondoso desere luco.
Post, ubi nona suos aurora ostenderit ortus,
inferias Orphei Lethaea papaueram mitte; 545
placatam Eurydicen uitula uenerabere caesa;
et nigram mactabis ouem lucumque reuises."
Haud mora; continuo matris praecepta facessit:
ad delubra uenit, monstratas excitat aras,
quattuor eximios praestanti corpore tauros 550
ducit et intacta totidem ceruice iuuenas.
Post, ubi nona suos aurora induxerat ortus,
inferias Orphei mittit lucumque reuise.
Hic uero subitum ac dictu mirabile monstrum
adspiciunt, liquefacta bouum per uiscera toto 555

*stridere apes utero et ruptis efferuere costis
immensasque trahi nubes iamque arbore summa
confluere et lentis uiam demittere ramis.*

*Haec super aruorum cultu pecorumque canebar
et super arboribus, Caesar dum magnus ad altum* **560**

*fulminat Eupbraten bello uictorque uolentis
per populos dat iura uiamque affectat Olympo.*

Illo Vergilium me tempore dulcis alebat

*Parthenope studiis florentem ignobilis oti,
carmina qui lusi pastorum audaxque iuuenta,* **565**

Tityre, te patulae cecini sub tegmine fagi.

Tradução e notas do IV Canto das Geórgicas

Tratarei, a seguir, dos dons celestiais do aéreo mel; dá atenção também a esta parte, Mecenas. Eu te cantarei espetáculos de coisas modestas, mas admiráveis e, por ordem, os chefes nobres, os costumes, as paixões, as raças e as batalhas de todo um povo (5). É um trabalho sobre assunto humilde; mas não é pequena a glória, se os deuses adversos a consentem ao poeta e se, invocado, Apolo lhe é benigno.

Em primeiro lugar, deve-se procurar para as abelhas um lugar onde os ventos não possam entrar (pois os ventos impedem que elas levem o alimento para casa), nem ovelhas e corneantes cabritos (10) saltem sobre as flores, nem a novilha errante na planície sacuda o orvalho e pise as ervas que nascem. Que estejam longe das ricas moradas, os lagartos pintados no dorso escamoso, os abelharucos, outras aves e Procne, marcada no peito com cruéis mãos (15), pois tudo eles devastam largamente e levam na boca as próprias abelhas, um doce alimento, para os ninhos cruéis. Mas que haja fontes límpidas e lagos verdejantes de musgo e um pequeno riacho que foge através das selvas, e que uma palmeira ou um imenso zambujeiro faça sombra à entrada (20); de tal sorte que, quando novos reis conduzirem os enxames (de abelhas) em sua primavera e quando brincar a juventude saída dos favos de mel, a vizinha margem convide-as a evitar o calor, e uma árvore em frente as atraia com suas frondes hospitaleiras. Lança no meio (25) salgueiros atravessados e grandes pedras, quer a água permaneça parada, quer corra, para que possam ficar em muitas pontes e abrir as asas para o sol de estio, se, por acaso, o violento Euro tiver aspergido as atrasadas, ou as tiver mergulhado no Netuno. Ao redor disto, que floresçam as verdes lauréolas e os serpões larga-

mente perfumados (30) e uma abundância de segurelha cheirando fortemente e que os violais bebam da úmida fonte.

Porém, quer tenham sido costuradas por ti de cavadas cortiças quer tenham sido tecidas com um vime flexível, que as próprias colméias tenham estreitas entradas; pois o inverno (35), com o frio, condensa os méis, e o calor torna-os de novo liquefeitos. Um e outro excesso deve igualmente ser temido pelas abelhas, e não é em vão que elas, à porfia, revestem de cera nos telhados as estreitas aberturas, enchem completamente as pequenas fendas de visco e flores e conservam, recolhida para estes mesmos empregos (40), uma cola mais viscosa do que o visco e a pez do frígio Ida. Frequentemente, se o que se diz é verdade, até em esconderijos escavados as abelhas fizeram um quente lar sob a terra e foram encontradas não só no fundo de pedras porosas, como também na reentrância de árvores carcomidas. Tu, de tua parte, unta as colméias cheias de fendas com uma leve lama (45), aquecendo em volta, e lança por cima algumas folhagens. Nem permitas o teixo muito perto de seus tetos, nem queimes ao fogo os vermelhos caranguejos, nem confies nos profundos pantanos, ou onde o odor da lama é forte, ou onde as côncavas pedras ressoam com um choque, e ecoa a imagem da voz repercutida (50).

Depois, quando o sol áureo expulsa o inverno lançado sob as terras e abre o céu com uma luz de verão, imediatamente as abelhas percorrem os bosques e as florestas, colhem as flores purpúreas e, leves, libam a superfície dos rios. Assim eu não sei por qual doçura, elas, felizes (55), abraçam os filhos e os ninhos; dessa forma, elas produzem, com arte, as novas ceras e formam os espessos méis.

Aí, quando já tiveres visto um enxame lançado de seus cortiços voar para as estrelas do céu de ar límpido de verão e quando vires, com surpresa, uma nuvem escura ser trazida pelo vento (60), observa: elas procuram sempre as doces águas e os abrigos de folhagens. Espalha ali os aromas determinados, as ervas-cidreiras moídas e a obscura madressilva; e, ao redor, faze

soar zumbidos e bate os címbalos da Mãe; as próprias abelhas passarão nestes lugares impregnados (65); elas mesmas se fecharão, consoante seu hábito, no fundo das colméias.

Porém, se elas tiverem saído para o combate (pois frequentemente ocorre a discórdia entre os dois reis, com grande comção), imediatamente se pode pressentir de longe os sentimentos da turba e os corações que se agitam pela guerra (70); com efeito, aquele som guerreiro de rouco bronze provoca as vagarosas, e ouve-se uma voz que imita os ruidosos sons das trombetas. Então elas se agrupam, agitadas, e batem suas asas, e aguçam os ferrões com os bicos, e preparam as garras, e, numerosas, se reúnem em torno do rei e, diante do pretório (75), provocam o inimigo com grandes gritos; portanto, quando elas encontram uma seca primavera e os campos abertos, lançam-se dos refúgios, e dá-se o combate. No alto céu um barulho ressoa; elas, misturadas, se aglomeram num vasto círculo e caem precipites; o granizo não cai mais abundante no ar (80) nem tão numerosas as glandes chovem de alguma azinheira sacudida. Os próprios (reis), no meio das tropas, com notáveis asas, levam grande coragem no pequeno coração; obstinados a não ceder até que o vencedor, pressionando, obrigou a estes ou àqueles a dar as costas na fuga (85). Estes movimentos dos ânimos e estes tão grandes combates, reprimidos pelo arremesso de um pouco de pó, cessarão. Mas quando tiveres reconduzido do combate os dois chefes, dá a morte àquele que te pareceu pior, para que não seja um parasita nocivo; deixa que o melhor reine sozinho na corte livre (90). Um (pois são duas espécies) será ardente com manchas douradas; este, o melhor, não só notável pelo aspecto, como brilhante pelas rútilas escamas; o outro é horrível pela indolência, arrastando inglório um ventre abundante.

Assim como os aspectos dos reis são dois, assim também são os corpos da plebe (95), pois algumas são medonhas e horrendas, como quando um sedento viajante vem da espessa poeira e, da seca boca, cospe a terra; outras brilham e resplandecem com fulgor, coruscantes do ouro que, em manchas iguais, lhes mosqueiam os corpos. Esta raça é a melhor; dela, na estação cer-

ta do ano (100), tu tirarás os doces méis, não tão doces quanto puros e próprios para corrigir o duro sabor de Baco. Mas, quando os enxames voam incertos, brincam no céu, desprezam os favos de mel e abandonam seus tetos ao frio, tu proibirás aos ânimos instáveis este jogo fútil (105). Proibir não é um grande trabalho: tira as asas aos reis; estando eles imóveis, ninguém ousará ir a um alto caminho ou arrancar do acampamento as insígnias. Que os jardins perfumados de flores de açafão os convidem, e a vigilância de Priapo do Helesponto, (110) o guardião contra os ladrões e as aves, com sua foice de salgueiro, os proteja. Que aquele mesmo, que tem tais coisas a seu cuidado (o agricultor), transportando das altas montanhas o timo e os loureiros silvestres, os plante largamente ao redor das colméias; que ele próprio empregue suas mãos neste duro labor, fixe as férteis plantas no solo e irrigue-as com as chuvas amigas (115).

E, na verdade, se eu, já no extremo fim dos meus trabalhos, não devesse recolher as velas e não me apressasse a voltar a proa para a terra, talvez cantasse qual cuidado de cultivar pode ornar os férteis jardins com as rosas de Pesto, que florescem duas vezes por ano; ou talvez cantasse como as chicórias se regozijam de beber a água dos regatos (120) e as margens verdejantes se alegram com o aipo e a abóbora, que, torta entre as ervas, cresce à feição de um ventre; nem teria deixado de cantar o Narciso que tardiamente enfolha ou o vime do vergado acanto e as pálidas heras e as murtas que adoram as margens. Com efeito, sob as altas torres de Esparta (125), por onde o negro Galeso banha os amarelos campos cultivados, eu me lembro de ter visto um velho de Córico, que possuía poucas jeiras de uma terra abandonada: aquela terra não era fértil para os novilhos, nem favorável ao gado, nem própria para Baco. Ele, todavia, plantando nas moitas legumes espaçados, em volta, lírios brancos (130), verbenas e a papoula comestível, em seus pensamentos, ele igualava sua riqueza à dos reis e, voltando para casa tarde da noite, enchia a mesa de iguarias não compradas. Ele era o primeiro a colher a rosa na primavera e os frutos no outono; e, quando o triste

inverno ainda quebrava as pedras com o frio (135) e, com o gelo, refreava o curso das águas, ele já podava a folhagem do suave jacinto, censurando o tardio verão e os vagarosos zéfiros. Assim, portanto ele era o primeiro a ter em abundância as fecundas abelhas e numerosos enxames e a colher dos favos prensados o espumante mel (140); ele possuía tílias e o viçosíssimo pinheiro, e a árvore fértil trazia maduros, no outono, tantos frutos quantos os de que se vestira na nova florada. Ele também transplantava os tardios olmeiros em linha e a dura pereira e as ameixeiras, que já traziam ameixas (145), e o plátano, que já oferecia sombras aos que bebem. Mas eu próprio, impedido pelo estreito do espaço, ponho de lado essas coisas e deixo-as aos outros, para serem celebradas depois de mim.

Agora vem, eu explicarei a natureza de que o próprio Júpiter dotou as abelhas, que (150), tendo seguido os melodiosos sons dos Curetes e o tinir dos bronzes, foram recompensadas por terem alimentado o rei do céu sob a caverna de Dicta. São elas as únicas que têm em comum os filhos e os tetos da cidade; passam a vida sob firmes leis; são as únicas a conhecer não só uma pátria, como também Penates certos (155); pensando na chegada do inverno, elas se submetem à fadiga no verão e repõem suas provisões para a comunidade. Com efeito, algumas velam pelo alimento e, por um pacto estabelecido, empenham-se nos campos; uma parte, dentro das casas, deposita, como primeiros fundamentos dos favos, uma lágrima de Narciso e a resina viscosa do córtex (160); em seguida, elas sobrepõem as tenazes ceras; outras conduzem para fora os filhos adultos, esperança da raça; outras acumulam os puríssimos méis e enchem os alvéolos com o límpido néctar. Para algumas, caiu por sorte a guarda nas portas (165) e, por turnos, observam as águas e as nuvens no céu; ou recebem as cargas das que chegam ou, formadas em tropa, afastam da colméia os zangões, uma manada preguiçosa. O trabalho ferve, e os perfumados méis cheiram a tomilho. E como, quando os Ciclopes se apressam a forjar os raios com as massas maleáveis (170), uns recebem e expõem o ar com foles de couro de boi,

outros mergulham os estridentes bronzes no lago, o Etna geme sob o peso das bigornas, e eles, alternadamente, com grande força, levantam os braços em cadência e volem e revolem o ferro com dura tenaz (175); assim, se é permitido comparar pequenas coisas com as grandes, um inato amor de possuir apressa as abelhas de Cecrópia, cada uma em seu serviço. Cabe às mais velhas cuidar das cidadelas, construir os favos e formar os artísticos quartos. Quanto às jovens, voltam cansadas, em plena noite (180), com as patas carregadas de tomilho: por aqui e ali elas se alimentam nos medronheiros, nos salgueiros verdes, na caneleira, no ardente açafraão, na rica tília e nos jacintos escuros. O repouso dos trabalhos é o mesmo para todas. O trabalho é o mesmo para todas. De manhã se precipitam das portas; não há, em parte alguma demora (185); novamente, quando o entardecer as concita a saírem, enfim, do pasto nos campos; então, retornam à casa e restauram as forças; um murmúrio se faz, elas zumbem ao redor das bordas e das entradas. Depois, quando se deitam em seus quartos, faz-se silêncio por toda a noite, e o sono a que têm direito apodera-se dos fatigados membros (190). Todavia, quando a chuva ameaça, elas não se afastam muito dos cortiços nem confiam no céu quando os Euros se aproximam; mas, ali em volta, sob a proteção das muralhas de sua cidade, fazem provisão de água e arriscam breves vôos e, freqüentemente, levantam pequenos seixos como instáveis barcas que carregam o lastro na agitação das ondas (195) e, com estes, balançam-se entre as nuvens ligeiras.

Tu admirarás sobretudo esse costume, que aprouve às abelhas, de não se entregarem ao coito e de não desvigorarem, indolentes, os corpos entregues a Vênus, ou de não parirem os filhos com dores de parto, mas de apanharem, elas próprias, os filhos das folhagens e das doces ervas (200) com a boca; de, sozinhas, substituírem o **rei** e os **pequenos cidadãos** e refazerem os palácios e os reinos de cera. Freqüentemente chegam a destruir as asas voando a esmo nos duros rochedos e, espontaneamente, sob

o fardo dão a vida: tão grande é nelas o amor das flores e o orgulho de produzir o mel (205). Assim, embora o limite de uma breve vida as espere (na verdade, não mais que o sétimo verão é por elas vivido), a raça permanece imortal, a fortuna da casa continua por muitos anos, e se contam os avós dos avós. Além disso, nem o Egito (210), nem a grande Lídia, nem os povos dos Partos, nem o Medo Hidaspes respeitam assim o **rei**. Enquanto o rei está incólume, todas têm uma só vontade; se ele vem a faltar, rompem o pacto e saqueiam, elas mesmas, os méis acumulados e desatam as redes dos favos. Ele é o guardião dos trabalhos; todas o admiram (215) e o cercam com denso zumbido e numerosas se aglomeram; freqüentemente o levantam nos ombros, por ele expõem seus corpos na guerra e buscam, entre as feridas, uma bela morte. Por esses sinais e tendo considerado esses exemplos, disseram alguns que as abelhas tinham uma parcela da divina inteligência e um sopro divino (220). Na verdade, eles dizem que Deus está em todas as coisas, nas terras, nos espaços do mar, no céu profundo. Dele, os animais, os rebanhos, os homens, cada espécie de feras e cada um, ao nascer, obtém os elementos tênues da vida. Evidentemente a Ele todas as coisas, quando separadas dos corpos, retornam e são restituídas (225), nem há lugar para a morte, mas, vivas, voam entre os astros e sobem ao alto céu.

Se alguma vez abrires a augusta colméia e os méis guardados em tesouros, antes, com um gole d'água, purifica a boca, e leva à frente, com tua mão, as fumaças penetrantes (230). Duas vezes elas colhem seus abundantes produtos; há duas estações para a colheita: uma, assim que a plêiade Taígete mostra à terra sua bela face e afasta com o pé as águas do Oceano, por ela desprezadas; outra, quando a mesma, fugindo à constelação do chuvoso Peixe, desce muito triste do céu para as ondas invernais (235). Para elas a fúria está além da medida; quando molestadas, instilam veneno nas picadas e, fixas nas veias, deixam os insensíveis ferrões e depõem as almas na ferida.

Mas, se vieres a temer um rigoroso inverno e te preocupa-

res com o futuro e te apiedares de (seus) oprimidos espíritos e dos bens perdidos (240), então quem hesitaria em perfumá-las com tomilho, retirar as ceras inúteis? Com efeito um oculo lagarto devorou os favos, e as moradas estão acumuladas de traças que fogem à luz, e o ocioso zangão está sentado nos alheios alimentos; ou o cruel vespão, com armas desiguais, misturou-se (245), ou a dura raça da lagarta, ou a aranha, odiosa a Minerva, suspendeu suas largas teias na porta. Quanto mais empobrecidas elas estiverem, tanto mais diligentemente todas se esforçarão para reparar as perdas da raça arruinada e completarão os cubículos e construirão as colméias com flores (250).

Mas, porque também para as abelhas a vida trouxe as nossas desgraças, seus corpos desfalecerão com uma triste doença, o que agora tu poderás reconhecer por sinais indubitáveis: as doentes mudam imediatamente de cor; uma horrível magreza deforma sua aparência; depois levam fora das casas os corpos das que a morte privou da luz (255) e conduzem os tristes funerais; ou ficam suspensas nas portas, enlaçadas pelas patas, ou todas permanecem nas fechadas moradas, abatidas pela fome e paralisadas pelo frio entorpecente. Então, um som mais profundo é ouvido, e elas zumbem continuamente, como (260), às vezes, o frio Austro murmura nas florestas, como o mar agitado ressoa ao refluxo das ondas, como o rápido fogo arde nos fechados fornos. Então eu te aconselharei a queimar sem demora odores de gálbano e trazer méis em juncosos canos (265), naturalmente exortando-as e chamando as doentes para os conhecidos alimentos. Será útil juntar suco de galha esmagado e secas rosas ou os mostos espessos por muito fogo ou cachos secos ao sol de uva Psítia e tomilho de Cecrópia e as centáureas de fortes odores (270). Há também uma flor nos prados, à qual os agricultores deram o nome amelo, erva fácil de encontrar para os que a buscam, pois ela levanta uma grande vegetação de uma única raiz. A própria flor é dourada, mas a púrpura de um violeta carregado transluz nas folhas que se espalham nu-

merosas (275). Muitas vezes os altares dos deuses são ornados com guirlandas entrelaçadas. O sabor é amargo na boca e os pastores a colhem nos vales, nas ceifas e perto do sinuoso rio Mela. Ferve as raízes dessa flor em aromático Baco e coloca-as à porta como alimento em cheios cestos (280).

Mas se, de repente, a alguém vier a faltar toda a prole e, se não tiver de onde possa trazer à vida a linhagem de nova raça, agora é o momento de mostrar as memoráveis descobertas do mestre arcádico, e demonstrar a maneira pela qual o sangue corrompido de imolados touros já produziu muitas vezes abelhas (285). Eu narrarei toda a tradição começando de bem longe sua origem primeira. Com efeito, lá onde habita a feliz nação da Pelea Canopo, ao longo do Nilo, que se faz lago com o rio transbordado, e é levada ao redor de seus campos em pintados barcos; onde a vizinhança da Pérsia armada de aljava (290) e onde o rio, correndo, se dirige para sete embocaduras diferentes e fecunda o verdejante Egito com negra areia após ter descido desde o país dos indianos bronzeados, toda essa região não vê salvação a não ser no seguinte procedimento: primeiro, escolhe-se um pequeno lugar, feito exatamente para tal: fecha-se este local com estreito teto de telhas e apertadas paredes e acrescentam-se quatro janelas com luz oblíqua e de quatro ventos. Então, procura-se um novilho, de dois anos com os chifres já curvando na frente. Embora resista muito, obstruem-se ambas as suas narinas e a respiração de sua boca (300) e então, com as entranhas esmagadas, e dentro dele, mas deixada intacta pele, ele é morto a pancadas. Assim, deitam-no em um lugar fechado e colocam sob suas costas fragmentos de ramos, tomilho e caneleiras novas. Isto se faz quando os Zéfiro começam a agitar as ondas (305), antes que os prados corem-se de cores novas, antes que a gárrula andorinha suspenda seu ninho nos caibros. Entretanto o líquido se aquece nos ossos amolecidos e fermenta, e animais, curiosos pelo estranho aspecto, primeiro sem patas, em breve ressoando as asas (310), misturam-se e mais e mais invadem o tênue ar, até o mo-

mento em que se lançam, como a chuva derramada das nuvens estivais ou como flechas ao impulso da corda de um arco, quando os velozes Partos entram nos primeiros combates.

Oh Musas, que deus produziu esta arte para nós (315)? De onde se originou esta nova prática dos homens?

O pastor Aristeu, fugindo do Tempe Peneu depois de ter perdido suas abelhas por doença e por fome, como se conta, parou triste perto da sagrada fonte do extremo do rio, queixando-se muito e falou à sua mãe nestes termos (320): “Mãe Cirene, oh mãe, que habitas o profundo deste abismo, por que de ilustre raça dos deuses, (se Apolo Tímbreu é o pai que declaras meu) me geraste odioso aos destinos? Para onde foi expulso o amor que sentias por mim? Por que me mandavas esperar o céu (325)? Eis que também esta honra mesma de minha mortal vida, que, com dificuldade, o engenhoso cuidado das frutas e dos animais obtivera para mim, que tentava todas as coisas, embora tu sejas minha mãe, eu deixo. Pois bem, coragem! Arranca tu mesma minhas prósperas florestas com tua mão; leva o fogo inimigo para os estábulos e destrói as minhas messes (330), se te tomou tão grande aversão à minha glória, queima as coisas semeadas e empunha contra as minhas videiras o robusto machado de dois gumes.”

Mas sua mãe percebeu-lhe a voz, de seu tálamo, sob o rio profundo. Ao seu redor, as Ninfas fiavam as lãs de Mileto, tingidas com a vítrea cor do verde (335); Drimo, Xanto, Ligéia e Filódoce espalhando o brilhante cabelo pelos cândidos pescoços; e, Cidipe e a loira Licoriade, uma, virgem; a outra, que experimenta os primeiros trabalhos de Lucina (340); e Clio e a irmã Béroe, ambas filhas do Oceano, ambas vestidas com ouro, ambas vestidas com peles pintadas, e Efira e Opis, e Ásia Deiopeia e a veloz Aretusa com suas flechas enfim depostas. Entre elas, Clímene narrava o inútil cuidado (345) de Vulcano, os artificios e os doces furtos de Marte e, a começar do Caos, enumerava os incontáveis amores dos deuses. Enquanto, alegradas por esta canção, fazem rolar dos fucos os macios velos de lã, novamente o lamento de Aristeu gol-

peou os ouvidos maternos, e todas, nos vítreos assentos (350), ficaram imóveis, mas, antes das outras irmãs, Aretusa, olhando, levantou a cabeça loira à flor da água e de longe gritou: “oh irmã Cirene, não é em vão que tantos gemidos te espantaram; ele mesmo, tua máxima preocupação, o teu Aristeu, triste permanece chorando às margens do genitor Peneu (355) e chama-te por nome de cruel”. Ferida em coração por novo temor, a mãe lhe diz: “Vem, conduze, conduze-o para nós, é permitido a ele tocar o limiar dos deuses”. Ao mesmo tempo, ela ordena às profundas águas que se abram largamente, por onde o jovem possa passar (360): a onda, então, curvada em forma de um monte, rodeou-o e recebeu-o no vasto regaço e o fez entrar sob o rio.

Agora ele ia admirando a casa de sua mãe, os úmidos reinos, os lagos encerrados nas cavernas, os bosques retumbantes; e, atônito do imenso movimento das águas (365), contemplava todos os rios, diferentes pelos lugares, que deslizam sob a vasta Terra: o Fásis, o Lico e a fonte donde o profundo Enipeu primeiro se lança, donde o pai Tíbre e donde o rio do Anio e o Hípanis, ressoando entre as rochas, e o Caico da Mísia e o Eridano (370), com seus dois cornos dourados sobre a cabeça taurina; não há outro rio que, pelos fecundos campos cultivados, corra mais violento que ele para o púrpuro mar.

Depois que chegou ao quarto, cujos tetos são formados de pedras pendentes, e Cirene conheceu as vãs lamentações do filho (375), as irmãs, em ordem, dão água pura para as mãos e trazem toalhas macias. Umam carregam as mesas de iguarias e colocam os copos cheios. Os altares ardem com incensos. Então sua mãe lhe diz: “Pega o copo de Baco da Meónia (380); façamos uma libação a Oceano”. Ao mesmo tempo, ela própria invoca o Oceano, o pai das coisas, e as ninfas irmãs, que guardam cem florestas e cem rios. Três vezes ela aspergiu com o puro néctar a ardente Vesta e três vezes a chama, levantando-se para o topo do teto, brilhou (385). Tranqüilizando seu espírito por este presságio, ela assim começou:

“No netuniano abismo de Cárpatos, há um adivinho, o azul Proteu, que percorre o grande mar com seu carro puxado por peixes com duas pernas equinas. Ele agora visita portos da Emátia e de sua Pátria (390) Palene: nós, as ninfas e o próprio velho Nereu, o veneramos; pois, como adivinho, ele conhece todas as coisas que são, as que foram, e as que em breve o tempo nos mostrará, porquanto assim pareceu bem a Netuno, cujos imensos rebanhos e desajeitadas focas ele apascenta no fundo do mar (395). É a ele, meu filho, que primeiro deves apanhar em cadeias, para que te exponha toda a causa da doença e te propicie uma boa saída, pois, sem violência, ele não te dará qualquer preceito; nem suplicando tu o moverás; usa com o prisioneiro de força vigorosa e de laços; ante tais meios, vão se quebrar, por fim inúteis, suas enganosas transformações (400). Eu mesma, quando o sol tiver acendido o seu calor do meio-dia, quando as ervas têm sede e já a sombra for mais agradável para o gado, eu te conduzirei aos lugares retirados do ancião, lá onde, fatigado, ele se retira das ondas, para que tu o ataques facilmente quando ele estiver deitado e dormindo. Assim que o segurares arrebatado com as mãos e com cadeias (405), então várias formas e aparências de feras te iludirão. Com efeito, ele se transformará de repente num horrível javali, num cruel tigre, num escamoso dragão e numa leoa de amarelo pescoço, ou ele dará o som áspero da chama e assim escapará das cadeias e, dissolvido em tênues águas, desaparecerá (410). Mas, quanto mais ele mudar todas as suas formas, tanto mais, meu filho, aperta as firmes cadeias, até que ele volte com o seu corpo mudado, como tu o viste quando ele fechou os olhos no começo do sono”.

Ela disse estas coisas e espalhou um líquido perfume de ambrosia (415), com o qual envolveu todo o corpo do filho; então o suave odor de seus cabelos compostos se exalou para ele, e um ágil vigor penetrou em seus membros. Há uma imensa caverna no lado de uma montanha erodida, para onde ondas inumeráveis são impelidas pelo vento e fendem-se em retiradas enseadas (420), outrora um lugar muito seguro para os mari-

nheiros surpreendidos (pela tempestade). No seu interior, Proteu se esconde atrás de um grande rochedo. Aí a Ninfa coloca o jovem num esconderijo afastado da luz; ela própria fica para trás, a alguma distância, dissimulada por um nevoeiro.

Já o rápido Sírio, queimando os indianos sedentos (425), brilhava no céu, e o ígneo sol tinha concluído a metade do curso; as ervas estavam secas e os raios do sol queimavam até o lodo dos vazios rios, estando secas suas fontes, quando Proteu vinha das ondas, dirigindo-se às suas habituais cavernas. Ao seu redor uma úmida nação do vasto mar (430), saltitando, espalha o inosso orvalho. As focas se estendem aqui e ali na praia para dormir. Ele próprio, como outrora um guardião de estábulo nas montanhas, quando Vésper traz os novilhos do pasto para os abrigos, e os cordeiros aguçam os lobos com os balidos (435), ele se senta num rochedo, no meio, e confere o número. Como uma possibilidade foi oferecida a Aristeu, tendo apenas deixado o velho estender os membros cansados, arremessa-se sobre ele com grande clamor e agarra-o deitado com algemas. Por sua vez ele não esqueceu sua arte (440); transforma-se em tudo quanto é prodígio, em fogo, em horrível fera e em fluente rio. Mas, como nenhum ardil encontra a fuga, vencido, voltou a ele mesmo e enfim falou com a voz de um homem: “Quem te mandou, mais presunçoso dos jovens (445), invadir nossa casa? Ou o que pedes aqui? Disse. Mas ele: “Proteu, tu sabes, tu próprio sabes, nem é possível enganar-te em nada; mas deixa de querer enganar. Seguindo os preceitos dos deuses, aqui viemos procurar os oráculos para minha sorte arruinada”. Falou só isso. O adivinho, em resposta, com muito esforço, finalmente (450) voltou os olhos ardentes com luz esverdeada e, rangendo fortemente os dentes, assim abriu a boca para os destinos:

“As iras de um deus que te perseguem, tu pagas por grandes faltas: Orfeu, infeliz, de modo nenhum por sua culpa instiga estes castigos para ti, a menos que os destinos não se oponham (455); ele está gravemente furioso pela perda de sua esposa. Na verdade, para

fugir de ti, correndo ao longo do rio, a jovem, que ia morrer, não viu diante dos pés, entre as ervas altas, uma mortífera serpente que habitava as margens. Então o coro das Driades, suas companheiras, encheu, com um clamor, os mais altos montes (460); choraram as rochas de Rodope, o alto Pangeu, a marcial terra de Resus, os Getas, o Hebro e a ateniense Orytilia. Orfeu, aliviando seu doloroso amor com sua lira côncava, ele te cantava, doce esposa, sozinho consigo mesmo na praia (465), ele te cantava quando o dia estava se aproximando e quando estava partindo. Tendo entrado nas gargantas do Ténaro, nas profundas entradas de Plutão e no bosque obscuro em negro terror, ele foi ao encontro dos Manes e do terrível rei e dos duros corações que não sabem abrandar-se com as preces humanas (470). Entretanto, movidos por seu canto, das moradas profundas de Érebo, as sombras tênues e os fantasmas dos carentes de luz acorriam, tão numerosos quanto os milhares de pássaros que se escondem nas folhagens quando Vesper ou uma chuva de inverno os expulsa dos montes: as mães, os maridos, os corpos dos magnânimos heróis isentos de vida (475), os meninos, as meninas solteiras, os jovens colocados nas piras sob os olhos dos pais: em torno deles prende-os um negro lamaçal, os caniços imundos do Cocito, o pântano odioso com sua lenta água, e o Estige os segura em seus nove círculos (480). Tomaram-se de espanto os próprios domínios da Morte e as profundezas do Tártaro e as Euménides de cabelos entrelaçados com serpentes azuladas; Cérbero, boquiaberto, conteve suas três bocas, e a roda do círculo de Íxion parou com o cessar do vento. E já voltando atrás seus passos (485), Orfeu escapara de todas as desventuras, e Eurídice, restituída, vinha para os ares superiores, seguindo atrás dele, pois Prosérpina impusera esta condição; quando uma súbita demência apoderou-se do imprudente amante, demência que deveria ser perdoada em verdade, se os Manes soubessem perdoar. Ele parou e, já sob a própria luz (490), esquecido, aí! E vencido no ânimo, olhou sua Eurídice: aí todo o seu trabalho se perdeu, e o pacto do impiedoso tirano foi rompido, e um fragor três vezes foi ouvido nas águas estagnadas do Averno. Ela disse: “Quem

arruinou a mim, infeliz, e a ti, Orfeu? Que tão grande loucura? Eis que os cruéis destinos (495) me chamam novamente para trás e o sono fecha meus olhos indecisos. E agora, adeus: sou levada rodeada por uma imensa noite, estendendo minhas fracas mãos para ti. Ai de mim! Não sou mais tua!” Ela disse e, subitamente, sumiu-lhe dos olhos, como uma fumaça misturada no tênue ar (500). Nem ela viu mais a ele, que, em vão, apalpava as sombras, querendo-lhe dizer muitas coisas. Nem o barqueiro do Orco permitiu que ele atravessasse de novo o intermédio pântano.

O que faria? Para onde ele se retiraria, depois que sua esposa fora arrebatada duas vezes? Com qual choro moveria os Manes? Com qual voz moveria os deuses (505)? Gelada, ao longe, Eurídice vagava já na barca do Estige. Dizem que, durante sete meses contínuos, ele chorou, só consigo mesmo, ao pé de uma grande rocha, nas margens do deserto Estrimão, e que contou estas desgraças sob as gélidas cavernas, amansando os tigres e atraindo os carvalhos com sua canção (510), tal qual um rouxinol que, à sombra de um choupo, se queixa dos filhos perdidos que um duro lavrador, observando, retirou implumes do ninho; então, ele chora durante a noite e, pousado num ramo, recomeça o infeliz canto e enche os locais longamente com tristes lamentos (515). Nenhuma Vênus, nenhum himeneu tocou seu espírito. Sozinho percorria os hiperbóreos gelos, o nevoso Tánais, os campos nunca esvaziados, as geadas dos Rifeus, lamentando Eurídice perdida e os presentes de Plutão malogrados. Mas as mães dos Cicones, desprezadas por tal devoção (520), entre ritos divinos, as orgias de Baco noturno, espalharam, pelos vastos campos, o jovem feito em pedaços. Então, também quando o Éagro Hebro, levando a cabeça arrancada do marmóreo pescoço, rolava-a no meio do sorvedouro, a própria voz e a fria língua (525), enquanto a alma fugia, chamava **Eurídice!** ah! triste Eurídice! As margens ecoavam Eurídice, ao longo de todo rio.”

Assim falou Proteu e, de um ímpeto, se lançou no mar profundo e, onde mergulhou, moveu uma onda espumante em um turbilhão.

Mas Cirene não; na verdade conversou com o hesitante filho naturalmente (530): “filho, é permitido tirares de seu coração as tristes preocupações. Esta é toda a causa da doença; eis porque as ninfas com as quais Eurídice levava os coros nos profundos bosques, enviaram a tuas abelhas um deplorável extermínio. Suplicante, apresenta oferendas pedindo paz e venera as indulgentes Napéias (535), pois elas darão o perdão a teus votos e abrandarão sua ira. Mas eu te direi primeiro, em ordem, qual é o modo de invocá-las. Escolhe quatro exímios touros de excelente corpo, que agora pastam nos cimos do verde Liceu e, precisamente, tantas novilhas com o pescoço intacto (540). Ergue quatro altares para eles diante dos altos santuários das deusas e derrama das gargantas o sangue sagrado e abandona os próprios corpos dos bois num frondoso bosque. Quando a nona aurora tiver nascido, oferecerás a Orfeu as papoulas do Letes (545), como sacrifício em honra dos mortos; venerarás com uma ovelha imolada Eurídice, agora acalmada; por fim sacrificarás uma ovelha negra e retornarás ao bosque sagrado”.

Sem demora, imediatamente, ele executa as prescrições da mãe: vem aos santuários, ergue os altares designados, conduz quatro exímios touros de excelente corpo (550) e precisamente tantas novilhas de pescoço intacto. Depois, quando a nona aurora nasceu, ele oferece a Orfeu o sacrifício funerário e retorna ao bosque sagrado. Aqui assistem a um súbito prodígio e maravilhoso para ser dito: em todo o ventre, pelas dissolvidas vísceras dos bois (555), as abelhas zumbem, e das costas quebradas fervilham, e, em seguida, formam-se imensas nuvens, e elas voam juntamente para o topo de uma árvore e pendem dos flexíveis ramos como cachos de uva.

Eu cantei estas coisas sobre a cultura dos campos, dos gados e sobre as árvores enquanto o grande César (560) vibra o raio da guerra junto do Eufrates e, vencedor, dá leis aos povos que lhe querem bem e abre seu caminho para o Olimpo. Naquele tempo, a doce Parténope animava a mim, Vergílio, que florescia nos estudos em obscuro retiro; a mim, que compus as canções dos pastores e, audacioso pela juventude, te cantei, ó Títilo, sob a sombra de uma extensa faia. (565)

Notas

1 – *Aerii mellis*: Segundo a tradição, o mel foi um orvalho que tombou do céu sobre as plantas. O mel é, muitas vezes, visto pelos antigos como um orvalho celeste: *caeli sudor*, assim diz Plínio (XI, 12, 13).

6 – *In tenui labor*: Trabalho sobre assunto humilde. Coloca-se em evidência a modéstia do tema, já expressada anteriormente.

7 – *Numina laeua*: É difícil dar, aqui, à palavra *laeuus*, um sentido bem preciso; os antigos empregavam-na freqüentemente num sentido *favorável*. Se o poeta seguisse o uso romano, segundo o qual os presságios favoráveis estão à esquerda, nesse caso *laeua* equivale a *propitia*. Se o poeta seguisse o uso grego, segundo o qual os presságios favoráveis estão à direita, nesse caso *laeua* equivale a *contraria*.

13 – *Absint et picti squalentia terga lacerti*: O lagarto foi considerado inimigo das abelhas, o qual espreitava à porta das colméias: “*uelut custos uestibulo prodentibus inhians apibus affert exitium* (Col. IX, 7).

15 – *Procne*: Andorinha, cujo peito é marcado de manchas vermelhas. Estas manchas, segundo a lenda, foram os traços do sangue de Ítis, morto por Procne e servido a seu pai, Tereu, num festim. As manchas vermelhas da andorinha vêm porque Procne toca o peito com suas mãos, tingidas de sangue de Ítis. Esse detalhe mostra a ferocidade da andorinha e assim ela é um perigo para as abelhas.

17 – **Ore ferunt dulcem nidis immitibus escam:** *Nidis* é empregado por *pullis*, da mesma forma em: *nidisque loquacibus escas*. (En. XII, 475).

19 – **Tenuis riuos:** Um pequeno regato onde elas vão se saciar. Varrão (R.R. III, 16) recomenda que a água não tenha mais de dois ou três dedos de profundidade: “*ita ut ne altitudine ascendat duo aut tres digitos*”.

20 – **Vestibulum:** Esta palavra significa propriamente o pátio de entrada, o pátio de honra, diante da casa. Nesse verso significa o espaço vazio maneado em frente do colmeal, o ninho vazio colocado diante da colméia. *Vestibulum* é um termo próprio da casa romana, com a qual é implicitamente comparada à colméia.

21 – **Reges:** As abelhas, segundo o pensamento da época, são governadas por reis e não por rainhas.

22 – **Vere suo:** Segundo Sérvio, é necessário traduzir “a primavera que lhes é propícia”; segundo outros, “a primavera que as tem visto nascer”. O adjetivo possessivo indica que a primavera é a estação das abelhas e a estas mais favorável. O enxameamento acontece mais para o final de março.

23 – **Decedere calori:** Como na *Écloga*, VIII 88 e *Geo.* III, 467 *decedere nocti*: retirar-se diante do calor, evitar o calor.

25 – **In medium:** Subentendido *humorem*: no meio da água.

28 – **Morantis:** Este termo causou muitas dificuldades para interpretação. Segundo as notas de Blankert (1959, p. 233), Conington diz que o significado é *permanecer próximo da água ou*

esperar em seu vôo; porém, como ele afirma, não é fácil ver alguma razão para isso. Sérvio relata: “*morantes = tarde remeantes ex pascuis*”, “voltando tarde da pastagem”. Vergílio diz, nos versos 70 – 71, “*namque morantis / Martius ille aeris rauci canor increpat*”.

As *morantis* são as que estão atrasadas, são chamadas para que sejam ordenadas pela trombeta de guerra.

29 – **Sparsarit:** Por *adperserit*, empregado freqüentemente em Latim: “*corpus fluuiali spargere lympha*” (En. IV, 635).

Neptuno: Por água. É um termo que designa, muitas vezes, o mar. Nesse caso, seria um mar para as abelhas. Foi empregado enfaticamente.

Eurus: Vento do sudeste, carga de chuva, um aguaceiro de chuva (*pluuia Eurus*), que alcança as perdidas (*morantis*) e esparrinha-as (*sparsarit*), fazendo com que elas não sejam capazes de retornar à colméia em tempo. Quando o sol abre caminho de novo, pode secá-las, *ut... possint... alas pandere ab aestiuom solem* (27, 28).

30 – **Haec:** Isto é, fontes, água.

33 – 36 – Nestes versos, discute-se a temperatura da colméia, que deve ser regularizada pela cooperação do apicultor. Os excessos de calor ou de frio danificam o mel. Assim a entrada da colméia deve ser estreita para que haja ventilação e mantenha o ar na colméia em temperatura requerida: “*aluaria...angustos habeant aditus*” a entrada da colméia deve ser estreita, “*nam frigore mella / cogit hiems, eademque calor liquefacta remittit*”, pois o inverno condensa os méis com o frio e o calor torna-os liquefeitos.

Varrão diz “*mellaria... esse oportet aere temperato*” (R. R. 3, 16, 12), as abelhas besuntam a coluna da entrada no interior com cera, porque este estreito garante uma melhor ventilação.

33 – **Tibi**: dativo de agente, é encontrado regularmente com gerundivo e com a conjugação perifrástica passiva, mas em poesia é usado freqüentemente com os participios passivos e as formas verbais com participio passado.

35 – **Aditus**: São as aberturas de ingresso nas colméias, usadas para a passagem das abelhas.

36 – **Hiems**: Este termo forma um único conceito com o ablativo instrumental *frigore*.

Remittit: Indica o retorno do mel à condição normal, isto é, ao estado líquido.

37 – **Vtraque uis**: O excesso do frio como o excesso do calor são temidos pelas abelhas.

Vis: Equivale a “excesso” de temperatura.

Apibus: Dativo de interesse, é uma construção normal com verbo *metuo* (*aliquid alicui*).

38 – **Nequiquam**: Precedido de uma negação tem o sentido de *a propósito de, não sem motivo*. A tradução desta autora de: *neque illae nequiquam* foi a seguinte: *e não é em vão que elas...* É uma dupla negação para exprimir um conceito positivo.

In tectis: As abelhas trabalham para fechar as fissuras de dentro da colméia, o apicultor deverá auxiliá-las de fora.

Certatim: “À porfia”, este advérbio apresenta pela primeira vez ao leitor o espetáculo da incansável atividade das abelhas.

Cera: “Própolis”, é uma substância escura e dura, tirada dos gomos e das folhas de certas plantas, particularmente dos choupos. É usada pelas abelhas para revestir o interior das colméias, para grudar os favos, para fechar as fissuras, para cobrir os animais mortos que não se podem tirar. Vergílio usa os termos: *cera, fuco, floribus, gluten*, indicando que cada um deles tem uma qualidade do própolis: dureza, cor, derivação, firmeza.

39 – **Spiramenta**: Significa propriamente as aberturas para que as abelhas possam respirar; ou seja, as fendas das colméias.

Fuco: Substância resinosa recolhida pelas abelhas.

Floribus: A cera é extraída do suco das flores. Acreditava-se que na composição do própolis entrassem elementos que as abelhas tiravam das flores.

40 – **Gluten**: Neutro acusativo dependente de *servant*. Substância que os naturalistas têm dado o nome de própolis e com o qual as abelhas se utilizam para fechar a abertura de suas colméias e para dar solidez aos favos de mel.

41 – **Lentius**: Mais pegajoso, mais viscoso.

Idae: Serra selvática da Frígia e Tróade, ao sudeste de Tróia; principal centro do culto de Cibele.

42 – **Effosis Latebris**: As abelhas se alojam nos esconderijos, nas rochas cavadas e nos buracos de uma árvore carcomida.

43 – **Fouere larem**: Literalmente tornar a aquecer um deus lar, isto é, um lar. No entanto, é empregado no sentido de *habitar, ocupar*. O verbo exprime aqui a idéia de uma casa “quente”, pelo fato de ser habitada. *Larem* indica exatamente a lareira, portanto também indica a entidade protetora da lareira e a própria casa. Desta forma está implícita a comparação entre a vida das abelhas e a dos homens.

45 – **Tamen**: O apicultor tem de combater a violência do calor e do frio, *utraque uis* (37). O poeta retorna ao tema tratado no verso 37; a primeira prescrição se refere ao frio; a segunda, muito ao calor. Espalhar barro sobre a colméia é um meio de fazê-la mais fechada e mais quente. O segundo conselho, para pôr raminhos livremente no topo da colméia, é um meio de manter fora o frio.

46 – **Fouens**: A aplicação de verniz tem por objetivo deixar as colméias mais quentes. Participio com valor final: para aquecê-lo, para protegê-lo do frio.

Raras: As folhagens não devem ser muito comprimidas a fim de que o ar circule entre os ramos.

47 – **Taxum**: O mel das abelhas que era colocado sobre os teixos era amargo.

48 – **Cancros**: Segundo Plínio (*N.H.* XI, 19), há diferentes remédios que são compostos com os caranguejos abrasados. No entanto assinala, como Vergílio e Columela, o perigo que o odor desta preparação causa às abelhas.

50 – **Offensa**: Repercutida, ou seja, depois de ter batido contra o obstáculo constituído por rochedos ou outros.

Vocis imago: O eco. Esta expressão é empregada por Lucrécio, Horácio...

Varrão diz que instala as colméias, tanto quanto possível, onde não há mais eco: “*secundum uillae potissimum ubi non resonent imagines: hic enim sonus harum fugae causa existimatur esse.*” (R. R. III, 16). Os antigos acreditavam que o eco assustasse as abelhas.

52 – **Sub terras**: As estações descrevem um tipo de círculo. Vergílio faz alusão à seguinte crença: durante o verão, o inverno fica escondido nas entranhas da terra, enquanto o verão fica escondido durante toda a duração do inverno. Para os antigos, o sol, ao sair da primavera, caçava o inverno sob a terra; mas não se exclui que, como *sub terras* deva entender-se o hemisfério austral.

55 – **Hinc**: ou seja, *ex his floribus et fontibus*.

58 – **Caueis**: Os alvéolos são as células simetricamente dispostas nas colméias.

59 – **Agmen**: Os enxames que abandonam a colméia muito povoada, após o nascimento das jovens abelhas. Vergílio dá algumas precauções para que não se percam as abelhas.

Plínio (XXI, 12) dá as mesmas prescrições. **Agmen** está empregado em sentido figurado, ou seja, o vôo do enxame é como uma multidão em marcha.

61 – 62 – **Frondea tecta**: As abelhas, do lado de fora, se dispersam no ar, esvoaçam durante um tempo e vão parar sobre um ramo de árvore, formando um grupo ao se pendurarem pelas patas, umas nas outras.

Iussos saporis: Aromas determinados, um suco das plantas que, quando empregado, retém as abelhas.

63 – **Melisphylla**: Melissa: folha para as abelhas ou para o mel.

Cerinthae: Planta muito comum na Itália. Plínio (XXI, c 41) assim a descreve: “*Est autem cerinthe folio candido, incuruo, cubitalis, capite concauo, mellis succum habente*”.

Trita: As folhas deverão ser pisadas, trituradas para obter o suco.

64 – **Matris**: Cibele, a mãe dos deuses, é a grande deusa da Frígia. Ela é a personificação da natureza na sua rude e selvagem fecundidade.

Cymbala: Instrumento, constituído por dois meios globos de metal que se percutiam um contra o outro. Os címbalos serviam para as festas de Cibele e de Baco. Muitos agricultores batiam objetos de metal, acreditando que com aquele ruído as abelhas parassem.

65 – **Consident**: Para Varrão (R.R. III, 16) e Columela (IX, 8), o barulho assusta as abelhas, enquanto para Plínio (XI, 20) e Vergílio (*Geo.* IV, 151), o barulho atrai as abelhas.

Ipsae... ipsae: Grifa-se o conceito de que as abelhas param na entrada e entrarão na colméia por si mesmas, sem truques do apicultor.

68 – **Regibus**: Na época de Vergílio, acreditava-se em “reis” de abelhas.

69 – **Trepidantia bello**: Cheios de ardor pelo combate. É o ardor da luta e a agitação confusa que se produz no enxame com a aproximação do combate.

Trepidantia: Exprime a impaciência e o desejo pela guerra.

Bello: É um dativo ou um ablativo de causa.

70 – **Morantis**: Acusativo dependente de *inrepat*. São as abelhas preguiçosas.

71 – **Martius aeris canor**: Um canto guerreiro de um ruidoso bronze, ou seja, é o zumbido belicoso das abelhas como o som marcial do clarim. De rouco bronze, ou seja, das *tubae*, que eram trompas da infantaria romana.

Varrão (R.R. III, 16) assim descreve: “*duces conficiunt quaedam ad uocem ut imitatione tubae*”.

72 – **Fractos**: Ruidosos. O som das trompas é “truncado”, interrompido por freqüentes pausas.

73 – **Pinnisque coruscant**: O verbo *corusco* significa brilhar, luzir; porém, neste caso, agitar, bater: *pinnis coruscant*, as abelhas batem as asas. O verbo dá a idéia das luminosas armas dos guerreiros nos poemas épicos.

74 – **Aptant Lacertos**: É uma expressão figurada para dizer que as abelhas “preparam as garras”. Também extraída da linguagem dos gladiadores, que antes de iniciarem o combate, aqueciam-se movimentando os braços em todos os sentidos, ou seja, uma preparação das forças agressivas.

75 – **Praetoria**: É o alvéolo do rei. Plural poético. Era, na origem, a habitação do pretor, que antigamente possuía funções

militares. Posteriormente indicou a tenda do general no acampamento romano.

77 – **Ergo**: Retoma a hipótese de uma saída para a guerra.

82 – **Ipsi (reges) insignibus**: Columela (IX, 10), Plínio (XI, 16) e Vergílio (*Geo* IV, 91) fazem conhecer os sinais que distinguem os reis das outras abelhas.

Insignibus alis: Ablativo de qualidade. Os reis se distinguem das abelhas pela forma e luminosidade das asas, mas a expressão evoca aquela que, nos poemas épicos, mostra a beleza e o esplendor das armas dos heróis mais famosos.

83 – **Ingentis – angusto**: Há uma antítese em *ingentis* e *angusto*: empregam **grande** esforço em seu peito **apertado**, levam **grande** coragem no **pequeno** coração.

84 – **Hos**: Vergílio emprega o pronome demonstrativo no gênero masculino, ao se referir às abelhas, provavelmente para tratá-las como **soldados**.

Hos... bos: O poeta imagina igualmente perto de si dois grupos, estando todos mesclados na multidão.

86 – **Hi motus animorum atque haec certamina tanta**: Este é o complemento do verso 67, pois um enxame abandona o colmeal, porém alguém o detém ao preparar uma nova colméia besuntada com sucos aromáticos. Caso elas saiam para o combate, é suficiente jogar nelas areia e levá-las à colméia.

89 – **Ne prodigus obsit**: “Para que não seja um parasita nocivo”.

90 – **Vacua**: Não significa *deserto vazio*, e sim *sozinho*, pois o seu rival não está mais lá: *melior uacua sine regnet in aula*, ou seja, *que o melhor reine sozinho na corte livre*.

91 – **Squalentibus**: Tem o sentido de *coberto, recamado*: “*maculis auro squalentibus*” *manchas douradas*.

95 – **Corpora plebis**: Vergílio diz que há dois tipos de abelhas. No entanto, os naturalistas dizem que só o tempo pode provocar uma diferença de cores: as jovens abelhas são cinzentas, tornando-se avermelhadas quando envelhecem.

96 – **Aliae turpes horrent**: O aspecto sujo e repugnante é colocado em evidência pela inesperada comparação. Estas abelhas se parecem com cuspe de um viajante, com a boca seca, depois de percorrer uma estrada empoeirada.

99 – **Guttis**: São as manchas que marcam o corpo da abelha. **Corpora**: acusativo de relação.

100 – **Tempore certo**: Para as épocas do ano que voltam regularmente, isto é, na primavera e no outono.

101 – **Mella**: Plural poético. Mel: doçura, pureza. Como pode ser misturado ao vinho para preparar o *mulsum*, os antigos preparavam os vinhos amargos com mel.

104 – **Frigida tecta**: *Tetos frios*, no sentido de *inabitado*, opondo-se a *fouere larem* (verso 43), ou no sentido de *abandonado*.

106 – **Tu regibus alas eripe**: Os antigos ignoravam que arrancando as asas da abelha rainha seria impedida a sua fecundação, o que acontece enquanto voa.

108 – **Vellere signa**: Metáfora usada para indicar o uso do exército romano.

110 – **Custos furum**: Guardião contra os ladrões.

111 – **Hellespontiaci Priapi**: Priapo, deus dos jardins, era filho de Vênus e de Baco. Juno, por inveja, fez com que ele nascesse deformado. Vênus mandou-o para Lâmpsaco, pois estava envergonhada de ter dado à luz um ser horrível. Tornou-se o terror dos maridos. Como agiu muito mal, ele se viu obrigado a fugir. Mas os habitantes de Lâmpsaco chamaram-no de volta e veneraram-no. Muitas festas foram instituídas em sua honra onde havia muitas libertinagens. De Lâmpsaco, cidade da Mísia, sobre o Helesponto, o culto de Priapo passou para Roma. Os Romanos deram-lhe muita importância; colocavam sua imagem sobre um pedestal, a fim de vigiar os pomares. Ele era representado com chifres de bode, orelhas de cabra, uma vara ou uma clava nas mãos, com uma expressão ameaçadora.

114 – **Labore... duro**: Exortação ao trabalho, concebido à maneira hesiódica, como razão e lei da vida.

115 – **Imbris**: No sentido de *aquas*, derramadas em finas gotas por um processo de rega.

117 – **Trabam**: Equivale a *contrabam*, ao exprimir a manobra em puxar as velas quando se aproxima da terra.

119 – **Paesti**: Pesto ou Posidônia, cidade da Lucânia, famosa pelas suas roseiras que davam flores duas vezes por ano.

122 – **Sera**: Plural neutro empregado adverbialmente.

125 – **Oebaliae**: Nome poético de Tarento, colônia Lacedemônia.

126 – **Galaesus**: Galeso, rio da Grande - Grécia.

127 – **Corycium**: de Córico, cidade da Cilícia. Os habitantes

da Cilícia eram conhecidos por seus conhecimentos em horticultura e por suas habilidades de pirataria.

127 – 128 – **Relicti ruris**: Terreno abandonado por seus proprietários por causa de sua esterilidade.

129 – **Seges**: A terra que deve ser semeada.

132 – **Animis**: Pelos sentimentos de altivez. Sentia-se de coração rico como um rei.

134 – **Primus**: Posição de destaque da palavra como no verso 140.

137 – **Ille**: O pronome, no início do verso, coloca em evidência a figura do cultivador.

138 – **Increpitans**: Tem aqui o sentido de *illudens*, *irridens*.

139 – **Apibus fetis**: As abelhas que produziram novos enxames.

140 – **Pressis**: O emprego do verbo *premere* exprime o procedimento que serve à colheita do mel.

Primus: O poeta insiste sobre o bom sucesso que o velho de Córico deve a seu trabalho.

144 – **Seras**: Significa as árvores já grandes, já adultas.

145 – **Spinis**: Ameixeiras - anteriormente, elas foram enxertadas.

150 – **Pro qua mercede**: A relação de causa e efeito é inversa. Júpiter deu o maravilhoso instinto às abelhas. Elas já

sabem produzir o mel; Júpiter lhes deu, além disso, *addidit*, o instinto que as faz viver em sociedade, com os costumes e as leis. Os instintos privilegiados das abelhas são considerados como um dom de Júpiter, reconhecendo aquelas que o nutriram com mel, quando criança.

151 – **Curetum**: Curetes eram certos sacerdotes da deusa Cibele. Eles, junto com os Dáctilos, honravam a deusa com danças ao redor do seu simulacro. Réia entregou Júpiter recém-nascido aos Curetes e aos Coribantes, que dançavam ao barulho dos címbalos e dos tambores para impedir que Saturno ouvisse os vagidos de Júpiter, o qual fora alimentado com mel.

Vergílio faz um uso freqüente dos excessos e das figuras. Encontram-se numerosas metonímias; assim os nomes dos deuses designam os objetos, cuja invenção lhes é atribuída, ou seja, *Bacchus* equivale a *uinum*, *Ceres* a *panis*, *Vulcanus* a *ignis* e *Vesta* a *focus*.

153 – **Consortia tecta**: Uma morada coletiva. Nesse verso e nos dois seguintes, todas as expressões aproximam a colméia de uma sociedade humana.

158 – **Victu**: Dativo. Vergílio termina em *u* no lugar de *ui*, muitos dativos da quarta declinação.

160 – **Lacrimam**: Designa a gotinha de licor produzida pelo movimento da seiva e que se acha no cálice das flores.

Narcissi: Narciso era um jovem de extraordinária beleza. Segundo o adivinho Tirésias, ele viveria enquanto não se visse. Um dia, quando voltava da caça, inclinou-se para beber numa fonte, onde se viu pela primeira vez. Apaixonou-se por si mesmo. Como não pôde se unir ao objeto da sua paixão, desfaleceu ao lado da fonte. As Dríades, as Náiades e as ninfas choraram. Prepararam sua pira fúnebre, porém o corpo desaparecera do local. Em seu lugar encontraram uma flor cor de açafão com a corola cingida de folhas brancas.

161 – 162 – **Tenacis ceras**: A cera antes de apresentar um caráter suficiente de solidez, sofre um série de preparações.

164 – **Nectare**: Bebida dos deuses, coisa doce e agradável, enquanto a ambrosia era o alimento. As duas substâncias tornavam imortais aqueles que as tomavam. Em poesia é chamado néctar o vinho, o mel, o leite e qualquer outra bebida de sabor delicioso.

165 – **Sorti**: Antiga forma de Ablativo.

168 – **Fucos**: Chama-se *fucus* o zangão ou fabordão, a abelha macho mais corpulenta, mais inútil para o trabalho da colméia: “*sine industria fanis insidens*”. (Col. IX, 15)

170 – **Ac veluti**: Inicia-se aqui a famosa comparação entre as abelhas e os ciclopes.

Cyclopes: Ciclopes eram seres gigantescos de forma humana. Tinham, no meio da testa, um olho redondo.

Massis: Massa, barra de qualquer metal bruto pronto para ser trabalhado.

Lentis: Que se amolecem sob a ação do calor e se tornam maleáveis.

171 – **Properant**: Apressam-se.

173 – **Lacu**: Pia de ferreiro, cheia d’água na qual os ferreiros introduzem seus instrumentos para os resfriar ou o ferro quente para os endurecer.

177 – **Cecropias apes**: Cecrópia era o antigo nome da Acrópole de Atenas. Himeto, montanha da Ática, era célebre pelo mel de suas abelhas; freqüentemente era chamada **Cecropia**, do nome de **Cecrops**, primeiro rei de Atenas. Vergílio se refere à

espécie inteira das abelhas, com o nome de **Cecropias apes**.

179 – **Daedala**: Dédalo ateniense, discípulo de Mercúrio, construiu o famoso Labirinto na ilha de Creta. O adjetivo *daedalus* significa *artisticamente* feito, *habilmente* trabalhado.

181 – **Crura**: Acusativo de relação.

184 – **Omnibus una quies operum, labor omnibus unus**: As abelhas, na verdade, não trabalham jamais todas ao mesmo tempo. Cada vez mais elas trabalham e repousam, indiferentemente ao dia ou à noite.

187 – **Corpora curant**: Expressão consagrada na língua militar.

190 – **Suos**: Emprega-se para marcar uma relação necessária entre o objeto possuidor e o objeto possuído.

Suos artus: seus membros, seus próprios.

192 – **Caelo**: Quando a chuva ameaça, as abelhas não se afastam muito das colméias e não confiam no céu quando os Euros se aproximam.

193 – **Aquantur**: É um termo militar, *fazem provisão de água*.

194 – **Lapillos**: Pedra pequena, seixo.

200 – **Follis natos**: Na época de Vergílio, acreditava-se que as abelhas recolhiam ovos espontaneamente rompidos sobre as flores e as folhas.

201 – **Quirites**: Há uma constante comparação da colméia com uma cidade, particularmente Roma. O termo *quirites* significa

os cidadãos romanos. Vergílio emprega, aqui, a metáfora para dizer sobre os cidadãos romanos, os *quirites*. O poeta pinta a república das abelhas.

203 – *Saepe etiam duris errando in cotibus alas*: Este verso e os dois seguintes têm sido empregados por certos comentadores depois do verso 196; por outros, depois do verso 218. Segundo os comentadores, eles rompem a seqüência lógica das idéias. Todavia, em todos os manuscritos, eles estão neste lugar. Assim, não é possível transportá-los depois do verso 196.

204 – *Sub fasce*: Uma comparação com os costumes humanos e romanos. O termo indica o pesado fardo que levavam os soldados romanos quando saíam para qualquer operação de guerra.

206 – *Ipsas*: O poeta se refere às abelhas individualmente e não à espécie, *genus*.

209 – *Fortuna*: Mais uma analogia com os seres humanos.

211 – *Populi Partborum*: O poeta não se refere exclusivamente aos **partos**, e sim aos povos do Oriente.

Medus Hydaspes: Hidaspes, um afluente do Indo, é chamado **Medo**, porque é uma saída de uma região outrora submissa aos Medos.

214 – *Cratis fauorum*: Favos de mel.

Cratis: Grade de vimes entrelaçados, de ferro ou de pau que formam as células onde as abelhas fazem seu mel, seus favos de mel.

215 – *Ille*: A repetição *ille, illum* frisa a importância do **rei** na colméia.

219 – *Exempla*: Estes sinais.

220 – *Esse apibus partem diuinae mentis et haustus*: Segundo Pitágoras, depois Platão e os estoícos, o Universo todo é animado por um princípio de vida, uma alma, *diuina mens*.

224 – *Tenuis uitas*: Os elementos tênues, os princípios sutis da vida.

226 – *Omnia, nec morti esse locum, sed uiua uolare*: O poeta fala da eternidade das almas individuais que, após a dissolução dos corpos, voltam ao éter.

227 – *Sideris in numerum*: Ao astro donde trazem sua origem.

228 – *Sedem augustam*: Morada (colméia) sagrada. O poeta quis dizer que a origem das abelhas faz com que ele olhe a morada delas como um **templo**, daí o epíteto.

229 – *Thensauris*: Significa propriamente provisões de todo gênero, freqüentemente **tesouros** e por extensão o lugar onde se guardam as provisões ou as riquezas.

Relines: Tirar o mel dos favos.

230 – *Ora foue*: Alguns críticos traduzem *ora foue* por *guarda silêncio*. Plínio e Columela indicam as precauções necessárias para tirar o mel, mas não falam da necessidade do silêncio. Eles recomendam muita limpeza e a ausência de odor forte. “*In primis praecipitur ut loti purique eximant mella*. (Plin. IX, 15) “*Maxime custodiendum est curatorum ut non nisi lotus ad ea accedat, abstineatque omnibus redolentibus esculentis, ut sunt salsamenta iterumque foetentibus acrimoniis alii uel cepearum cetarumque rerum similia*”. (Col. IX, 14)

231 – *Cogunt*: Segundo a opinião de Sêrvio “*gemina est fecunditas mellis*”. Porém pensa-se geralmente que o sujeito é *agricolae apum curatores*.

Bis: Duas vezes por ano, no sentido que são duas estações (primavera e outono).

Messis: A colheita.

232 – 233 – **Taugete Plias:** Taígete, uma das Pléiades, filha de Atlas e de Pleione. Foi amante de Júpiter e teve dois filhos: Lacedemônio e Taígete. O nascimento de Taígete acontece na primavera, e seu ocaso, no outono, que são as duas estações de tirar o mel.

238 – **Adfixae uenis:** Alguns, como diz Plínio (XI, 19), pensam que no primeiro golpe o ferrão das abelhas fica fixado na picadura e que a abelha morre imediatamente, enquanto outros, que elas cravam o dardo profundamente na carne.

241 – **Ceras inanis:** As células vazias apresentam perigo, pois podem servir de esconderijo para os inimigos das abelhas.

244 – **Immunis:** Refere-se ao zangão improdutivo.

246 – 247 – **Mineruae aranea:** Aracne, filha de Idmão, da cidade de Cólofon, bordava com tanta perfeição, que superou a própria Minerva. A deusa sentiu-se envergonhada, pois fora derrotada por uma mortal e quebrou-lhes os utensílios de bordar. Aracne se enforcou e Minerva a transformou em aranha.

250 – **Foros:** Alveólos.

260 – **Tractim:** Indica um murmúrio prolongado.

262 – **Refluentibus undis:** Quando as águas correm do rio ao qual elas têm ido de encontro.

274 – **Ipse:** A flor.

Foliis: As pétalas.

278 – **Mellae:** Mela, rio da Itália.

279 – **Odorato Baccho:** Do aromático vinho.

283 – **Arcadii magistri:** Aristeu, filho de Apolo e da Ninfa Cirene, ensinou os homens a cuidarem dos rebanhos, a cultivarem a oliveira e a vinha e a educarem as abelhas.

285 – **Insincerus:** Corrompido.

287 – **Canopi:** Canopo, cidade do Egito.

Pellaei: De Péla, cidade da Macedônia.

290 – **Pharetratae Persidis:** O poeta designa não somente a Pérsia, mas todos os povos do Oriente submetidos à Pérsia, formando, então o império dos partos.

293 – **Indis coloratis:** Dos etíopes. O Nilo atravessa a Etiópia antes de entrar no Egito.

299 – **Bima:** De dois anos.

302 – **Viscera:** Entranhas.

305 – **Hoc geritur Zephyris:** Zéfiro, filho de Éolo ou de Astreu e da Aurora. Desposou Flora, com a qual teve muitos filhos. É o Favônio dos Latinos.

308 – **Teneris:** Os ossos, do animal sacrificado, são quebrados e amolecidos, *teneris*.

Vmor: O líquido formado pela putrefação.

310 – **Trunca pedum:** Os antigos acreditavam que as abelhas nasciam sem patas.

314 – *Prima leues ineunt si quando proelia Parthi*: A crença neste modo de reprodução das abelhas era admitida pelos antigos. Plínio diz “*amissas reparari uentribus bubulis recentibus*” (XI, 23), Varrão afirma: “*apes muscuntur partim ex apibus, partim ex bubulo corpore putrefato*”: (R. R.III, 16)

317 – *Peneia Tempe*: Tempe, vale da Tessália, entre os montes Ossa e Olimpo; por onde os deuses e as deusas gostavam de passear.

319 – *Caput*: A nascente.
Amnis: O Peneu.

321 – *Cyrene*: Ninfa tessaliana, vivia nas florestas vigiando os rebanhos paternos. Era filha do rio Peneu. Amou Apolo e tornou-se mãe de Aristeu.

323 – *Thymbraeus Apollo*: Timbreu, cidade da Tróade, possuía um templo de Apolo, dentro do qual Páris matou Aquiles.

325 – *Pulsus amor? quid me caelum sperare iubebas?*
Vênus apareceu no meio do incêndio de Tróia e diz o mesmo: “*quonam nostri tibi cura recessit?*” (En. II, 595)

329 – *Felicis siluas*: Trata-se das plantações de árvores frutíferas.

336 – *Drymoque Xanthoque Ligeaque Phyllodoceque*: Drimo, Xanto, Ligéia e Filódoce são nomes de várias ninfas, copiados de Homero e Hesíodo.

347 – *Aque Chao*: Depois do Caos, isto é, depois da origem do mundo.

354 – *Tibi*: Dativo intencional: por ti, por causa de ti.

355 – *Penei genitoris*: Genitor, não é como *pater*, é um título de honra dado a Peneu.

362 – *Accepitque sinu uasto misitque sub amnem*: A água, ao livrá-lo da passagem, o introduz nas profundezas do rio. É uma expressão figurada própria do estilo poético.

363 – *Mirans*: Contemplando com admiração.
Regna: O poeta descreve o grande reservatório de onde saem todas as águas.

364 – *Lucos sonantis*: É o murmúrio das águas que correm através dos bosques nas entranhas da terra.

367 – *Diuersa locis*: Faz alusão aos cursos divergentes dos rios: o Fásis corre na Cólquida; o Lico, no Ponto; o Enipeu, na Tessália; o Hípanis, na Sarmácia; o Caique, na Mísia.

368 – *Enipeus*: Enipeu, rio da Tessália.

370 – *Pater Tiberinus*: *Pater*, epíteto dos rios considerados como divindades.

Aniena fluenta: Anio, afluente do Tibre.

371 – *Cornua*: As divindades fluviais são representadas por cornos ou até por uma cabeça de touro.

372 – *Eridanus*: Eridano, o Pó, rio da Itália.

374 – *Pendentia pumice*: *Pumex* é pedra-pomes, por extensão, *rocha*, *rochedo*. A morada de Cirene era uma gruta abobadada, *pendens*.

375 – *Inanis*: Porque foi fácil para sua mãe reparar suas desgraças.

378 – *Reponunt*: Depois da refeição, elas trazem as taças para as libações.

380 – *Maeonii*: Meónia é um cantão da Lídia.

Carchesia: Copo para beber, de origem grega, aberto no alto, apertando-se sobre os lados e ornado.

382 – *Oceanum patrem rerum*: A velha idéia cosmogônica retomada pelo filósofo Tales. Segundo ele, a água foi o princípio de todas as coisas.

383 – *Centum*: Tem aqui um valor indeterminado.

384 – *Vestam*: Vesta, deusa do fogo, filha de Saturno e de Réia. Na Ática e na Grécia, havia um culto que remontava a mais alta Antigüidade. Vergílio emprega freqüentemente esta palavra como sinônimo de fogo.

387 – *Carpathio gurgite*: Mar de Cárpatos, entre a ilha de Rodas e de Creta.

388 – *Caeruleus Proteus*: Proteu, deus marinho, filho de Oceano e de Tétis. Ele era guardião dos rebanhos marítimos. Seu pai o recompensou, dando-lhe o conhecimento do passado, do presente e do porvir. Para consultá-lo, era necessário surpreendê-lo no sono de uma forma que não pudesse escapar. Ele assumia as formas mais extravagantes a fim de espantar as pessoas que se aproximavam. Amarrado e preso, readquiria a feição primitiva e podia ser consultado.

Caeruleus: Epíteto comum a todas as divindades do mar.

389 – *Et iuncto bipedum curru metitur equorum*: O carro de Netuno era atrelado a cavalos marinhos, animais metade cavalos, metade peixes.

391 – *Pallenen*: Palene, cidade da Macedônia.

392 – *Nereus*: Nereu, filho do deus Oceano e de Tétis. Casou com sua irmã Dóris e teve as Nereidas. Nereu auxiliava os homens e os deuses, com sua larga sabedoria. Era um hábil adivinho. Como toda divindade marinha, Nereu mudava de forma e aspecto.

397 – *Expediat morbi causam euentusque secundet*: Que te propicie uma boa saída, que te indica os meios de reparar tuas perdas.

400 – *Haec* – Estas coisas, isto é, as precauções que Aristeu deve tomar contra a violência e os grilhões.

413 – *Mutato corpore*: Proteu, vencido, tentou uma última mudança, porém ele voltou à sua forma natural.

415 – *Ambrosiae*: É uma palavra grega que significa *imortalidade*. É o alimento comum dos deuses, tornando-os imortais. Na *Eneida* (XII, 419), Vênus curou as feridas de Enéias com a *ambrosia*.

418 – *Habilis*: Um ágil vigor penetrou em seus membros. Aristeu julga necessária a força para realizar sua tarefa.

420 – *Cogitur*: Amontoa-se sob o esforço do vento.

421 – *Deprensus*: Surpreendidos pela tempestade.

424 – *Procul*: A alguma distância.

Resistit: Deteve-se.

425 – **Indos**: Os povos do Oriente, onde o calor é mais forte.
Sirius: Sírio, uma das estrelas da Canícula. Os antigos a temiam muito por suas influências nefastas.

428 – **Faucibus**: A palavra *fauces* designa freqüentemente a *embocadura* dos rios. Os comentadores preferem a tradução de *leito*.

432 – **Somno**: Dativo por *ad somnum*.

433 – **Olim**: Outrora.

434 – **Vesper**: Tarde, a estrela da tarde (Vênus).

435 – **Acuont**: Aguçar o apetite.

437 – **Cuius**: A faculdade dele, de Proteu, ou seja, de *agarrar*.

439 – **Manicis**: *Manicae*, algemas, por atar as mãos em oposição a *compedes* (grilhões, algemas)

445 – **Nam**: Segundo alguns gramáticos, o emprego desta partícula, nas interrogações, indicava a emoção, a perturbação de espírito. Segundo Sérvio, *nam quis* tem o sentido de *quisnam*. *Quisnam* é uma partícula enclítica que reforça a indeterminação expressa pelo pronome a que se junta.

447 – **Neque est te fallere quicquam**: O pronome *te* pode ser o sujeito de *fallere* e ser traduzido: *tu o apanhas e tu não podes nos enganar* ou *tu o apanhas, ninguém pode te enganar em nada*. A tradução da autora foi *nem é possível enganar-te em nada*.

454 – **Orpheus**: Segundo alguns, Orfeu era filho de Apolo e de Clío, segundo outros, de Éagro e de Calíope. Participou da expedição dos Argonautas e inventou a cítara de nove cordas.

Tocava lira com tanta perfeição que os animais mais ferozes se agrupavam ao seu redor. Casara-se com Eurídice. Não muito longe da Trácia, vivia o pastor Aristeu que se apaixonara por Eurídice. Um certo dia, ela passeava sozinha às bordas do Peneu. O jovem Aristeu a viu e correu em sua direção. Assustada, correu enquanto o pastor a perseguia. De repente, no meio do caminho uma víbora picou o calcanhar de Eurídice, levando-a à morte. A dor de Orfeu foi imensa. Por meio de seu canto e de sua lira, conseguiu atravessar os Infernos. Os deuses, Plutão e Prosérpina, por piedade, deixaram que o jovem cantor levasse sua esposa novamente para a luz sob uma condição: Orfeu marcharia à frente e não poderia voltar a cabeça para olhar Eurídice. Os dois retornavam para a pátria dos vivos, quando Orfeu, não resistindo, olhou para trás para ver sua Eurídice. E assim ele a perdeu para todo o sempre.

Orfeu retirou-se para a Trácia e isolou-se do mundo, vivendo na floresta e cantando para os animais. Orfeu não quis mais se casar, só pensava em Eurídice. As mulheres sentiam-se desprezadas por ele e, certa vez, lançaram-se sobre ele, despedaçaram-no e jogaram sua cabeça no rio Ebro, mas sua língua fria, sem vida, pronunciava o nome de Eurídice.

455 – **Haudquaquam ob meritum**: É preferível ligar estas palavras a *suscitat* e não a *miserabilis*, assim traduzir: *este castigo que não é proporcionado por teus crimes, graças à proteção dos destinos, ni fata resistant*.

457 – **Flumina**: O Ebro, rio da Trácia.

461 – **Rhodopeiae arces**: Os cimos de Ródope, montanha da Trácia.

462 – **Pangaea**: O monte Pangeu, entre a Trácia e a Macedônia, célebre por suas minas de ouro e de prata. **Rhesi**: Reso, rei da Trácia, morto por Ulisses e Diomedes.

464 – **Testudine**: Tartaruga, a lira inventada. Horas depois de nascido, Mercúrio pulou do berço e fugiu da gruta. Tendo encontrado uma tartaruga, matou-a. Jogou fora a carne e, da carcaça, fez a lira, estendendo nela sete cordas de tripa de ovelha.

467 – **Taenarias fauces**: Ténaro, promontório e cidade da Lacônia, era uma das entradas para os infernos.

Ditis: Plutão, deus dos infernos, filho de Saturno e de Réia, irmão de Júpiter e de Netuno.

469 – **Manis**: Gênio que os antigos confundiam ou com as almas dos mortos ou com as divindades infernais. Os gregos davam aos mortos o nome de deuses subterrâneos; os Romanos, de deuses Manes.

471 – **Erebi**: Érebo são as “Trevas”, designa os Infernos; segundo a concepção homérica, também significa a parte mais obscura do reino dos Infernos. O Érebo era filho do Caos e da Noite, foi transformado em rio e lançado aos Infernos porque socorrera os Titãs.

479 – **Cocytii**: Cocito, rio dos infernos.

480 – **Styx**: Estige, fonte e lagoa da Arcádia, considerada como um lago dos Infernos pelos poetas. Era sobre o Estige que passavam as Sombras, na barca de Caronte.

481 – **Leti**: Leto, é a morte personificada.

483 – **Cerberus**: Cérbero, cão de três cabeças que guardava os infernos.

484 – **Ixionii orbis**: Ixião, rei dos Lápitas, era homem muito cruel. Casou-se com Dea, filha de Deioneu. Prometeu

ao sogro que lhe daria um belíssimo presente por ter desposado sua filha. Como Deioneu percebeu que a promessa não seria cumprida, apoderou-se de alguns cavalos de Ixião. Este, ofendido, colocou o sogro num fosso ardente, onde morreu. Todos se horrorizaram pela atitude de Ixião e abandonaram-no. Ele recorreu a Júpiter, que, por piedade, o acolheu e o levou para o céu. Ixião apaixonara-se por Juno e convidou-a para unir-se a ele. A deusa, ofendida, contou tudo a Júpiter, que prontamente formou, com uma nuvem, um fantasma semelhante à sua esposa. Ixião possuiu a nuvem e da união nasceram os centauros. Júpiter, indignado, mandou-o novamente à terra. Mesmo assim Ixião não aprendera, pois espalhava que tinha sido amante de Juno.

Júpiter, por sua vez, com um raio lançou-o nas profundezas do Tártaro. Mercúrio, por ordem do deus, ligou-o a uma rocha cheia de serpentes, que gira e girará eternamente. E ele sempre gritará que aprendam, com seu exemplo, a honrar os benfeitores.

487 – **Proserpina**: Era filha de Júpiter e de Ceres. Um dia, quando Prosérpina colhia flores, Plutão, seu tio, raptou-a. Ceres, sua mãe, procurou-a por todo o mundo e a encontrou nos Infernos. Pediu a Júpiter que a fizesse voltar. Ele consentiu, porém a jovem não poderia ter comido nada nas regiões sombrias. Mas Prosérpina havia comido uns bagos de romã e assim estava ligada ao reino das Sombras.

Júpiter, entretanto, consentiu que Prosérpina passasse seis meses na terra, em companhia da mãe, época que as plantas germinavam.

493 – **Auerni**: Averno era considerado lago dos infernos. Lago da Campânia que era consagrado a Plutão. Exalavam-se desse lago emanações tão infectas que os pássaros que passavam sobre ele, morriam.

495 – **Furor**: Loucura, demência, amor insensato.

496 – **Natantia**: Esta palavra exprime o olhar vago, incerto, indeciso produzido pela aproximação da morte.

500 – **Diuersa**: Em sentido oposto, contrário.

503 – **Amplius obiectam passus transire paludem**: Sérvio parece dar *Eurydicen* como regime de *passus*, no entanto outros críticos subentendem *Orphea*, o que se torna preferível.

A presente tradução foi: (nem o barqueiro do Orco) permitiu mais que ele atravessasse de novo o intermédio pântano.

508 – **Strymonis**: Estrimão, rio da Trácia. Separa a Macedônia da Trácia.

511 – **Philomela**: Filomela, filha de Pandião, rei de Atenas e irmã de Procne. Filomela foi com sua irmã Procne para a Trácia, pois esta se casara com Tereu. As duas irmãs eram muito unidas. Pandião consentiu na partida, porém, como estava muito preocupado, exigiu que uma guarda acompanhasse os três.

Durante a viagem, Pandião se apaixonara por Filomela. Quando chegaram a um velho palácio, Pandião despachou todos da sua comitiva, despediu os guardas e violentou Filomela. Como ela se queixava e chorava constantemente, ele lhe cortou a língua. Deixou uma pessoa de sua confiança com ela e partiu. Para sua esposa Procne, contou que a irmã havia morrido.

Um ano se passara. Filomela enviou à irmã, num pano, com agulhas e linhas, um bordado que contava sua história. Procne, após ter recebido o bordado, só pensou em vingança. Durante as festas de Baco, correu para libertar a irmã. Quando voltou à corte, Procne matou o filho que tivera com Tereu e serviu os membros ao marido, durante o banquete de Baco. No final da festa, Procne jogou sobre a mesa a cabeça da criança morta.

As duas irmãs fugiram e foram transformadas: Filomela em rouxinol e Procne em andorinha. Tereu que as persegue, fora transformado em gavião.

516 – **Nulla uenus**: Nenhum amor.

517 – **Hyperboreas**: Hiperbóreo, setentrional. Hiperbóreos são aqueles que moram além do Bóreas, eram povos fabulosos das regiões mais setentrionais.

Bóreas: Vento do norte, o setentrião. Era filho de Astreu e de Aurora.

Tanaim: Tânaís ou Tanaida, rio que separa a Europa da Ásia.

518 – **Riphaeis**: Os montes Rifeus, na Cítia.

520 – **Ciconum**: Cícones, povo da Trácia.

Munere: A honra, o culto que ele rendeu a Eurídice. O ablativo marca a causa.

521 – **Orgia Bacchi** - Orgia: festas de Baco eram celebradas durante a noite.

524 – **Oeagrius Hebrus**:

Oeagrius: Éagro, rei da Trácia e pai de Orfeu.

Hebrus: Hebro, rio da Trácia.

530 – **At non Cyrene**: Cirene não se lança na água como Proteu, ela conversou com o hesitante filho; *namque ultro affata timentem*.

535 – **Tende**: Apresentar, oferecer.

Napaeas: Napéias, ninfas dos bosques e dos vales.

539 – **Lycaei**: *Lycaeus* = Liceu, monte da Arcádia, consagrado a Pã.

541 – *Delubra*: Templo, santuário.

Delubrum era a parte do templo diante da qual era localizado altar ou a estátua de uma divindade e, por extensão, o templo inteiro.

547 – *Placatum*: Alguns críticos invertem a ordem dos versos 546 e 547 pela dificuldade de explicar o participio passado. O sentido seria; “depois de ter ofertado os sacrifícios a Orfeu, tu, Aristeu, entrarás de novo no bosque, e então vendo que Eurídice está aplacada, tu lhe oferecerás uma bezerra”.

A tradução da autora foi: “oferecerás a Orfeu as papoulas do Letes, como sacrifício em honra dos mortos; venerarás com uma ovelha imolada Eurídice, agora acalmada, por fim sacrificarás uma ovelha negra e retornarás ao bosque sagrado”.

564 – *Parthenope*: Antigo nome de Nápoles. Parténope era uma das Sereias. Como não conseguiu enfeitiçar Ulisses, precipitou-se no mar, e as ondas atiraram o seu corpo para as margens de Nápoles, onde lhe foi erigido um monumento.

Ignobilis: *Nobilis* quer dizer propriamente conhecido. O termo *ignobilis* significa desconhecido, obscuro, ou seja, os modestos estudos de Vergílio são opostos à glória política militar.

565 – 566 – Os dois últimos versos são uma alusão às *Bucólicas*.

Referências

A lista bibliográfica que se lerá contém as obras que contribuíram para a elaboração desta pesquisa direta ou indiretamente, logo, nem todas elas se encontram citadas no corpo do trabalho.

I. Textos Clássicos Latinos

CATON. *De L' Agriculture*. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1975. (texte établi, traduit et commenté par Raoul Goujard).

COLUMELLA. *De L' Agriculture*. Paris: Les Belles Lettres, 1993. (trad. par Jean Christian Dumont)

HORACE. *Odes et Épodes*. Texte établi et traduit par François Villeneuve. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 1954.

_____. *Satires*. Texte établi et traduit par François Villeneuve. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 1969.

HORÁCIO. *Arte Poética*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1984, (introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes).

LUCRECIO. *De Rerum Natura*. Barcelona: Bosch, Casa Editorial, 1965. (Colección dirigida por J. – I. Ciruelo Borge y A. Verjat Massmann).

_____. *De la nature*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 1971.

_____. *De la naturaleza*. Trad. José-Ignacio Ciruelo Borge. Barcelona: Bosch, Casa Editorial, S.A., 1985.

OVIDE. *L'Art d'aimer*. Texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 1983.

_____. *Les métamorphoses*. Tomes I, II, III. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 1994.

_____. *Les Métamorphoses*. Paris: Éditions Garnier Frères, 1953. Tome deuxième, (traduction Joseph Chamonard).

_____. *Metamorphoses*. (The Arthur Golding Translation). Edited, with an introduction and notes, by John Frederick Nims. Philadelphia: Paul Dry Books, 2000.

_____. *Metamorphoses*. Translated by Frank Justus Miller. London: William Heinemann LTD; Cambridge, Massachussts: Harvard University Press, 1984. 2v.

_____. *Metamorphoses*. Translated by A. D. Melville. Oxford: University Press, 1998.

_____. *Tristes*. Texte établi et traduit par Jacques André. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 1968.

OVIDIO. *Arte de amar*. Trad. Natália Correia e David Mourão - Ferreira. São Paulo: *Ars Poetica*, 1992.

_____. *As metamorfoses*. Tradução de Bocage. São Paulo: Hedra, 2000.

_____. *Fastos*. Libros I - III. Introducción, versión rítmica y notas de José Quiñones Melgoza. México: Universidad nacional Autónoma de México, 1985.

_____. *Metamorfosi*. A cura di Piero Bernardini Marzolla, con uno scritto di Italo Calvino. Torino: Giulio Einaudi editores s.p.a., 1994.

_____. *Metamorfosis*. Introducción, versión rítmica y notas - Rubén Bonifaz Nuño. México: Sep Cultura, 1985. 2v.

_____. *Os remédios do amor. Os cosméticos para o rosto da mulher*. Tradução, introdução e notas: Antônio Silveira Mendonça. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

PLINIO. *Naturalis historiae*. Stutgardiae: B. 6 Teubneú, 1967.

QUINTILIAN. *Institution oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 1975.

TIBULE. *Élegies*. Texte établi et traduit par Max Ponchont. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1931.

VARRON. *Économie Rurale*. Livre Premier. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1978 (texte établi, traduit et commenté par Jacques Heurgon).

_____. *Économie Rurale*. Livre II. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1985 (texte établi, traduit et commenté par Charles Guiraud).

VIRGIL. *Georgics*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1986 (trad. H. Rushton Fairclough).

VIRGILE. *Bucoliques*. Texte établi et traduit par Eugène de Saint-Denis. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1997.

_____. *Énéide*. Livres I – VI. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1952 (texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Bellessort).

_____. *Énéide*. Livres VII – XII. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1952 (texte établi par Renée Durand et traduit par André Bellessort).

_____. *Georgiques*. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1968 (texte établi et traduit par E. de Saint – Denis).

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. São Paulo: Melhoramentos, 1982 (trad. e notas de Péricles Eugênio da Silva Ramos, introdução de Nogueira Moutinho).

_____. *As Geórgicas*. São Paulo: Heros Graphica Editora, 1930 (trad. de Antonio Feliciano de Castilho, com anotações de Othoniel Motta).

VIRGILIO. *Georgiche*. Libro Quarto. Firenze: Vallecchi Editore, 1953 (commento di Leone Riccomagno).

_____. *Georgiche*. Seconda edizione. Milano: Biblioteca Universale Pizzoli, 1988 (introduzione di Antonio La Penna, traduzione di Luca Canali, note al testo di Riccardo Scarcia).

VIRGILIUS. *The Works*. Philadelphia,: Charles de Silver & Sons, 1882, (by Levi Hart & V.R. Osborn).

II

ANDRADE, Claudemir Donizete de. O Mito de Orfeu em Eurydice de Jean Anovilh. In: CARVALHO, Sílvia M. S. (org.). *Orfeu, Orfismo e Viagens a Mundos Paralelos*. São Paulo:UNESP, 1990, pp. 79 – 80.

ANNEQUIN, J. et alii. Especificidade das Sociedades da Antiguidade. In: *Formas de Exploração do Trabalho e Relações Sociais na Antiguidade Clássica*. Lisboa (Portugal): Estampa, 1978, pp. 09- 41.

AUBRETON, Robert. *Introdução a Hesíodo*. São Paulo: USP, 1956.

AYMARD, A. & AUBOYER, J. *Roma e Seu Império*. 4 ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Difel, 1976, v. 2, (trad. Pedro Moacyr Campos).

AYMARD, Jacques. La Politique d'Auguste et l'Ode III, 4 d 'Horace. *Latomus, Revue d'Études Latines*, Bruxelles: La Société, Tome XV, 1956, pp. 26 – 36.

AYTAI, Desiderio. *A Música como Veículo de Comunicação com o Mundo Paralelo*. In: CARVALHO, Sílvia M. S. (org.). *Orfeu, Orfismo e Viagens a Mundos Paralelos*, São Paulo:UNESP, 1990, pp. 89 – 96.

BALIL, A. Sobre a Iconografia de Virgílio. *Estudios Clásicos*, Madrid, Tomo VII, ES: La Sociedad, 1963, pp. 89 – 93.

BALSDON, J. P. V. D. A Revolução e o Fim da Liberdade. In: *O Mundo Romano*, Rio de Janeiro: Zahar, 1969, pp. 39 – 57, (trad. Victor M. de Moraes).

_____. Roma como Campo de Batalha de Religiões. In *O Mundo Romano*, Rio de Janeiro: Zahar, 1968. pp. 182 – 198, (trad. Victor M. de Moraes).

BARRETO, Livia Paes. A 1ª Elegia do IV Livro de Propércio. *Calíope – Presença Clássica*, Rio de Janeiro: UFRJ, ano III, 1968, pp. 101 – 109.

BAYET, Jean. *Literatura Latina*. Barcelona: Ediciones Ariel, 1966, (trad. Andrés Espinosa Alarcón).

BELLESORT, André. *Virgílio*. (Coleccion Semblanzas). Madrid: Los Hombres y sus Ideas, 1965. (trad. Domingos Placido Suarez).

BENOIST, E. P. *Virgílii Maronis – Opera*. Paris: Librairie Hachette Et Cie, 1898.

BETTARELLO, I. *Poesia e Poética de Vergílio*. São Paulo: USP, 1955.

BIELER, L. *Historia de la Literatura Romana*. Madrid: Editorial Gredos, 1968.(version española de M. Sanchez Gil).

BIGNONE, Ettore. *Il Libro della Letteratura Latina*. Firenze: Felice Le Monnier, 1950.

BLANKERT, S. Notes on Virgil Georgics IV, 25 – 90. *Mnemosyne*, Leiden, NL: [SN], v. XII, Series IV, 1959, pp. 231 – 251.

BLOCH, R.; COUSIN, J. *Roma e seu Destino*. Rio de Janeiro: Cosmos, 1964. (trad. Maria Antonieta Magalhães Godinho).

BORNECQUE, H.; MORNET, D. *Roma e os Romanos*. São Paulo: EDUSP, 1977. (trad. de Alceu Dias Lima).

BOWSER, D. *Quem Foi Quem na Grécia Antiga – Dicionário Biográfico*. São Paulo: Art Editora, 1990.

_____. *Quem Foi Quem na Roma Antiga – Dicionário Biográfico*. São Paulo: Art Editora, 1990.

BRANDÃO, J.J. O Orfismo no Mundo Helenístico. In: CARVALHO, Sílvia M. S.(org.). *Orfeu, Orfismo e Viagens a Mundos Paralelos*, São Paulo: UNESP, 1990, pp. 25 – 34.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico – Etimológico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991, v. 2.

_____. *Mitologia Grega*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1991, v. 2, pp. 141 – 171.

BRUNT, P. A. Trabalho e Escravidão. In: BALSDON, J. P. V. D., (org.). *O Mundo Romano*, Rio de Janeiro: Zahar, 1968, pp. 168 – 181, (trad. de Victor M. de Morais).

BULFINCH, Thomas. *Mitologia Geral – a Idade da Fábula*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Vila Rica Editoras Reunidas, 1991, (Trad. Raul L. R. Moreira e Magda Veloso).

CALVO, Augustin Garcia. Los Titeres de la Epopeya. *Estudios Clásicos*, Tomo VII, Madrid, ES: La Sociedad, 1963, pp. 95 – 106.

CAMPBELL, Joseph. *As Transformações do Mito através do Tempo*. São Paulo: Cultrix, 1992. (trad. de Heloísa de Lima Duarte).

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. (Série Revisão – 33), Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

CARLO, Agustín Millares. *Historia de la Literatura Latina*. 4. ed. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1964.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1959, v. 1.

CARTAULT, A. *La Poésie Latine*. Paris: Payot & Cie, 1922, pp. 68 – 91.

CARVALHO, Sílvia M. S. O Mito Americano Eurídice, a Volta Impossível. In: *Orfeu, Orfismo e Viagens a Mundos Paralelos*. São Paulo: UNESP, 1990, pp. 97 – 111.

CASTAÑEDA, Irene Zanetti de. Quetzalcoatl: um Orfismo Americano? In: *CARVALHO, Sílvia M. S.(org.). Orfeu, Orfismo e Viagens a Mundos Paralelos*. São Paulo: UNESP, 1990, pp. 113 – 120.

CENTURIONE, Vitermano Eleno. *Virgílio – Opera*, Bonis Auris: Dedebec, 1944.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. (colaboração de André Barbault et alii, coordenação Carlos Sussekind, tradução Vera da Costa e Silva et alii).

CORASSIN, Maria Luiza. *A Reforma Agrária na Roma Antiga*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CORBETT, John H. The Succession Policy of Augustus. *Latomus. Revue d'Études Latines*. Bruxelles: La Société, Tome XXXIII, 1974, pp. 87 – 97.

COUAT, Auguste. La Poésie Didactique. *La Poésie Alexandrine*, Paris: Librairie Hachette, 1882, pp. 445 – 489.

CROOK, Robert F. Note on *Georgic IV*, 228 – 231. *The Classical Review*, Oxford: The Association, 1910, pp. 49 – 50.

CRUTTWELL, Charles Thomas M. A. *A History of Roman Literature*. Seventh edition. London: Charles Griffin and Company, Limited, 1910, pp. 241 – 279.

CUNHA, Alice da Silva. A Ressonância Epicurista na Literatura Latina. *Calíope – Presença Clássica*. Rio de Janeiro: UFRJ, Ano II, 1985, pp. 99 – 112.

DALE, F. R. Virgil, *Georgics IV*, 228 – 30. *The Classical Review*, volume V, Oxford: The Association, 1955, pp.14 – 15.

DEHON, Pierre – Jacques. A propos de Virgile, *Georgiques IV* 234. *Les Études Classiques*, Tome LVII, Namur, BE: [SN], 1989.

DELGADO, J. Jiménez. El Hexámetro Virgiliano. *Estudios Clásicos*, Madrid, ES: La Sociedad, Tomo VII, 1963, pp. 146 – 161.

DENIS, E. de Saint. Mécène et la Genèse des *Georgiques*. *Revue des Études Latines*, Bruxelles: La Société, 1969, pp. 194 – 297.

DIAKOV, V. *História de Roma*. Lisboa: Arcádia, 1965. (trad. de João Neto).

DIEL, Paul. *O Simbolismo na Mitologia Grega*. São Paulo: Attar Editorial, 1991, pp. 132 – 139. (trad. de Roberto Cacuro e Marcos Martinho dos Santos).

DOLÇ, Miguel. 'Política Agraria y Poesia in Virgilio'. *Estudios Clásicos*, Madrid, ES: La Sociedad, Tomo VIII, 1964, pp. 120 – 139.

_____. Sobre la Arcadia de Virgilio, Virgilio y Teocrito. *Estudios Clásicos*. Madrid, ES: La Sociedad, Tomo IV, 1957, pp. 241 – 266.

DOOREN, J. J. Van. Vie de Virgile par Donat – Suetone. *Les Études Classiques*, Tomo XXVI, Namur, BE: [SN], 1958, pp. 243 – 253.

DOURADO, Mecenas. *Mecenas ou o Suborno da Inteligência*. Rio de Janeiro: Edições do Povo, 1947.

DUGGAN, Alfred. *Los Romanos*. México: Editorial Joaquín Mortiz, 1966, (trad. de María Luisa Díez).

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991, (trad. Pola Civelli).

ENRIQUEZ, José Antonio. La Lengua Poetica en la Epoca de Augusto. *Estudios Clásicos*, Tomo VII, Madrid, ES: La Sociedad, 1963, pp. 183 – 191.

FACHIN, Lidia. Orphée e o Surrealismo em Cocteau. In: CARVALHO, Sílvia M. S. (org.). *Orfeu, Orfismo e Viagens a Mundos Paralelos*. São Paulo: UNESP, 1990, pp. 51– 65.

FANTAZZI, Charles. Golden Age in Arcadia. *Latomus. Revue d'Études Latines*. Tome XXXII, Bruxelles: La Société, 1974, pp. 280 – 305.

FARIA, Ruth Junqueira de. O Helenismo em Roma. *Calíope - Presença Clássica*, ano 1, Rio de Janeiro: UFRJ, 1984, pp. 37 – 43.

FEDELI, Paolo. *Letteratura Latina*. Napoli, Edizioni "Il Tripode", 1986, pp. 193 – 199.

FERRERO, Guglielmo. *Grandezza e Decadência de Roma*. Porto Alegre: Globo, 1965, v. III, (trad. Francisco Pati).

_____. *História Romana*. São Paulo: Martins Editora, 1947, (trad. de Brenno Silveira).

FINLEY, M. Entre a Escravatura e a Liberdade. In: ANNEQUIN, J. et alii (org.). *Formas de Exploração do Trabalho e Relações Sociais na Antiguidade Clássica*. Lisboa - Portugal: Editorial Estampa, 1978, pp. 89 – 108.

FIORE, Tommaso. *La Poesia di Virgilio*. Seconda edizione. Bari, Laterza & Figli, 1946.

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire abrégé latin – français illustré*. Paris: Hachette, 1946.

GENTILI, B. et alii. *Storia della Letteratura Latina*. Bari: Editori Laterza, 1977, pp. 292 – 297.

GEORGIN, CH. *Les Latins*. 18 ed. Paris: Librairie Hatier, 1944, pp. 422 – 453, (édition revue et complétée par H. Berthaut).

GIGANTE, Marcello. La Villa d'Herculanum et le Livre de Philodème, du Bon Roi selon Homère. In: *La Bibliothèque de Philodème et L'Épicurisme Romain*. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1987, pp. 89 – 107.

GRENIER, Alberto. *El Genio Romano*. Barcelona: Editorial Cervantes, 1927, pp. 339 – 403, (trad. del Dr. José Deleito y Piñuela).

GRIFFIN, Jacques. *The Forth Georgic, Virgil and Rome. Greece*

and Rome, Oxford: Oxford University Press, vol. XXVI, second series, 1979, pp. 61 – 80.

GRIMAL, Pierre. A época de Augusto. *Calíope – Presença Clássica*, ano II, Rio de Janeiro: UFRJ, 1985, pp. 140 – 150, (ensaio traduzido por Ruth Junqueira de Faria).

_____. Dicionário da Mitologia Grega e Romana, 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997 (trad. Victor Jaboville).

_____. *La Civilización Romana*. Provenza: Editorial Juventud, S. A., 1965, (trad. de F. de C. Serra Ráfols).

_____. *Le Siècle d'Auguste*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

_____. *Virgílio ou o Segundo Nascimento de Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, (trad. de Ivone Castilho Benedetti).

GUSTIN, René. L'Explication de Virgile. *Les Études Classiques*, Tome XLV, Namur, BE: [SN], 1977, pp. 145 – 153.

_____. Le Passé et l'Habitude dans l'Esthétique Virgilienne. *Les Études Classiques*, Tome XXVII, Namur, BE: [SN], 1959, pp. 362 – 368.

_____. La Rhetorique dans les *Geórgiques*. *Les Études Classiques*, Tome XXX, Namur, BE: [SN], 1962, pp. 318 – 325.

HACQUARD, Georges. *Guide Mythologique de la Grece et de Rome*. Paris: Hachette Éducation, 1990.

HADAS, Moses. *Roma Imperial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. (trad. de Gulnara Lobato de Moraes Pereira e Iolanda Steidel de Toledo).

HARDIE, Colin. Três Poetas Romanos. In: BALSDON, J. P. V. D., (org.). *O Mundo Romano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, pp. 213 – 232. (trad. de Victor M. de Moraes).

HARDIE, Philys R. *Virgil's Aeneid*. Oxford: Clarendon Press, 1986.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. (trad. Mário da Gama Kury).

HEITLAND, W. E. Agricultura. In: BAILEY, C. (org.). *O Legado de Roma*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, pp. 529 – 571. (trad. de Mauro Papelbaum e Luiz Carlos Lucchetti Gondim).

HEGEL. *Estética – Poesia*. (Col. Filosofia e Ensaíos). Lisboa: Guimarães Editores, 1964. (trad. de Álvaro Ribeira).

HEROUVILLE, P. O. Les Oiseaux de Virgile. *Revue des Études Latines*, Tome VI, Bruxelles: La Société, 1926, pp. 46 – 70.

HERRERO, Victor José. Virgilio y la Pronunciación de Latin. *Estudios Clásicos*. Tomo VII, 38, Madrid, ES: La Sociedad, 1963, pp. 162 – 182.

HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. São Paulo: Iluminuras, 1991. (trad. de Mary de Camargo Neves Lafer).

_____. *Teogonia. Estudo e introdução de Jaa Torrano*. São Paulo: Biblioteca Pélin, Iluminuras, 1991.

HEURGON, J. Un Exemple peu Connu de la Retractatio Virgilienne. *Revue des Études Latines*, Tome IX, 9^e année, Bruxelles: La Société, 1931, pp. 258 – 268.

HILL, D. E. What Sort of Translation of Virgil do We Need? *Greece and Rome*, vol. XXV, second series, Oxford: Oxford University Press, 1978, pp. 59 – 60.

HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. Influência Cultural do Helenismo no Mundo Romano. *Calíope – Presença Clássica*, ano III, Rio de Janeiro: UFRJ, 1986, pp. 7 – 9.

HUMBERT, Jules; BERGUIN, Henri. *Histoire Illustrée de la Littérature Grecque*. Paris: Didier Librairie, 1947.

JAEGER, Werner. *Paidéia. a Formação do Homem Grego*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

JESI, Furio. *O Mito*. 2 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1988. (trad. de Lemos de Azevedo).

JONES, A. H. M. A Última Crise: O Império Romano até seu Declínio. In: BALSDON, J. P. V. D.(org.). *O Mundo Romano*. Rio de

Janeiro: Zahar, 1868, pp. 58 – 79. (trad. de Victor M. de Moraes).

KERÉNYI, Karl. *Os Heróis Gregos*. São Paulo: Cultrix, 1994. (trad. Octávio Mendes Cajado).

KHAZANOV, A. Caráter da Escravatura entre os Citas. In: ANNEQUIN, J. (org.). *Formas de Exploração do Trabalho e Relações Sociais na Antiguidade Clássica*, Lisboa – Portugal: Editorial Estampa, 1978, pp. 125 – 141.

KOLENDO, Jerzy. A Formação do Colonato em África. In: ANNEQUIN, J. (org.). *Formas de Exploração do Trabalho e Relações Sociais na Antiguidade Clássica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978, pp. 145 – 167.

_____. O Camponês. In: GIARDINA, A.(org.). *O Homem Romano*. Lisboa: Editorial Presença, 1991, pp. 169 – 178. (trad. de Maria Jorge Vitar de Figueiredo).

KORTE, A.; HANDEL, P. *La Poesía Helenística*. Barcelona: Biblioteca Universitaria Labor, Editora Labor, 1973.

KREISSIG, H. A Escravatura na Época Helenística. In: ANNEQUIN, J. (org.). *Formas de Exploração do Trabalho e Relações Sociais na Antiguidade Clássica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978, pp. 113 – 122.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

LAMBRECHTS, P. Auguste et la Religion Romaine. *Latomus. Revue d'Études Latines*. Tome IV, Bruxelles: La Société, 1940 – 1945, pp. 177 – 191.

LEBRUN, R. – F. La Notion de Fatum dans l'Oeuvre de Virgile. *Les Études Classiques*. Tome XLIV, Namur, BE: [SN], 1976, pp. 35 – 44.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novos Horizontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, pp. 52 – 67. (trad. Terezinha Marinho).

LEITE, Guacira Marcondes Machado. O Mito de Orfeu na Modernidade Poética Francesa. In: CARVALHO, Sílvia M. S. (org.). *Orfeu, Orfismo e Viagens a Mundos Paralelos*. São Paulo: UNESP, 1990, pp. 67 – 78.

LEONI, G. D. *Vergílio e Horácio no Ambiente Histórico e Literário de seu Tempo*. São Paulo: Sonora, 1944.

_____. ASSIS, Neyde Ramos de. *Os Gêneros da Cultura Romana*, São Paulo: Nobel, 1959.

LEXICON, Herder. *Dicionário dos Símbolos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

LEWIS, Short. *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1955.

LODGE, Gonzalez. *Greek Literature*. New York: The Columbia University Press, 1912

LUELMO, Julio. *Historia de la Agricultura en Europa y América*. Madrid: Ediciones ISTMO, 1975.

MAGARIÑOS, Antonio. Mas sobre el Comienzo del Libro III de las *Georgicas* e a *Eneida*. *Estudios Clásicos*. Tomo VII, 38, Madrid, ES: La Sociedad, 1963, pp. 137 – 145.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização. Uma Interpretação do Pensamento de Freud*. 7ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978 (trad. de Álvaro Cabral).

MAROUZEAU, J. Quelques Interprétations de Virgile. *Revue des Études Latines*, Tome XI, 11 e année, Bruxelles: La Société, 1933, pp. 64 – 66.

_____. Répétitions et Hantises verbales chez Virgile. *Revue des Études Latines*, Tome IX, 9 année, 1931, pp. 237 – 257.

MATOS, Marco Aurélio. Simbologia e suas Vinculações Helênicas. *Calíope – Presença Clássica*, ano I, Rio de Janeiro: UFRJ, 1984, pp. 11 – 18.

MAYER, Ruy. *As Geórgicas de Vergílio*. (Coleção "Terra e Homem"). s.l. Livraria Sá da Costa, 1948. (versão em prosa dos três primeiros livros e comentários de um agrônomo).

MENDES, João Pedro. *Arte das Bucólicas de Virgílio*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1982.

MICHENAUD, G. Les Sons du Vers Virgilien. *Les Études Classiques*. Tome XXI, n. 4, Namur, BE: [SN], 1953, pp. 342 – 378.

MOISÉS, Massaud. *A criação Literária*. (Prosa). São Paulo: Cultrix, 1988, pp. 284 – 285.

MOULINIER, Louis. *Orphée et L'Orphisme a L'Époque Classique*. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1955.

PAES, José Paulo. *Paladas de Alexandria. Epigramas*. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1993 (seleção, trad., introdução e notas de José Paulo Paes).

PARAIN, Ch. Forças Produtivas e Relações Sociais. O Lugar da Criação de Gado na Antiguidade Romana. In: ANNEQUIN, J. (org) *Formas de Exploração do Trabalho e Relações Sociais na Antiguidade Clássica*, Lisboa – Portugal: Editorial Estampa, 1978, pp. 215 – 228.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983 (trad. de Manuel Losa).

PATIN, M. *Poésie Latine*. Quatrième édition. Paris: Librairie Hachette et Ce, 1900. Tome premier.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, v. 2.

PERRET, Jacques. *Virgile*. (Collections Microcosme), Paris: Editions du Sevil, 1959.

PICHON, René. *Histoire de la Littérature Latine*. Paris: Librairie Hachette, 1947.

_____. *Virgile. Oeuvres Completes*. 4 édition. Paris: Librairie A. Hatier, 1948.

PIGANIOL, A. *História de Roma*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires – Eudeba, 1961.

PLATÃO. *Diálogos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1966 (trad. de Jorge Paleikat).

RAT, Maurice. *Virgile, L'Enéide*. Paris: Garnier – Flammarion, 1965.

RICCOMAGNO, Leone. *Georgiche, Libro Quarto*, Firenze: Vallecche Editore, 1953

ROMILLY, Jacqueline de. *Fundamentos de Literatura Grega*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984, (trad. de Mário da Gama Kury).

ROSTAGNI, Augusto. *Storia della Letteratura Latina*. Milano: A. Mondadori, 1939.

ROSTOVTZEFF, M. *História de Roma*. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983 (trad. de Waltensir Dutra).

_____. *Historia Social y Económica del Imperio Romano*. Madrid: Espasa – Calpe, 1937 (trad. del inglês por Luis López – Ballesteros).

SAINT-DENIS, E. de. Mécène et la Genèse des *Géorgiques*. *Revue des Études Latines*, 46 année, Bruxelles: La Société, 1969, pp. 194 – 207.

SARAIVA, Fr. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino – Português*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.

SARIAN, Haiganuch. Escatologia Órfica na Pintura dos Vasos Funerários da Apúlia (Magna Grécia). In: CARVALHO, Sílvia M. S. (org.) *Orfeu, Orfismo e Viagens a Mundos Paralelos*. São Paulo: UNESP, 1990, pp. 35 – 49.

SCHILLING, Robert. Virgile. Poète Total. *Revue des Études Latines*. Bruxelles: La Société, 1982, pp. 177 – 192.

SCHULER, Donald. *Literatura Grega*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SCHURÉ, Edward. *Orfeu*. São Paulo: Martin Claret, 1987 (trad. de Domingos Guimarães).

SELLAR, W. Y. Master Virgil. *The Classical Review*, v. III, Oxford: The Association, 1889, pp. 265 – 269.

SEQUEIRA, Eduardo. *As Abelhas*. 10.ed., Porto: Editorial Domingos Barreira, 1921.

SÉRVIO. *Servii Grammatici Qui servantur in Vergilii Bucolica et Georgica*. Lipsiae: Berolini in, Aedibus: B. G. Teubneri, 1927(Recensuit Georgivs Thilo).

SIDWICK, M. A. Notes Book IV. In: *P. Vergili Maronis Opera*, Cambridge, At the University Press, 1894, pp. 116 – 136.

SILVA, Marilda Evangelista dos Santos. A Elegia em Roma. *Calíope - Presença Clássica*, ano I, Rio de Janeiro: UFRJ, 1985, pp. 97 – 109.

SILVA, Mariluze Ferreira de Andrade. A Racionalidade do Mito: Origem da Filosofia Grega. *Calíope - Presença Clássica*. Ano V, Rio de Janeiro: UFRJ, 1988, p. 71 – 76.

SMOLENAARS, J. J. L. Labour in the Golden Age – A Unifying Theme in Virgil's Poems. *Mnemosyne*, v. XL. Ludgvi Batavorum E. J. Brill, Leiden, NL: [SN], 1986, pp. 391 – 405.

SOUSA, Manuel Aveleza de. A Crença Helênica numa Vida *post Mortem*. *Calíope - Presença Clássica*. Ano II, Rio de Janeiro: UFRJ, 1985, pp. 115 – 125.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário de Mitologia Greco-Latina*. Belo Horizonte: Italiaia, 1965.

_____. *Pequeno Dicionário de Literatura Latina*. São Paulo: Cultrix, 1961.

SPURR, M. S. Agriculture and the *Georgics*. *Greece and Rome*, v. XXXIII, Oxford: Oxford University Press, 1986, pp. 164 – 187.

STAERMAN, E. A Luta de Classes no final da República. In: ANNEQUIN, J. (org.) *Formas de Exploração do Trabalho e Relações*

Sociais na Antiguidade Clássica, Lisboa - Portugal: Editorial Estampa, 1978, pp. 175 – 212.

STAMATO, Luiz Carlos. O Fatum na Epopéia Virgiliana. *Calíope – Presença Clássica*, ano II, Rio de Janeiro: UFRJ, 1985, pp. 115 – 125.

SUSTAETA, Javier de Echave. La Poesía de las *Geórgicas* – Expresividad Virgiliana. *Estudios Clásicos*, Tomo I. Madrid: Instituto San José de Calasanz, 1950 – 52, pp. 302 – 309.

TALBERT, Richard J. A. Augustus and the Senate. *Greece and Rome*, vol. XXXI, Oxford: Oxford University Press, 1984, pp. 55 – 63.

TANNUS, Carlos Antonio Kalil et alii. Literatura Latina e Realidade Histórica. *Calíope – Presença Clássica*, ano III, Rio de Janeiro: UFRJ, 1986, pp. 147 – 159.

TESTARD, R. P. M. Virgile, Saint Ambroise et l'Exsultet Autour d'un Problème de Critique Verbale. *Revue des Études Latines*, 1983, pp. 283 – 297.

THILL, Mme. Q. Virgili Auteur ou Modèle de la Ciris?. *Revue des Études Latines*, Bruxelles: La Société, 1975, pp. 116 – 134.

TRINGALI, Dante. O Orfismo. In: CARVALHO, Sílvia M. S. (org.) *Orfeu, Orfismo e Viagens a Mundos Paralelos*, São Paulo: UNESP, 1990, pp. 15 – 23.

VERDIERE, Raoul. A propos d'une Thèse Récente sur les Agronomes Latins. *L'Antiquité Classique*. Tome XLI, Louvain: [SN], 1972, pp. 608 – 614.

VERNANT, Jean – Pierre. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, Edusp, 1973 (trad. de Haiganuch Sarian).

_____. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Campinas: Papirus, 1992 (trad. Constança Marcondes César).

_____. *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992 (trad. Myriam Campello).

_____. Orfismo – Em Busca da Unidade Perdida. In: CARVALHO, Sílvia M. S. (org.) *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Campinas: Papirus, 1992, pp. 87 – 92 (trad. Constança Marcondes Cesar).

VISTA, V. E. Hernandez. Ana y la Pasión de Dido en el Libro IV de la *Eneida*. *Estudios Clásicos*, Tomo X, 47, Madrid, ES: La Sociedad, 1966, pp. 1 – 30.

_____. La Introduccion del Episodio de la Muerte de Priamo. *Estudios Clásicos*. Tomo VII, Madrid, ES: La Sociedad, 1963, pp. 120 – 136.

_____. Los Toros bajo el Imperio de Venus. Estudio Estilístico de *Georgicas* III, 209 – 241. *Estudios Clásicos*, Tomo XII, Madrid, ES: La Sociedad, 1968, pp. 497 – 514.

WEBER, Max. *Historia Agraria Romana*. Madrid: Akal Editor, 1982 (traducción V. A. Gonzalez).

WILLIAMS, R. D. Virgil. *Greece & Rome*, n.1, Oxford: Oxford University Press, 1967, pp. 3 – 22.

ZELIN, K. Princípios de Classificação das Formas. In: ANNEQUIN, J. (org.). *Formas de Exploração do Trabalho e Relações Sociais na Antiguidade Clássica*. Lisboa – Portugal: Editorial Estampa, 1978, pp. 55 – 85.

